Católicos x Protestantes

A Guerra dos Trinta Anos (1618-1648)



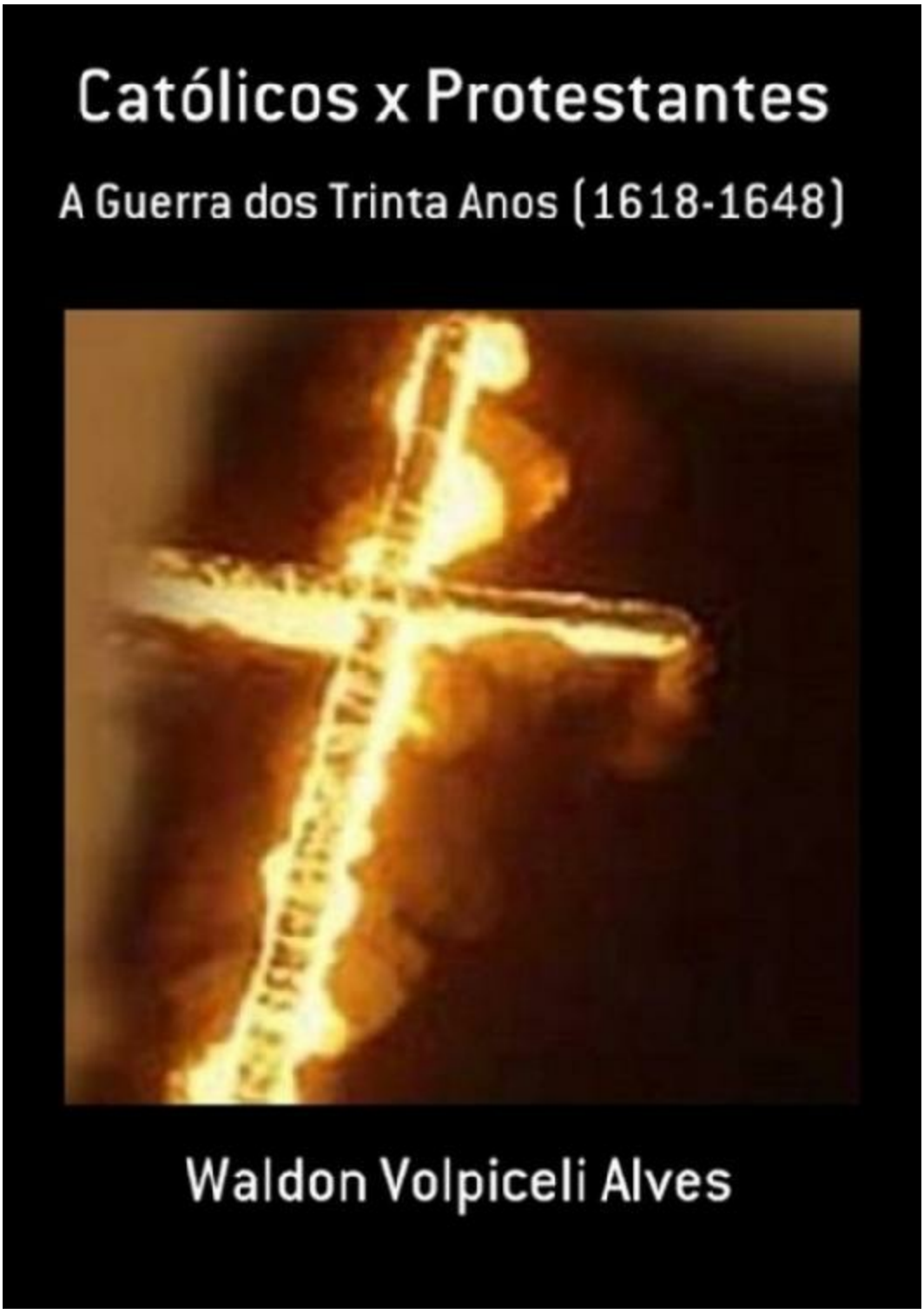
Waldon Volpiceli Alves

Waldon Volpiceli Alves

Católicos x Protestantes - A Guerra dos Trinta Anos (1618-1648)

BookRix GmbH & Co. KG
81669 Munich

Capa


Católicos x Protestantes
A Guerra dos Trinta Anos (1618-1648)
Waldon Volpiceli Alves

Introdução

Todas as fontes das informações contidas neste livro se encontram na bibliografia.

O número de mortos e feridos, bem com o número de soldados de algum exército ou habitantes de cidades constantes neste livro são arredondados, números aproximados, baseados em pesquisas históricas ou dados da época.

Todas as imagens e esquemas deste livro são de domínio público podendo ser reproduzidas por outras publicações à vontade, desde que citada a fonte, mas o texto continua protegido.

Era a segunda década do século 17. A Europa estava dividida. De um lado a Igreja Católica, que durante 1.300 anos governou quase sozinha a mentalidade dos europeus e agora enfrentava cisões. Do outro, diversas e diferentes igrejas, denominadas genericamente de evangélicas, ou protestantes, se quisermos usar um nome mais histórico. Desde o século 16, quando Lutero escreveu suas 95 teses, onde questionava os dogmas católicos, os protestantes haviam se expandido: Luteranos (essa é a igreja que surgiu dos ensinamentos de Lutero e a primeira de todas) na Alemanha do Norte, Suécia,

Noruega, Dinamarca. Calvinistas, igreja fundada por Calvino, na Holanda, Sudeste da França, metade da Suíça e grande parte da Inglaterra. Os Anglicanos, igreja fundada pelo rei da Inglaterra Henrique VIII, basicamente no seu próprio país, fora outras igrejas menores, mas igualmente ativas. Essa divisão religiosa, logo no seu inicio, causou tumultos, varreu e mudou conceitos, reformulou completamente a política e a economia européia, originou conflitos e dividiu mais ainda a já dividida Europa. Em uma sociedade onde religião e política se misturavam, onde o cristianismo fazia parte intrínseca da mentalidade dos europeus e onde cada igreja se dizia a real e pura doutrina de Jesus Cristo, aceitando pouco as outras, a guerra seria algo possível e infelizmente inevitável, mas nem o mais pessimista poderia imaginar que as divisões religiosas da cristandade européia poderiam causar a maior de todas as guerras de religião da história do continente e uma das maiores do mundo: a Guerra dos Trintas Anos, ocorrida de 1618 até 1648. Nesta guerra, onde praticamente todas as potências europeias se enfrentaram, encontramos de tudo: traições, maquiavelismo político, contradições, crueldades, patriotismo, rebeliões pela liberdade, ambições e religiosidade. Todos estes ingredientes são parte integrante deste gigantesco conflito militar que mudaria para sempre os rumos não só da Europa, como do planeta. Este livro abordará não só a guerra em si, mas também o antes dela. O surgimento das Igrejas protestantes; sua expansão e seus conflitos com a religião vigente; como a Igreja Católica se comportou diante deste desafio à sua autoridade como Igreja de Cristo e como as novas igrejas evangélicas mudaram o destino da Europa e do planeta, com suas novas ideias, não só religiosas, mas sociais e econômicas. Tudo neste pequeno livro. Bom conhecimento.

A Reforma Protestante

O alvorecer do século 16 conheceu a expansão da hegemonia do catolicismo. A Espanha havia derrotado o último bastião muçulmano da Europa Ocidental. Um novo continente havia sido descoberto e os seus habitantes, chamados de índios por Colombo, que acreditava ter chegado às Índias, no Oriente, estavam sendo convertidos à velha, para os índios, nova religião, embora as doenças que os europeus levaram sem querer ao continente, como a gripe e a varíola, estivessem exterminando estes novos católicos. Quem quisesse se considerar cristão nascia na Igreja Católica, não havia outras, pelo menos não na Europa Ocidental. A Igreja dominava sozinha a mentalidade do europeu. Para garantir a unidade cristã a Igreja usava a Inquisição, tribunal criado no século 12, que punia dissidências. Mas o espírito humano era inquieto. O Renascimento, movimento surgido na Itália na metade do século 15 e que ganhou força no começo do século 16, financiado pela própria Igreja, atingia em cheio a filosofia, as artes e a ciência com perguntas e questionamentos. Suas idéias eram revolucionárias, se comparadas à mentalidade medieval. Os renascentistas exaltaram o antropocentrismo, tanto na filosofia como nas artes. O antropocentrismo é uma concepção que considera o ser humano como centro do entendimento, sendo que o universo deve ser analisado de acordo com sua relação com este ser humano. Esta concepção se chocava com a mentalidade do teocentrismo, existente na Idade Média, que considerava, ao contrário do antropocentrismo, Deus como centro de tudo. Baseados no antropocentrismo a arte floresceu, como nas estátuas de Michelangelo ou na pintura de Leonardo da Vinci, onde o corpo humano era retratado, visando seu melhor entendimento. Este tipo de crença foi responsável pelo renascimento da medicina, basicamente a anatomia, do qual Leonardo da Vinci foi seu grande cultivador. Deste antropocentrismo surgiu também o hedonismo que é a busca

incessante por prazer e felicidade. Na cultura teocêntrica da Idade Média o ser humano deveria buscar o prazer só com Deus e desprezar as diversões terrenas. Já no hedonismo o ser humano busca o prazer também na Terra, ou seja, na Terra devemos buscar também a felicidade. Os renascentistas eram contrários à autoflagelação, aos jejuns, comuns na Idade Média, pois afirmavam que Cristo fora crucificado para que nós não mais sofrêssemos e, que, se auto-torturar, era considerar o sacrifício de Cristo na cruz como inútil. Do hedonismo surge também a exaltação do individualismo. Na concepção teológica da Idade Média, que exaltava o coletivismo, o ser humano era plural, suas crenças não deveriam ser diferentes do todo, deveriam refletir a sociedade em que ele habitava, no caso, a católica. Já no individualismo, pregado pelos renascentistas, o ser humano era responsável perante Deus (os renascentistas eram católicos fervorosos, mas tinham uma interpretação do cristianismo própria) e a liberdade religiosa deveria prevalecer. O individualismo, nascido com o Renascimento, representa certa liberdade já que a pessoa não precisa ser igual a determinado grupo social e deve ter suas opiniões pessoais respeitadas, sendo este um dos princípios da democracia moderna e da tolerância. Com o Renascimento surge também o racionalismo, onde a busca pela verdade, inclusive a divina, deveria ser feita pelo raciocínio, pela razão e não somente pela fé, como pregava a concepção vigente, já que com a fé a pessoa não questiona, não faz perguntas apenas aceitando determinada concepção como verdade. Os renascentistas defendiam a razão como forma de alcançar a verdade revelada por Deus, pela razão poderíamos conhecer não só a verdade divina, mas a sua criação, o porquê do mundo, entendendo melhor seus fenômenos naturais e também sociais.

O espírito renascentista, começando na Itália, basicamente nas cidades de Milão, Gênova, Veneza, Florença e Roma, vai se expandir, principalmente na Alemanha, França, Inglaterra e Holanda e, bem menos, em Portugal e Espanha. Este espírito, sem querer, vai influenciar o surgimento de uma nova corrente dentro do cristianismo, uma corrente que romperá a hegemonia católica, que nem o mais otimista dos renascentistas poderia imaginar que surgiria: o protestantismo.

O protestantismo, a primeira igreja, o luteranismo, do qual sairão todas as outras, surge na Alemanha através da iniciativa de um indivíduo: Martinho Lutero, alemão, monge agostiniano e professor da Universidade de Wittemberg. Lutero nasceu em 1483 na cidade de Eisleben. Criado no campo, o jovem Lutero recebe boa educação. Naquela época educação era para poucos. Na Europa o analfabetismo prevalecia, principalmente entre os pobres. O continente era rural. A maioria da população vivia no campo, como servos, sendo submetida ao regime feudal de produção. O regime feudal, ou feudalismo, surge no alvorecer da decadência do Império Romano e conseqüentemente do sistema escravista de produção. O que define um sistema econômico são as relações de trabalho nele aplicadas. O Império Romano, nas últimas décadas do século 3 estava em crise: faltava mão de obra, escravos para as lavouras. Havia uma crescente inflação, pois sem escravos a produção, principalmente a agrícola, caía. O Imperador da época, Diocleciano (que mandou assassinar perto de 1500 cristãos por estes recusarem a adorar os deuses romanos), que assume o poder no ano 284, após uma grande guerra civil que assolou o Império, institui uma reforma econômica interessante e inédita para garantir mão-de-obra para as lavouras dos grandes fazendeiros habitantes do Império Romano. Com a falta de escravos Diocleciano institui o regime de colonato. No colonato cada camponês recebia uma gleba de terra, que não era dele, mas do grande fazendeiro. O camponês poderia usar a terra para produção e deveria pagar um imposto pelo uso da terra ou dos instrumentos que ele usava para cultivar ou aos fazendeiros ou ao Estado, se ele estivesse em uma terra estatal. Ao fim do século 4, no entanto, o colono, o camponês que cultivava a gleba de terra do fazendeiro ou do Estado se tornou servo, pois ele passou a ser proibido de sair da terra onde morava, ou seja, passou a ficar preso à terra, não podendo sair dali sem a permissão ou do fazendeiro ou do Estado. Com a decadência do Império Romano, destruído pelos germânicos no século 5, as terras do Império foram divididas entre os diversos conquistadores das diferentes tribos germânicas. Cada tribo, que, por conseguinte, tinha diversos nobres, ficaram com grandes extensões de terra e adotaram o modelo romano de trabalho, onde o camponês estava preso à terra. Surgia assim o feudalismo

(feudo=fazenda, ismo=doutrina), que prevaleceu por toda a Europa ocidental e oriental. A Igreja Católica adotou o novo modelo econômico reformando-o socialmente dividindo o sistema feudal em clero: os membros da Igreja; nobreza: incluindo aí os reis, os donos da terra (o rei era aquele que guiava o Estado e podia doar terras para seus aliados, mas dentro do feudo o nobre poderia impor suas próprias leis aos camponeses desde que estas não conflitassem muito com o Estado), chamados também de Senhores Feudais e o povo: designação genérica daqueles que não eram nem da nobreza nem do clero. Foi neste sistema econômico e social que prevalecia na Europa por 1100 anos, que Lutero se educou.

Aos 18 anos, em 1501, ingressou na Universidade de Erfurt, estudando filosofia e grego. Ao se formar em 1505 ingressou na escola de Direito nesta mesma universidade. Tudo indicava que Lutero fosse levar uma vida normal. Sua diversão era tocar alaúde, um instrumento musical de corda parecido com o violão, e, claro, estudar, principalmente o grego, idioma do qual gostava muito. Mas uma única noite muda sua vida. Ele voltava para casa, depois de sair da universidade e entrou em uma floresta, pegando uma trilha, usada na época como atalho. No meio do caminho uma grande tempestade, com muitos relâmpagos e grande ventania, o pegou. Sem abrigo ele temeu pela vida. Aterrorizado, apelou a Santa Ana, pedindo sua intercessão e prometendo que se saísse dali se tornaria um monge. A tempestade foi diminuindo e Lutero, crendo ser isso um sinal, cumpriu sua promessa. Para desgosto do pai, abandonou a faculdade de Direito no final de 1505, vendeu todos os seus livros por bom preço (naquela época livros eram artigos de luxo e só os ricos os possuíam), tendo conservado alguns de poesia que gostava como os de Virgílio, poeta romano do século 1 antes de Cristo, e passou a estudar teologia visando se tornar um monge da ordem dos Agostinianos. Os Agostinianos surgiram da união, instigados pelo papa Inocêncio IV, em 1243, de várias comunidades de eremitas da região de Toscana, na Itália. A bula Incubit Nobis de Inocêncio IV instituiu oficialmente a ordem dos agostinianos, tendo este nome por passarem a ter como patrono Santo Agostinho e a viverem no celibato e na pobreza, se parecendo muito com os franciscanos, mas, diferente destes por serem menos atuantes, sendo mais voltados à

educação, fornecendo teólogos à Igreja. Santa Rita de Cássia foi membro desta ordem. Desde o começo os agostinianos aceitavam mulheres. Foi sendo monge que Lutero completou seus estudos de Teologia e também de Latim.

Na época de Lutero a bíblia só podia ser escrita em latim e a tradução para os idiomas nacionais era proibida pela Igreja. Sendo assim a leitura da bíblia era difícil até entre os escolarizados, pois a grande parte deles não falava nem lia neste idioma. Só monges, de ordens como a dos agostinhos ou outras e bispos e cardeais, e alguns padres, podiam, portanto, ler a bíblia. Dentro da Ordem Lutero passou, além de estudar muito, a meditar, inclusive com autoflagelações, jejuns, confissões e muita oração. A grande dedicação de Lutero o fez se tornar sacerdote em 1507. Em 1508 se tornou professor de teologia e grego na Universidade de Wittenberg, formando-se neste ano. Em 1512, terminou o doutorado em Teologia, tornando-se doutor em bíblia. Em 1515 se tornou vigário tendo sob sua supervisão 11 monastérios. Tudo parecia indo como o natural. Lutero, no entanto, teria outro choque. Ele viajou a Roma e voltou, segundo ele, decepcionado, dias depois. Conhece-se pouco que tipo de decepção Lutero teve na sua viagem, mas acredita-se que ele tenha presenciado casos de corrupção, inclusive sexuais. Seja como for, Lutero não voltou mais a ser o católico que sempre fora. Na viagem também tomou contato com as idéias renascentistas. Voltou a suas atividades como professor e se aprofundou mais ainda no estudo da Bíblia. Imbuído de algumas idéias renascentistas, principalmente do individualismo, Lutero passou a pesquisar principalmente uma parte da bíblia que começava à luz do individualismo renascentista, a analisar de maneira diferente da pregada pelo catolicismo tradicional: as cartas de Paulo. Idéias católicas como “penitência” e “honestidade” lhe ganharam outro aspecto ao ler as cartas de Paulo com mais atenção, sempre, claro, sob a luz de uma das idéias defendidas no Renascentismo: o individualismo. Lutero começou a defender a idéia da justificação apenas pela fé, sem obras. Segundo ele a graça divina é dada por Deus a quem lhe aprouver, sempre através de Jesus Cristo e recebido apenas com a fé do individuo. Passou a considerar todas as práticas católicas inúteis à salvação da alma. Lutero só admitia o

batismo e a eucaristia como sacramentos e passou a condenar os jejuns, as peregrinações, o celibato no clero e o próprio papado em si. Lutero guardou estas idéias para si, pois ele queria reformar a Igreja Católica, que considerava corrompida.

Surgia aí sua nova teologia, embora Lutero não quisesse a separação da Igreja. Ainda que discordando da Igreja nestes pontos Lutero continuava com suas atividades de sacerdote e monge, mas um ato da Igreja viria a fazer Lutero se revoltar de vez: a venda de indulgências. Para reformar a basílica de São Pedro em Roma o Papa Leão X em 1516 mandou vender indulgências, perdão dos pecados, em várias comunidades cristãs. Esta prática de vender indulgências existia no catolicismo desde 1190 e era usada esporadicamente quando a Igreja precisava de recursos financeiros para alguma obra. Segundo esta prática bastava a alguém, que tivesse cometido algum pecado, pagar determinada quantia à Igreja e, pronto, seus pecados estavam perdoados. A Igreja Católica, baseada em Mateus 16:19 e se considerando a verdadeira Igreja de Cristo, se achava no direito de perdoar pecados, exigindo certo sacrifício àqueles que quisessem o perdão, como ajudar a Igreja por exemplo. Mas é preciso entender a mentalidade da época. Muitos podem crer que esta prática era abusiva, visando tirar dinheiro de pessoas comuns, mas as indulgências vendidas eram usadas também, além de construções de Igrejas ou templos, para trabalhos de ajuda a, por exemplo, desabrigados em enchentes, vítimas de doenças ou construção de abrigos e hospitais. A Igreja se considerava a verdadeira fé de Jesus e perdoava os pecados de todos aqueles que ajudassem de algum modo, financeiramente, alguma obra feita por esta igreja, fosse de caridade ou não. Portanto a venda de indulgências não era abusiva, no sentido criminal do termo, mas para a mentalidade de Lutero e sua nova crença era perigosa à salvação do indivíduo, por uma única razão: ao comprar perdão por dinheiro, ainda que sendo por uma boa causa, como para ajudar alguma pessoa ou instituição em necessidade, esta pessoa não se arrependia dos seus pecados. Lutero, como sacerdote, notou este fato. A pessoa cometia algum pecado, comprava a indulgência, ajudava alguém ou a própria Igreja e voltava a pecar, sem culpa. O arrependimento, tão caro ao cristianismo, caía pela tangente.

Escandalizado com este fato Lutero percebeu que teria que agir. Sua ação ocorreu quando o frade Johan Tetzel fora recrutado para ser o responsável pela coleta de indulgências na região onde Lutero era sacerdote. Lutero, na igreja que ficava dentro da Universidade de Witenberg, proferiu, em 1517, violentos três sermões contra a prática de indulgências explicando seus motivos, como o arrependimento que não ocorria. Seus sermões culminaram com a escrita de suas 95 teses, marco do fundamento das igrejas evangélicas. Estas 95 teses foram aficcionadas na porta da igreja de Wittemberg. Graças a um novo invento, a prensa, criada por Gutenberg em 1450, as teses de Lutero foram rapidamente imprimidas e enviadas a várias universidades européias. Antes da invenção da prensa, os textos e livros eram feitos à mão, normalmente por monges copistas, como os agostinhos, por exemplo, e um único livro demorava meses para ser copiado e distribuído. Esta prática de copiar livros a mão era comum em todo o planeta, naquelas civilizações, claro, que tinham escrita. Com a invenção da prensa, um livro demorava apenas dias para ser copiado, aumentando a circulação do conhecimento escrito, embora as altíssimas taxas de analfabetismo inviabilizassem a leitura e fizesse o livro ser artigo de luxo, mas menos de luxo do que era antes. Gutenberg inventou a prensa para pagar dívidas, pois era membro da pequena nobreza e sua primeira cópia foi da Bíblia, vendida por ele em várias regiões da Europa. As 95 teses de Lutero passaram a ser amplamente discutidas não só na Alemanha, mas em muitas regiões da Europa. Nestas teses Lutero expõe suas idéias principais, leia-as agora, e entenda mais sobre a base em que as igrejas proterstantes surgiram:

Movido pelo amor e pela busca pela verdade discutirse-á em Wittenberg, sob a presidência do reverendo padre Martinho Lutero, o que segue. Por esta razão, aqueles que não puderem comparecer pessoalmente para tratar verbalmente conosco o façam por escrito.

Em nome do nosso Senhor Jesus Cristo. Amém.

1. Nosso senhor e mestre Jesus Cristo disse: arrependei-vos! Certamente Jesus quer que a vida do cristão na Terra seja um contínuo arrependimento.

2. Esta expressão não pode ser entendida como um sacramento de penitência, isto é, uma confissão e satisfação, a cargo dos sacerdotes.

3. No entanto, não deve ser entendida apenas como um arrependimento interno; pois este arrependimento não é válido quando não produz toda sorte de mortificações da carne.

4. O arrependimento e o pesar, o verdadeiro arrependimento, só perduram quando o homem desagrada a si, até a entrada no reino do céu.

5. O papa não tem autoridade de dispensar penas, além das que ele

impôs ou de acordo com os cânones, estatutos papais.

6. O papa não pode perdoar pecados senão aqueles que já foram perdoados por Deus, ou então o fazem em casos que lhe foram reservados, neste caso sendo a dívida anulada ou perdoada.

7. Deus não perdoa os pecados de ninguém sem que a pessoa se subordine ao sacerdote, ao vigário.

8. Os cânones penitenciais só podem ser impostos aos vivos e, de acordo com estas ordenanças, não dizem respeito aos falecidos.

9. O Espírito Santo só atua mediante o papa, excluído este de todos os decretos ou direitos em relação à morte.

10. Fazem mal os sacerdotes que impõe penitências aos falecidos ou penitências para o purgatório a fim de ali serem cumpridas.

11. Este joio, que é o de transformar a penitência, em penitência ou penas do purgatório, foi semeado quando os bispos estavam dormindo.

12. Antes se impunha a penitência a pecados cometidos, não depois, mas antes da absolvição, com a finalidade de provar a sinceridade do arrependimento.

13. Os falecidos, com sua morte, estão mortos para o direito canônico, sendo dispensados de sua imposição.

14. Piedade ou amores imperfeitos da parte daquele que está prestes a falecer necessariamente resulta em grande temor; logo quanto maior a piedade, maior o temor.

15. Este temor e horror em si só, bastam para causar o tormento e o horror do purgatório, pois que se avizinham da angustia do desespero.

16. Inferno, purgatório e céu parecem ser tão diferentes um do outro quanto o desespero completo, o incompleto ou certeza.

17. Assim como no purgatório as almas diminuem a angústia e o espanto, nelas também deve crescer o amor.

18. Não foi provado, nem pelas boas obras nem pela escritura, que as almas no purgatório, se encontram fora do mérito ou de crescimento no amor.

19. Também parece não ter sido provado que as almas no purgatório tenham certeza que serão salvos e não temam por ela, não obstante nós termos certeza deste fato.

20. Portanto, entendendo-se remissão de pecados, o papa não tem este poder, mas somente em penas por ele impostas.

21. Erram todos aqueles que vendem indulgências acreditando que o papa pode remir e perdoar pecados.

22. O papa não dispensa almas do purgatório de pecados que não foram perdoados nesta existência.

23. Se há perdão total dos pecados ele será dado somente aos mais perfeitos, que são muito poucos.

24. Por isso o povo é enganado com as maravilhosas promessas de perdão, impressionando-se o homem simples de ter seus pecados perdoados.

25. O poder que o papa tem sobre o purgatório, qualquer bispo ou cura tem no seu bispado ou em sua paróquia.

26. O papa faz bem em dar perdão às almas não pelo poder das chaves, (que ele não tem), mas por sua intercessão.

27. Pregam doutrinas humanas todos os que dizem que ao cair a moeda na caixa a alma sai do purgatório.

28. Certo é que, ao cair a moeda na caixa só aumentam o lucro e a cobiça; a intercessão da Igreja só ocorre por vontade de Deus.

29. Quem tem certeza de que as almas querem ser resgatadas do purgatório? Dizem que isto ocorreu com São Severino e São Pascoal.

30. Ninguém tem certeza da plenitude de seu arrependimento, nem de que possa ter alcançado pleno perdão dos pecados.

31. Tão raro como quem é realmente penitente e arrependido, tão raro é o que encontra total perdão, sendo bem poucos estes.

32. Serão condenados aqueles que julgam ser salvos comprando indulgências.

33. Deve-se ter cuidado com aqueles que dizem que as indulgências do papa são preciosas e sublimes e que ele se reconciliou com Deus.

34. Pois os pecados perdoados pelas indulgências são somente aquelas determinadas por seres humanos apenas.

35. Não pregam com honestidade aqueles que dizem que os que querem ser salvos ou adquirir brevês de confissão não precisam de arrependimento.

36. Todo cristão que realmente se arrepende e sente pesar não precisa de carta de indulgência para ser salvo.

37. Todo cristão verdadeiro, seja vivo ou morto, tem participação em todos os bens de Cristo e da Igreja, dádiva de Deus, ainda que não tenha indulgência.

38. Mas ainda que consiga estas bençãos não se deve desprezar o perdão do papa, pois, conforme declarei, seu perdão constitui declaração do perdão divino.

39. É muito difícil, até para os mais doutos teólogos, exaltar perante o povo as riquezas das indulgências e ao contrário o arrependimento e o pesar oriundas dela.

40. O verdadeiro arrependimento busca as penas, mas a profusão das indulgências faz o povo odiar as penas, pelo menos quando há oportunidade para esse fato.

41. É preciso pregar com cuidado sobre as indulgências papais para que o povo não as julgue melhores que as demais obras de caridade ou de amor.

42. Deve-se ensinar aos cristãos que não é pensamento nem vontade do papa que a compra de indulgências possa, de alguma maneira, ser comparada com as obras de caridade.

43. Deve-se ensinar aos cristãos que aqueles que ajudam diretamente aos pobres e aos necessitados fazem melhor do que comprar indulgências.

44. Através das obras de caridade é que cresce o amor e a pessoa se torna mais piedosa, ao passo que com as indulgências ela não se torna melhor, senão mais seguro e livre da pena.

45. Deve-se ensinar ao cristão que aquele que não auxilia um necessitado, mas ao invés disso compra indulgências, recebe o perdão do papa, mas recebe também a ira de Deus.

46. Deve-se ensinar aos cristãos que, se eles não tiverem bens em abundância, guardai-os em vez de gastarem com indulgências.

47. Deve-se ensinar aos cristãos que a compra de indulgências é livre e não são obrigados a assim proceder.

48. Deve-se ensinar aos cristãos que se o papa precisa conceder

indulgências, de igual maneira, no entanto, ele deseja mais uma oração devota a seu favor do que dinheiro.

49. Deve-se ensinar aos cristãos que as indulgências do papa são úteis se não acreditamos nelas, mas perigosas se perdemos o temor de Deus.

50. Deve-se ensinar aos cristãos que, se o papa soubesse das corrupções que os vendedores de indulgências fazem preferiria o Papa destruir a Basílica de São Pedro do que a ser edificado com a pele, a carne e os ossos de suas ovelhas.

51. Deve-se ensinar aos cristãos que o papa estaria disposto, por seu dever, a distribuir àqueles que precisam todo o seu dinheiro do que usar o dinheiro despojado deles pelos vendedores de indulgências, vendendo, se preciso fosse, a própria catedral de São Pedro.

52. Inútil é confiar que as indulgências salvam, ainda que o papa e os pregadores de indulgências dessem sua alma por essa salvação.

53. São inimigos de Cristo e do papa aqueles que, ao pregarem indulgências, deixam de pregar a palavra de Deus.

54. Comete-se injustiça contra a palavra de Deus quando, em um sermão, se dedica tanto ou mais tempo às indulgências do que a ela.

55. A atitude do papa não pode ser outra, pois se ele, ao passar as indulgências, que é causa menor, com um sino, uma pompa e cerimônia, então o Evangelho deve ser celebrado mediante cem

sinos, centenas de pompas e cerimônias.

56. Os tesouros da Igreja, dos quais o papa tira as indulgências, não são mencionados e nem conhecidos na Igreja de Cristo.

57. É evidente que eles não são bens temporais, pois os pregadores não os distribuem com facilidade, antes o ajuntam.

58. Eles tampouco são os merecimentos de Cristo e dos santos, pois estes sempre atuam independente do papa, operando a salvação do homem interior e a cruz, a morte e o inferno para o homem exterior.

59. São Lourenço dizia que os pobres são o tesouro da Igreja, mas no sentido que a palavra era usada em sua época.

60. É sem temeridade e leviandade que dizemos que estes tesouros são a chave da Igreja a ela dado pelo merecimento, por Cristo.

61. Pois está claro que, para a remissão dos castigos e dos pecados em determinados casos, o poder do papa por si só é suficiente.

62. O verdadeiro tesouro da Igreja é o santíssimo Evangelho da glória e da graça de Deus.

63. Este tesouro, entretanto, é muito desprezado e odiado, porque faz com que os primeiros sejam os últimos.

64. Em contrapartida, o tesouro das indulgências é o mais apreciado,

pois faz dos últimos os primeiros.

65. Por esta razão, os tesouros do Evangelho outrora foram as redes com que se pescavam os homens possuidores de riquezas.

66. Os tesouros das indulgências, por sua vez, são as redes com que hoje se pescam a riqueza dos homens.

67. As indulgências apregoadas pelos seus vendedores como as maiores graças decerto assim são, pois lhe trazem grandes riquezas.

68. Por isso semelhante indigência não deixa de ser a mais íntima graça em comparação com a graça de Deus e a piedade na cruz.

69. Os bispos e curas são obrigados a receber com toda reverência os comissários de indulgências apostólicas.

70. Têm, porém, a obrigação ainda maior de conservar abertos olhos e ouvidos para que esses comissários não preguem os seus próprios sonhos em vez de cumprir o que o papa lhes ordenou.

71. Quem fala contra a venda das indulgências apostólicas é excomungado e maldito.

72. Seja abençoado, porém, quem falar contra as palavras arrogantes e insolentes dos apregoadores de indulgências.

73. Assim como o papa, com razão, fulmina aqueles que, de

qualquer forma, procuram defraudar o comércio de indulgências.

74. Muito mais deseja atingir com a excomunhão aqueles que, a pretexto das indulgências, procuram defraudar a santa caridade e a verdade.

75. Considerar as indulgências do papa tão poderosas a ponto de poder absolver alguém dos pecados, ainda que tenha desonrado a mãe de Deus, significa ser louco.

76. Ao contrário, afirmamos que a indulgência do papa não pode anular nem o menor pecado venial em que diz respeito à culpa.

77. Afirmar que São Pedro, se fosse papa atualmente, não poderia dispensar as indulgências significa blasfemar contra São Pedro e o próprio papa.

78. Ao contrário, dizemos que também este papa, assim como qualquer outro, tem indulgências bem maiores, isto é, o Evangelho, as virtudes, os dons de curar, etc., como está escrito em 1 Coríntios 12.

79. Comparar a cruz de indulgências do papa, colocada na Igreja, e dizer que tem tanto valor quanto a de Cristo é blasfêmia.

80. Terão que prestar contas os bispos, padres e teólogos que defendem estas coisas perante o povo.

81. Semelhante pregação, a de defesa das indulgências, faz com que

os doutos tenham dificuldade em defender o papa contra a maledicência e a oposição dos leigos.

82. Eis um exemplo: por que o papa não retira todas as almas do purgatório por santíssima caridade e em face da necessidade das almas, o que seria muito justo, quando em troca de vil dinheiro para a construção da Catedral de São Pedro, livra apenas algumas poucas almas, logo por motivo muito insignificante?

83. Outro exemplo: por que se mantêm as exéquias e as orações pelos falecidos, e porque não se devolve as doações, visto que já não é justo orar pelos já resgatados?

84. Outrossim: que nova piedade de Deus e do papa é esta que permite a um ímpio ou inimigo resgatar alguma alma piedosa e agradável a Deus por dinheiro e não resgatar esta alma piedosa por puro amor e sem pagamento?

85. Ainda: porque os cânones de penitência, que já há muito caducaram pelo desuso, ainda são resgatados à base de dinheiro em forma de indulgências como se continuassem ativos e com vigor?

86. Igualmente: por que o papa, cuja riqueza é maior do que o dos mais principescos crassos, não edifica com seu próprio dinheiro a Basílica de São Pedro, ao invés de contruí-lo com o dinheiro dos fiéis pobres?

87. Ainda: o que o papa concede àqueles que, pela penitência perfeita, assiste o direito à indulgência plenária?

88. Afinal: que maior bem poderia receber a Igreja se o papa, assim como já o faz, 100 vezes ao dia concedesse semelhante indulgência a qualquer dos fiéis a título gratuito?

89. Se o papa está mais interessado na salvação das almas do que em dinheiro, porque revoga as indulgências por ele concedidas, aos quais atribuía as mesmas virtudes?

90. Reprimir estes tipos de argumentos sagazes dos leigos com violência em vez de argumentos lógicos significa entregar a Igreja e o papa à zombaria dos inimigos e desgraçar os cristãos.

91. Se as indulgências realmente fossem pregadas em conformidade com o espírito e sentido do papa, argumentos como estes nem teriam surgido.

92. Fora, pois, com todos estes profetas que dizem ao povo de Cristo: "Paz, paz!" e não há paz!

93. Abençoados sejam todos os profetas que dizem ao povo de Cristo: "Cruz! Cruz!" e não há cruz!

94. Devem-se exortar os cristãos a que se empenhem por seguir sua Cabeça, Cristo, através das penitências, da morte e do inferno.

95. E, assim, esperem mais entrar no reino dos céus através de muitos infortúnios do que facilidades vindas de consolos infundados.

[1517A.D.]

Algumas considerações precisam ser feitas. As teses de Lutero não são dogmáticas, são principalmente, como você notou, criticas, principalmente às indulgências que ele considera não só inúteis à salvação como também perigosas em dois sentidos, tanto para quem as compra, já que quem as compra não se arrepende nem de pecados mais graves, fazendo tudo de novo, e também de quem as vende, sendo tentado pela corrupção do dinheiro abundante. Interessante também é analisar a tese 38. Nesta tese perceba que Lutero ainda não é cismático, pois ainda respeita a figura do papa já que acredita poder reformar a Igreja. Na tese 40 Lutero, que é agostiniano, ainda defende a penitência e o castigo como forma de melhora do ser humano. Em suma, estas são as 95 teses, marco do surgimento das Igrejas Evangélicas, embora, como bem foi dito, Lutero ainda não quisesse o cisma, mas somente a reforma.

As 95 teses, espalhadas pela Europa, foram amplamente discutidas, em universidades, salões e debates. A notícia das teses chegou a Roma e a Igreja fez pouco caso delas. Espalhou estórias afirmando ser Lutero um bêbado e quando ficasse sóbrio cairia em si e mudaria de opinião. O Papa Leão X ordenou ao professor de teologia Silvestro Mazzolini que investigasse o assunto. Ele apresentou ao Papa no começo de 1518 um relatório completamente desfavorável a Lutero, afirmando que o monge agostiniano desafiava a autoridade do Sumo Pontífice e declarando ser Lutero um herege. A reação da Igreja chegou a Lutero, que, agora famoso em toda a Europa, acabou por fazer novas pregações. Desta vez expôs em sua Igreja e na universidade a idéia da graça divina e da escravidão do homem ao pecado, base da doutrina evangélica. Segundo Lutero a salvação não se dá por obras, mas pela fé somente. Nos debates sobre as indulgências, e percebendo que a Igreja não aceitou suas teses, Lutero se tornou mais radical em suas pregações. Passou a desafiar abertamente a autoridade do Papa, pois a venda de

indulgências havia sido sacramentada pela bula papal “Unigenitus” de 1343 do Papa Clemente VI. Lutero foi qualificado como heresiarca pelo Papa Leão X e foi ordenado a Lutero ir até Roma, mas Lutero recusou-se. Lutero se tornou mais radical ainda: afirmou que o papado como instituição não fazia parte da igreja primitiva e passou a defender a tomada das terras e dos bens da Igreja pelos nobres alemães, afirmando não ser pecado tal prática. Esta última pregação em particular interessou a muitos senhores feudais, nobres, principalmente os de pequena extensão de terras. A Igreja era uma grande latifundiária e senhora feudal em territórios alemães e muitos nobres passaram a se aproveitar dos discursos de Lutero e a atacar algumas terras da Igreja incorporando-as a seus feudos. O príncipe eleitor da Saxônia, Frederico, o Sábio (ele tinha este título por ter sido ele o financiador principal da construção, em 1502, da Universidade de Wittemberg, do qual Lutero foi estudante e professor) passou a apoiar Lutero e lhe ofereceu proteção, pois a Inquisição já queria lhe fazer perguntas. Uma conversa com o representante do Papa na Alemanha, Kar Von Miltitz, em janeiro de 1519, fez com que Lutero ficasse em silêncio não mais participando de debates ou ministrando aulas. Ele também foi instigado pelo representante a escrever uma carta pedindo desculpas ao Papa com a promessa de que tudo seria esquecido e que a Inquisição não o perturbaria. Lutero, no entanto, nunca escreveu tal carta. Um colega de Lutero e propagandista de suas idéias foi convidado para um debate em Leipzig. Rompendo o silêncio Lutero resolveu ir com ele. Isto ocorreu em junho de 1519. No debate, em que apareceram milhares de estudantes e nobres, Lutero foi agressivo: negou o direito divino do papa e a idéia de que a Igreja possuía as chaves de São Pedro. Lutero negou inclusive que Pedro fosse Papa ou bispo de Roma, como a Igreja Católica sempre afirmara e elogiou os ortodoxos, membros da Igreja do Oriente que haviam se separado do catolicismo em 1054. Johann Eck, o organizador do debate, afirmou que Lutero se assemelhava a João Huss, um pregador tcheco que foi queimado pela Inquisição em 1410 por defender idéias parecidas às de Lutero. que copiou suas t de peste bubonica ageneral am, mas foram perdendo posiçandou tropas Após Johann Eck ter comparado Lutero a Huss, o debate acabou tendo Lutero sido ovacionado em público. Seus escritos, graças à

prensa, circulavam em toda a Europa. A Inquisição conseguiu censurá-los na Espanha e em Portugal, mas na França e também em alguns Estados e condados alemães, na Inglaterra e em grande parte da Itália a censura foi impossível. Caravanas de estudantes afluíam a Witemberg para escutar Lutero. Seus sermões se tornaram mais profundos. Em 1519 publicou um pequeno artigo em forma de sermão: "Sermon von guten Werken" (Sermão das Boas Obras), em que se mostrava contrário à doutrina das boas obras, afirmando ser somente a fé a única a dar a salvação. Estava aí lançado uma das idéias principais adotadas pelas igrejas evangélicas: a salvação pela fé somente. Segundo esta crença as boas obras só eram aceitas por Deus se fossem feitas por meio da fé, não como forma de purgação de pecados ou mera caridade. A fé faria, automaticamente, que o cristão fizesse boas obras. Ele defendeu também a Bíblia como única fonte de autoridade para o cristão, sendo esta crença a outra grande base das igrejas evangélicas. Em 1520 Lutero contou com a adesão de grandes nobres como Von Sickingen e Silvestre de Schauenbur e também com a adesão total de intelectuais conhecidos para sua causa, como Melanchton, ou adesão parcial, como Erasmo de Roterdã. Lutero escreveu também o artigo "À Nobreza Cristã da Nação Alemã" onde recomendava aos nobres que fizessem a reforma requerida por Deus, entendido a reforma que Lutero pregava (interessante notar que Lutero começava a considerar suas idéias como vindas de Deus embora condenasse este tipo de comportamento nos papas). Pela primeira vez também Lutero chamou o Papa de Anticristo. Lutero passou a condenar o celibato no clero, a exigir a reforma nas universidades submetendo-as ao Estado tirando o controle da Igreja de dentro delas, a afirmar a inutilidade das peregrinações, dos jejuns e das autoflagelações, rompendo completamente com suas crenças agostinianas que inclusive tinham sido defendidas em parte em suas 95 teses, pedindo a extinção dos conventos e passando a pregar, de novo, que só o Batismo e a Eucaristia eram sacramentos válidos, condenando como inúteis os outros cinco sacramentos, que compõe os sete sacramentos da Igreja Católica, sendo estes: Batismo, Eucaristia ou Comunhão, Crisma, Reconciliação ou Penitência, Ordem Sacerdotal, Matrimônio e Extrema Unção. Lutero só admitia como válidos os dois primeiros,

admitindo inclusive a crença de que Cristo aparecia com seu corpo no ato da Eucaristia. O matrimônio poderia ser feito pelo Estado, tirando os casamentos da Igreja.

No fim de 1520 publica outro artigo: "A liberdade de um cristão", afirmando que o cristão é livre, mas também prisioneiro. Livre pela fé e preso pelo amor. Só Deus poderia comandar a vida do cristão, sendo os padres sem valor. O papa advertiu Lutero de que ele seria excomungado a menos que repudiasse 41 pontos de sua doutrina. Em resposta Lutero enviou o seu artigo "A liberdade de um cristão" ao papa, afirmando que nao se submete a nenhuma autoridade papal, só a Deus. O Papa Leão X escomungou Lutero e o expulsou de sua ordem, a dos Agostinhos. Em resposta, em 1521, ao receber a carta de excomunhão, Lutero se reuniu na frente de centenas de pessoas e rasgou, na frente de todos, a carta que o excomungava. Ele passou a se tornar mais radical ainda incitando os nobres a tomarem as terras nao só da Igreja, mas também dos monastérios e a destruí-los financeiramente. Alguns poucos nobres já haviam tomado pequenas partes de terras da Igreja antes, mas com a pregação destas idéias, muitos deles se tornaram aliados de Lutero. Finalmente o rei em pessoa, Carlos V, rei do Sacro Império Romano-Germânico (o Sacro Império Romano-Germânico compreendia a Alemanha, a Áustria e o norte da Itália e englobava estados autônomos como a Suiça e a Holanda. Um mapa do Sacro Império Romano-Germânico está na página 130) e também, naquela época, rei da Espanha, pois era um dos netos de Fernando II de Aragão, convocou a Dieta de Worms para julgar o caso de Lutero. Pela primeira vez tanto Espanha quanto o Sacro Império tinham um rei em comum. Isso só foi possível porque Carlos V era filho de Joana de Castela que havia tido um romance e se casado com o filho do rei do Sacro Império Romano-Germânico, nascendo deste romance Carlos V em 1500. Este, em 1516, foi aclamado por alguns nobres espanhóis como herdeiro do trono, pois sua mãe, Joana de Castela, apresentava problemas mentais. Carlos V, com o apoio financeiro de banqueiros como os Fugger, acabou tomando o poder na Espanha em 1516 sendo consagrado como Carlos I, rei da Espanha. Sua mãe, Joana, foi exilada em um castelo. Para tomar posse do trono Carlos, que não falava espanhol, pois fora criado nos Países Baixos pela sua tia, que era austríaca, foi à

Espanha com uma comitiva de Flamengos (os Flamengos são um povo que habita os Países Baixos e eram aliados de Carlos) e determinou como regente da Espanha o nobre Adriano de Ultrech e a comitiva flamenga comandou o país. Tudo isso ocorreu em 1517. O regente no entanto enfrentou a revola dos Comuneros, iniciando um período de guerra civil na Espanha. As tropas imperiais espanholas derrotaram os Comuneros na batalha de Villalard, acabando com a revolta. O avô de Carlos, Maximiliano I da Áustria, rei do Sacro Império Romano-Germânico faleceu em 1519. O pai de Carlos, filho de Maximiliano I da Áustria, Felipe de habsburgo, havia falecido em 1506. Carlos, rei da Espanha, foi eleito pelos nobres do Sacro Império Romano-Germânico ainda em 1519 como Imperador com o título de Carlos V. Assim Carlos V ficou sendo rei da Espanha e também do Sacro Império Romano-Germânico. Foi esse Carlos V quem convocou a Dieta de Worms (este nome em homenagem à cidade de Worms onde foi feita a Dieta) em 1521 para julgar o caso de Lutero. Convocado pelo rei, Lutero não pôde recusar. Compareceu diante de Carlos V que determinou que ele abjurasse das suas idéias anticatólicas. Lutero tentou se defender, negando-se a assim proceder, e pedindo ao rei que fosse o líder da Reforma. Carlos V recusou, pois simpatizava com o catolicismo. Lutero foi então obrigado a deixar a cidade de Worms, e a Dieta passou a tratar de outros assuntos. O fim da Dieta marcou o lançamento do Édito de Worms em maio de 1521 em que Lutero foi declarado bandido. O catolicismo vencia esta batalha, pois tinha ninguém menos que o próprio imperador a seu lado, embora uma boa parte da nobreza estivesse ainda do lado de Lutero. Ao retornar de Worms, no caminho, Lutero foi sequestrado por um grupo de homens à cavalo. Estes homens trabalhavam para Frederico, o Sábio e levaram Lutero ao castelo de Wartburg, onde lá permaneceu por um ano. Carlos V não pôde pegar Lutero ali, pois cada feudo, embora subordinado ao imperador, tinha leis próprias, seguindo o modelo feudal de produção, mas se Lutero saísse dalí seria preso. Foi neste castelo que Lutero traduziu a Bíblia do latim para o alemão, imprimindo a tradução em 1522. Traduzido para o alemão muitos nobres e estudantes podiam ler a bíblia. As idéias de Lutero continuaram a ser comentadas em toda parte, gerando dissidências. Um grupo começou a se constituir

na Alemanha: os anabatistas. Seita criada no fim de 1522 por três homens: Georg Blaurock, Conrad Grebel e Félix Manz, os anabatistas pregavam que o batismo de bebês era um dos erros do catolicismo e que só adultos ou jovens poderiam ser batizados. A crença começou a se espalhar e os anabatistas começaram a se batizar entre si (daí que entendemos o nome da seita, pois ana significa de novo) publicamente e a pregar abertamente a inutilidade do batismo de crianças. Lutero ensinava o batismo, do modo católico, em crianças também. Construiram sua primeira igreja perto da fronteira com a Suíça em 1525 e neste país a igreja se expandiu. Os anabatistas seriam uma das primeiras igrejas protestantes de muitas que surgiriam. Em 1522 Carlos V é pressionado por alguns nobres e deixar de considerar Lutero fora-da-lei. Este passou a ter permissão para circular na região do Sacro Império Romano-Germânico, mais só ao norte do império onde muitos nobres o apoiavam. Apesar da permissão o imperador não adota nem apoia a Reforma.

Lutero passou a percorrer várias regiões da Alemanha pregando seus sermões, conhecidos por "Sermões de Invocavit", onde Lutero restaurou por um tempo a consagração do pão, suprimindo o cânon das missas, e restaurando, em uma outra forma, o sacramento da confissão, que passou a ser feita sob a forma de conselhos, dados também por Lutero. Desenvolve também a idéia de vocação. Segundo Lutero vocação é o chamado de Deus que determinada pessoa acaba impelida a obedecer ainda que não goste muito. Esta idéia de vocação se tornará comum no mundo do trabalho e dos estudos. Baseado na idéia da vocação Lutero também desenvolve a idéia da predestinação absoluta, onde defende a idéia de que o destino da pessoa já está traçado desde o nascimento, embora não negue o livre-arbítrio, que seria, segundo Lutero, uma escolha do ser humano, embora sua natureza predestinada o empurre contra sua vontade. Um exemplo seria aquele que tinha vocação para o sacerdócio, mas tentava não seguir esta vocação, isto seria o livre-arbítrio, uma tentantiva do homem de não seguir o que Deus determinou para ele, mas que não era pecado ter.

Em 1523 Lutero conhece uma freira, fugida de um convento, Catarina Von Bora e se apaixona. Ainda celibatário resiste ao casamento, mas acaba cedendo. Casa-se e tem 6 filhos com Catarina

(3 homens e 3 mulheres, mas um dos filhos homens morre na infância de doença). Amigos de Lutero insistem que a Igreja Católica jamais aceitará a reforma proposta por ele e querem criar uma nova igreja. Lutero aceita e surge a Igreja Reformada ou Igreja Evangélica de Confissão Luterana. Os nobres, dentro dos seus feudos, que aceitaram as idéias de Lutero, passam a forçar a conversão dos camponeses habitantes de seus feudos às idéias do reformador. A conversão em massa dos camponeses foi relativamente fácil. A maioria do povo nem participava das discussões da Reforma. Sem escolaridade e com um conhecimento baixo do cristianismo, ensinado somente pelos padres, e sem perceber muito bem qual a diferença entre catolicismo e as idéias da Reforma os camponeses adotaram a nova Igreja. Sem os padres, normalmente expulsos dos feudos chefiados por nobres luteranos, a conversão se tornava fácil.

As idéias de Lutero também passaram a avançar para outras regiões. Concentrada no norte da Alemanha, o luteranismo foi adotado por nobres da Dinamarca, Suécia e Noruega, que também forçaram os habitantes de seus feudos a adotarem o novo credo, procedendo de igual maneira aos nobres alemães. Alguns nobres passaram, principalmente no norte da Alemanha, a invadir terras de mosteiros e da própria Igreja anexando-as a seus feudos. Carlos V, não querendo guerra com estes nobres, nada faz, embora permaneça simpático à causa católica. As ideias de Lutero angariaram seguidores em diversas partes da Alemanha.

O avanço da seita dos anabatistas fez com que muitas das idéias de Lutero fossem adotadas por aqueles que visavam transformar a ordem social da região. Um destes foi Thomas Muntzer, um padre católico, versado em grego, latim e hebraico. Carismático seus sermões eram concorridos, principalmente entre os camponeses mais pobres, pois Muntzer, apesar de sua cultura elevada, falava como os pobres, do jeito deles, usando inclusive muito do linguajar próprio dos camponeses. Em 1521, ainda como padre católico, adotou várias teses de Lutero. Mais radical que Lutero, no entanto, Muntzer pregava que o cristão não devia estar submetido a ninguém. Lutero só pregou isto no plano espiritual. A novidade de Muntzer foi sua pregação também no campo terreno. Ele pregava a destruição da ordem feudal vigente, pela violência inclusive, e sua substituição por um governo

teológico voltado aos camponeses. Pregando em sua paróquia Muntzer conseguiu muitos seguidores para sua causa, principalmente entre os camponeses. Por causa de suas pregações foi expulso de um feudo próximo à cidade de Zwickau em 1521, no que foi seguido por centenas de camponeses. Presos à terra, estes camponeses não poderiam ter saído o que fez com que o exército do imperador fosse alertado e os camponeses voltaram ao feudo. Em 1523 Muntzer adota a crença dos anabatistas e se junta a outros que pensavam semelhantemente a ele. Eles passam a fazer pregações em diversas partes da Alemanha, angariando simpatizantes e também conversos para o anabatismo. Estes passaram a ser perseguidos por causa de sua crença sobre o batismo. Melanchton, o intelectual que se uniu a Lutero, argumentou que a oposição deles ao batismo de bebês iria produzir uma sociedade pagã e incitou nobres a prendê-los e persegui-los. Alguns anabatistas foram presos e assassinados, mas suas mortes lhes deram áurea de martírio, angariando mais seguidores ao anabatismo. Em 1523 Muntzer casa-se com uma ex-freira a abandona de vez a batina. No fim de 1523 problemas climáticos em várias partes da Alemanha, como secas, destroem as colheitas e uma onda de fome se alastrou por várias partes da região central e sudeste alemãs. Muitos camponeses ficaram desesperados e passaram a ouvir as palavras de Muntzer e de seus seguidores que pregavam a destruição da ordem feudal vigente. Em 1524 a situação de miséria dos camponeses se agrava, ocorrendo tumultos em diversos feudos no país. As péssimas colheitas deste ano causam desabatecimento de alimentos até em algumas cidades. Aproveitando-se de alguns tumultos Thomas Muntzer, no oeste da Alemanha, inicia um pregação violenta contra as autoridades e incita os camponeses a invadirem os quartéis onde armas se encontram e a destruir castelos e assassinar nobres, pois o reino de Deus na Terra iria, com estes atos, segundo Muntzer, ser apressado. Centenas de camponeses atendem ao apelo e invadem castelos de senhores feudais, destruindo-os. O movimento se alastra. Os camponeses revoltosos invadem feudos, destroem castelos, assaltam quartéis, tomam armas e o número deles aumenta. Outras rebeliões explodem no centro e no sul da Alemanha, chegando até na Suíça e Áustria. Alguns revoltosos recebem auxílio militar de nobres que detinham

poucas terras, na esperança de que estes assassinassem nobres com extensões de terra maiores e assim aqueles nobres, proprietários de pequenas extensões de terra, poderiam se aposssar de mais terras. A situação fica mais grave. Vastas extensões do oeste, sul e centro da Alemanha explodem em revoltas. Muntzer parte para a Turíngia, um grande Estado alemão, quase no centro do país, junto com alguns de seus antigos seguidores que também haviam fomentado revoltas, conhecidos como “profetas” de Zwickau. Em Wittenberg escolas e grande parte dos seus estudantes tomaram partido dos “profetas” e a Universidade foi fechada. O imperador Carlos V culpou Lutero e suas idéias anticatólicas pelas revoltas e determinou que o exército imperial as reprimisse. A guerra se alastrou. Muntzer e os “profetas” de Zwickau, na Turíngia, se uniram e lideraram o movimento. O exército imperial conseguiu conter várias revoltas no sul da Alemanha, mas tinha dificuldades no oeste e centro do país. Lutero, no norte, escreve o artigo: “Contra as Hordas Salteadoras e Assassinas dos Camponeses” onde conclama os nobres do norte da Alemanha, onde a revolta ainda não havia chegado, a ajudarem o exército imperial a massacrar os rebeldes. No artigo Lutero incitava os nobres a castigar os camponeses, inclusive assassinando-os a todos. Vários nobres nortistas atendem ao pedido de Lutero e enviam tropas ao centro e oeste da Alemanha, onde a revolta estava mais difícil de ser controlada. No final de 1524 o número de camponeses rebelados já chegava a perto de 300.000. Muntzer e os “profetas” de Zwickaw, junto com membros da seita dos anabatistas, continuam a incitação, mas aos poucos as tropas imperiais, ajudadas pelos nobres luteranos do norte e também mais bem armadas, começavam a derrotar as posições dos rebeldes, principalmente no oeste. No começo de 1525, a Guerra dos Camponeses, como o conflito já era conhecido, dava sinais de estar no fim. No oeste as tropas imperiais acabaram com o movimento, que se concentrou no centro do país. Cercados, os camponeses rebelados se renderam e a guerra acabou em maio de 1525. Muntzer e três dos “profetas” foram presos, torturados e decapitados. A Guerra dos Camponeses deixou 100.000 mortos e o imperador Carlos V convenceu-se ainda mais de que as idéias de Lutero foram as responsáveis pelo levante armado e não só passou a apoiar o

catolicismo com mais vigor, como também passou a proibir em todo o Sacro Império Romano-Germânico e também na Espanha que os artigos de Lutero circulassem. Em vários feudos do sul o luteranismo e outras seitas não católicas foram consideradas heresias e proibidas por completo. Os anabatistas foram perseguidos e mudaram seu nome para Menonitas (influenciados pelas pregações de Menno Simons, um ex-padre católico holandês convertido ao anabatismo e que era menos radical), muitos deles fugindo para a Suíça. Suas crenças iriam influenciar, décadas depois, outras igrejas evangélicas, como a Igreja Batista.

A Guerra dos Camponeses fez com que o luteranismo ficasse restrito ao norte da Alemanha, pois no centro, sul e oeste do país, bem como na Áustria, as idéias de Lutero não vingaram, pois eram entendidas como as culpadas pela revolta, acabada em 1525, embora Lutero fosse contra o movimento. Na Suíça, onde milhares de anabatistas se refugiaram, as idéias de Lutero eram bem aceitas, e tinham a adesão maciça não só dos nobres locais como também da população, que, ao contrário de grande parte da população do norte da Alemanha, se converteram de livre e espontânea vontade, principalmente à Igreja Anabatista. Da Suíça o movimento atingiu o sudeste da França, com grandes extensões populacionais se convertendo, principalmente ao anabatismo, igreja agora batizada de Menonita, que havia desistido de sua origem rebelde, pois membros mais radicais de seu movimento ou tinham morrido na Guerra dos Camponeses ou tinham sido expulsos. Os luteranos também avançavam no sudeste francês. Na região suíça destacou-se outro líder reformista: Úlrico Zwinglio. Teólogo, ele escreveu a tese: “67 breves artigos de fé” onde defendia a idéia de que Jesus Cristo era o verdadeiro papa e que ele se encontrava presente entre os homens, sendo, portanto, o papado uma instituição inútil. Nesta tese, que passou a ser lida em igrejas por toda a Suíça, ele aceitou a tese luterana de salvação só pela fé. Zwinglio organizou debates em que suas posições eram confrontadas com as posições católicas oficiais. Cerca de 5 cantões suíços, perto da fronteira com a Itália, permaneciam de maioria católica. Zurique a capital e o resto do país se tornaram majoritariamente adeptas das idéias de Lutero. O governo de Zurique introduziu o idioma alemão na liturgia em

oposição ao latim e acabou com o celibato no clero.

Em 1523 Zwinglio debateu com bispos de Constança, para uma platéia de 600 pessoas. O debate não moveu as posições de ninguém e as proibições do governo de Zurique não eram aceitas nos cantões católicos. No seu outro artigo: “Comentário sobre a verdadeira e a falsa religião” de 1525 Zwinglio negou a validade das missas, a salvação pelas obras, a interseção dos santos e a existência do purgatório, embora afirmando a validade da eucaristia. Em linguagem bastante simples estas idéias foram entendidas facilmente pela maioria da população, composta de camponeses analfabetos. Bispos da região católica da Suíça pediram auxílio a Carlos V e ameaçaram com separatismo o governo central de Zurique, querendo a união total com o Sacro Império Romano-Germânico. A Suíça fazia parte do Sacro Império, mas tinha grande autonomia sob o poder central do imperador. O governo central suíço ameaçou intervir militarmente na região caso os seus desejos fossem negados e a ameaça de separatismo concretizada. Os bispos católicos incitaram os nobres da região ao separatismo, recebendo apoio, inclusive em armamentos, do exército do Sacro Império Romano-Germânico, que compreendia Alemanha, Áustria e norte da Itália e, agora, ameaçava anexar os 5 cantões católicos suíços. A Igreja Católica estava enfraquecida, pois a sua sede em Roma sofreu um ataque de soldados amotinados do Sacro Império que destruiu Roma em 1527, visando saqueá-la, em um fato conhecido com o Saque de Roma. Esse fato, no entanto, não abalou a aliança entre Carlos V e a Igreja Católica. Em 1528, após organizar a Aliança Cívica Cristã, uma organização militar, Ulrico Zwinglio incitou o governo central a atacar os cantões católicos em 1529 e a destruir os focos separatistas e impor a religião protestante aos católicos da região. Os católicos reagiram e houve inicio um conflito militar. Zwinglio partiu para o campo de batalha como capelão. As tropas centrais tiveram dificuldades em enfrentar os combatentes católicos devido ao apoio do exército imperial alemão que não interveio diretamente. Ulrico Zwinglio morreu em 1531 em uma batalha atingido por um tiro. O governo central de Zurique acabou por assinar a paz com os católicos que tiveram a liberdade de culto garantida pelo governo em troca de não mais quererem se unir ao Sacro Império

Romano-Germânico, desistindo de se separar. A expansão do luteranismo fez com que o Imperador Carlos V reforçasse as medidas do Édito de Worms proibindo a divulgação das idéias luteranas em regiões onde o catolicismo predominava. Príncipes luteranos convocaram a Dieta de Spyer em 1529 onde mandaram um protesto ao imperador contra o Édito de Worms. O protesto foi desconsiderado e a partir dele cunhou-se o termo protestante para designar os luteranos e também outras igrejas que surgiram a partir dela.

O movimento luterano se expandia, agora mais lentamente. Em 1530, o norte da Alemanha estava quase todo convertido e Lutero havia se tornado pai de família. Caçado em outras regiões da Alemanha, onde ainda era considerado fora-da-lei pelo Édito de Worms, Lutero não mais viajou, preferindo ficar em casa, junto com a família. A Dinamarca, a Suécia e a Noruega conheciam a expansão do luteranismo, a nova igreja evangélica surgida com as idéias de Lutero. Em 1531 nobres luteranos criaram a Liga de Smalkade, uma aliança militar, caso o governo central do Sacro Império Romano-Germânico os atacasse. A aliança determinava que qualquer ataque a um feudo luterano seria um ataque a todos e todos os exércitos deveriam se unir para reprimir o invasor. A calma em que Lutero estava vivendo, com a expansão do luteranismo, o fez notar que um grupo, dentro da Alemanha, resistia muito a suas novas idéias: os judeus. Lutero acreditava que eles não tinham se convertido ao cristianismo porque a Igreja Católica era uma falsa fé. Chegou a escrever um pequeno artigo, em 1523, intitulado: “Jesus era judeu”, onde elogiava este povo e afirmava que se fosse judeu também resistiria a se converter ao catolicismo. Agora que a fé verdadeira de Jesus estava avançando não havia motivos, segundo Lutero, para os judeus continuarem renegando a Cristo. Lutero os insta a se converterem ao luteranismo, mas os líderes judaicos, habitantes de algumas cidades do norte alemão se recusam. Enfurecido Lutero publica um artigo intitulado: “Contra os judeus e suas mentiras” onde incita os nobres luteranos e os habitantes das cidades alemãs a expulsarem os judeus de suas localidades, destruírem suas sinagogas e confiscar seus bens. No entanto nenhum nobre nem alto dignitário de cidade nenhuma atende Lutero e nada acontece.

Na Suíça, uma paz frágil gerou uma coexistência entre a maioria

evangélica e a minoria católica do sul. Na França as igrejas anabatista e luterana avançavam, mas no sudeste. Alguns tumultos envolvendo católicos e seitas evangélicas aconteciam na França, mas nada muito grave, como uma guerra aberta, embora em muitos destes tumultos pessoas fossem feridas e até assassinadas. Um destes tumultos marcou a história da França. Em 1528 uma imagem da Virgem Maria, famosa na cidade de Paris, apareceu decapitada. Francisco I, rei da França, passou a incentivar procissões de protesto em toda a cidade. O episódio ficou conhecido como “Caso da Rue des Roisiers”. Enquanto isso no sudeste da França surgia outro que viria, com suas idéias, expandir mais ainda as idéias evangélicas pela Europa: João Calvino. Humanista e advogado Calvino interessou-se pelas idéias de Lutero já como estudante de Direito na cidade de Orleans. Em 1529 quando ele tinha 20 anos um fato chamou a atenção de Calvino. Em visita a Paris ele assistiu a uma execução pública: a de Louis de Berquin, que foi condenado à pena de morte sendo queimado pela Inquisição por defender as idéias de Lutero na cidade. Este fato o marcou profundamente. Formado, em 1532, exerceu a advocacia no sudeste da França conseguindo grande fama como jurista. Passou a se interessar mais pelas idéias de Lutero e se convenceu de que elas estavam certas. Embora não fosse teólogo Calvino passou, nas horas vagas, e fazer pregações em igrejas anabatistas na região. O papa Clemente VII pressionou o rei francês, Francisco I, a reprimir, no sudeste do país, os evangélicos franceses. Calvino escreve um discurso ao reitor da Universidade de Paris, Nicolas Cop, que resolve lê-lo frente aos mais altos representantes dos cursos da Universidade: Direito, Teologia, Medicina e Artes. Neste discurso a perseguição aos evangélicos no sudeste da França, que começava a se avizinhar, era comparada à perseguição aos primeiros cristãos no Império Romano, nos tempos de Nero, afirmando que eram chamados também de hereges estes primeiros cristãos. A Inquisição queria interrogar o autor do discurso, que era Calvino. Este acabou por fugir para Orleans, onde escreveu um tratado, a “Psycopannichia”, em que criticava alguns anabatistas, por defenderem que a alma fica em um estado de latência, esperando o Juízo Final e não vai a Deus. Esta idéia estava sendo defendida por alguns anabatistas e Calvino, com este tratado, os critica

severamente. O tratado, no entanto, escrito em 1534 só seria publicado na Suíça em 1542. Enquanto Calvino estava escondido em Orleans, em outubro de 1534 ocorreu o caso dos cartazes. Cartazes e folhetos foram colados ou espalhados em diversas cidades francesas. Nelas foi criticada, em desenhos, a doutrina da transubstanciação, ou seja, de que o cálice de vinho e o pão, servidos na eucaristia, se transformavam no sangue e corpo de Cristo. Lutero não havia atacado esta idéia, crendo nela, mas Ulrico Zwinglio sim. Zwinglio afirmava que tudo era apenas simbólico, ou seja, que o pão e o vinho não se transformavam no corpo e no sangue de Cristo verdadeiramente, mas era apenas uma metáfora. Os cartazes, claros e concisos, revelavam bem este fato. O organizador do ato foi um líder evangélico, Antoine Marcout, que fugiu para a Suíça. A Igreja Católica e o governo francês reagiram brutalmente ao ato. O exército francês, sob ordens de Francisco I, ocupou o sudeste da França de maioria evangélica para assassinar os suspeitos. Vários suspeitos de organizar o ato dos cartazes foram presos e assassinados. O rei, em janeiro de 1535, organiza em Paris uma procissão assassina. Suspeitos de terem distribuído e colado os cartazes, que estavam presos, são amarrados em pontos estratégicos da cidade, em 6 estacas, e quando a procissão passa, são queimados na fogueira de acordo com a passagem da procissão. O Estado francês aumenta a perseguição aos líderes protestantes no país. Calvino, percebendo que poderia ser preso, foge ainda em janeiro de 1535 para a Basiléia, cidade suíça, onde acabavam de chegar milhares de protestantes franceses fugidos do sudeste da França. No entanto desentendimentos de fronteira, em julho de 1535, entre a França e o Sacro Império Romano-Germânico fazem a França atacar desencadeando uma guerra entre os dois reinos. Lutero e a Liga de Smalkade apóiam Carlos V no conflito o que enfurece muitos luteranos franceses que passam a apoiar a França na guerra.

Agradecido pelo apoio dos evangélicos luteranos o imperador Francisco I suspende a perseguição a eles no sudeste do país, publicando o Édito de Coucy. A Igreja Católica se mantém neutra e pede paz aos reinos combatentes. O conflito termina em 1538 com a derrota da França e com milhares de mortos de ambos os lados. Membros do exército francês identificam as idéias de Lutero como

germânicas e a religião católica é tida como a verdadeira manifestação do povo francês. Embora Carlos V fosse católico e evangélicos tivessem lutado ao lado da França o rei Francisco I concorda com esta posição de parte do exército e revoga o Édito de Coucy iniciando a perseguição às igrejas protestantes do sudeste francês, consideradas anti-francesas e pró-alemãs. Os evangélicos são proibidos de terem culto público e de tentarem converter católicos. Eles são discriminados em empregos nas cidades e, em muitos feudos, serão forçados a adotarem o catolicismo sob pena de serem presos ou terem seus bens confiscados. Na Basiléia, onde vive exilado, Calvino começa a escrever o seu livro “Instituições da Religião Cristã” onde defenderá sua interpretação do cristianismo. No prefácio chama os protestantes que são perseguidos pelo governo francês de mártires, mas tenta dirigir parte de seu livro ao rei Francisco I tentando mostrar a ele que os evangélicos não são contra seu governo. No restante do livro defende a doutrina chave de sua pregação: a doutrina da predestinação absoluta. Enquanto esteve foragido em Orleans e, depois na Basiléia, Calvino lia avidamente a Bíblia, principalmente uma parte dela que lhe chamou a atenção: a epístola de Paulo aos romanos. Baseado basicamente nesta epístola e na concepção luterana da predestinação, Calvino teve uma idéia. Mais radical que Lutero, Calvino afirma que o livre-arbítrio, a livre escolha do homem, não existe. O que existe é a predestinação. Calvino considerava todos os seres humanos pecadores por natureza, desde que nascem, portanto todos os seres humanos já estão condenados ao inferno, ou seja, não tem salvação. Mas pela graça e pela misericórdia de Deus, alguns são eleitos para serem os salvos. Ele dá o exemplo dos judeus no Antigo Testamento. Com a graça divina Deus passa a abençoar aqueles que ele escolheu de antemão e independente de vontade humana. Mas como saber se uma pessoa é escolhida por Deus? Calvino deu a resposta: é através das bênçãos, não espirituais, mas materiais que ele recebe, através de seu trabalho. Se uma pessoa prospera com seu negócio ou empresa, fruto de seu trabalho, é um sinal de que Deus o adotou como salvo. Calvino elege um grupo de pessoas, até então discriminadas na ordem feudal vigente: os banqueiros, os comerciantes e os empresários. Todos eles viviam nas cidades,

chamadas na Alemanha de burgos, daí também receberem o nome de burgueses. Esta classe social era marginalizada no sistema feudal de produção. O poder político era dos nobres donos de terras e dos reis e da nobreza das cidades. A grande maioria dos banqueiros, comerciantes e empresários da Europa daquele tempo era gente que não tinha feudos ou não tinha títulos de nobreza, pagavam impostos, mas estavam fora do poder político. Além disso, eram discriminados pela Igreja Católica, principalmente os banqueiros, tidos como usurários e gananciosos, (muitos deles eram judeus, pois a atividade de emprestar dinheiro a altos juros era tida como pecado pelo catolicismo), mas os banqueiros embora discriminados, nunca foram perseguidos. Calvino elegeu esta classe, chamada de burguesia, como a protegida por Deus, pois ela havia construído sua riqueza através do trabalho, do empreendedorismo, da montagem de negócios que espalhavam mais ainda o trabalho.

Calvino defendia o empréstimo de dinheiro a juros e considerava a pobreza material um sinal da falta de benção de Deus ao indivíduo. Em cerca de 400 a.C., Aristóteles ensinou que o dinheiro era estéril e improdutivo. Esta era a concepção de mundo da Igreja Católica Romana. Calvino disse que isso não era verdade, que na realidade o dinheiro poderia ser extremamente produtivo. A Igreja Católica havia definido todo e qualquer juro como usura, e esta foi a concepção econômica da igreja durante séculos. Pode-se argumentar a favor da Igreja que ela fazia tal condenação para proteger os pobres. Foi o que defendeu John Chamberlain em seu livro “The Roots of Capitalism” (mais detalhes na bibliografia). Segundo Chamberlain longe de originar e proteger as instituições políticas e econômicas da Idade Média, a igreja era o amortecedor que defendia o indivíduo contra as mais penosas tendências de todos os tempos. Evidentemente, a igreja assumiu uma posição contra a usura, em um período em que não havia possibilidade para a expansão produtiva de empréstimos de dinheiro que recompensassem tanto quem emprestava quanto quem tomava emprestado. Uma vez que o dinheiro era rapidamente esgotado por aquelas pessoas de menor poder aquisitivo que faziam o empréstimo, parecia monstruoso para Tomás de Aquino e para outros filósofos católicos, obrigar um homem a pagar juros sobre o que já não existia [The roots of capitalism, p. 48]. Calvino discorda da

concepção católica ao afirmar que o dinheiro podia ser sim altamente produtivo, pois com ele os eleitos de Deus poderiam construir uma nova sociedade e espalhar trabalho. Calvino percebeu que qualificar a cobrança de juros como usura não era bíblico, ao contrário do que fazia a Igreja Católica, e redefiniu usura como a cobrança excessiva de juros, esta sim, condenada por ele. A cobrança de juros, segundo Calvino, é uma ocorrência normal e inevitável na economia e sem ela a economia de uma região não funcionaria direito, ficando estagnada. Defendeu também a livre iniciativa, ou seja, os eleitos de Deus não poderiam sofrer intervenção estatal em seus negócios e que só os eleitos teriam a perseverança necessária para que seus negócios dessem certo e, claro, dessem lucro, sendo o lucro a confirmação de que Deus o abençoa. Calvino defendia a ideia de que o escolhido de Deus ao aprimorar sua vida pessoal através do arrependimento e da melhora de seu caráter no trabalho árduo, não se viciando em festas ou outros prazeres terrenos, mas sim se dedicando ao trabalho, ao estudo, ele conseguiria produzir bem mais do que necessitava dos bens deste mundo. Calvino defendia a idéia de que as sobras, o dinheiro que o escolhido não mais necessitasse deveria ser reinvestido em mais trabalho, ou poupado nos bancos para que este dinheiro, com a cobrança de juros, pudesse ser reinvestido na economia. Habitantes das cidades, os empresários e comerciantes eram quem construíam e vendiam os aparatos agrícolas usados nos feudos, eram eles que vendiam e fabricavam, junto com o Estado, armas para os senhores feudais e seus exércitos, bem como os exércitos do rei, sendo eles também que vendiam a produção agrícola excedente dos nobres feudais nas cidades, transformando-a em dinheiro para eles, os banqueiros eram quem financiavam todo este aparato econômico, além de emprestarem dinheiro aos Estados Nacionais, entendendo Estado Nacional a figura do rei e sua nobreza. Além disso, era a classe que mais pagava impostos. Os camponeses também trabalhavam, mas Calvino não os considerou eleitos, pois não tinham atingido a graça divina, ou seja, não haviam sido abençoados, vivendo na pobreza. Os senhores feudais e nobres das cidades também não eram tidos por Calvino como os escolhidos, pois embora tivessem atingido o sucesso financeiro nada produziam através de trabalho, atitude condenada por Deus, segundo Calvino.

Portanto só aquele que trabalha e tem o sucesso financeiro atinge, para Calvino, a glória pedida por Deus. Isso, claro, não significa que Calvino tirava os pobres do amor de Deus, pois muitos dos burgueses foram camponeses pobres que conseguiram o sucesso financeiro através do trabalho e de seu empreendedorismo, sendo assim, só os que conseguem a riqueza trabalhando, e isto pode ser qualquer pessoa, tem as bênçãos de Deus. Esta é a idéia resumida de seu livro, publicado em 1536. O livro faz grande sucesso na Suíça e foi publicado em outras regiões da Europa. Banqueiros, empresários e comerciantes adotaram as novas idéias de Calvino, animados por serem considerados os eleitos por Deus e, assim, passaram a financiar as suas idéias. Animado, Calvino vai até a cidade de Ferrara, no norte da Itália, acompanhado de um seguidor, Louis de Tillet, mas é mal recebido. Vai então a Paris, esperando que suas idéias de conciliação sejam aceitas pelo rei Francisco I, mas perde as esperanças. Em uma carta ao amigo Nicolas Duchemin, ele compara a situação dos protestantes franceses a dos judeus do Egito, ou seja, ele não vê outra saída a eles a não ser fugir de sua escravidão da França para outro país mais acolhedor. Ainda nessa carta ele diz que os rituais católicos de devoção aos santos são idolatria. Calvino, no final de 1536, abandona a França para nunca mais voltar e é convidado a ir até Genebra, uma cidade suíça, com leis próprias, praticamente independente do governo central suíço e do Sacro Império. Nesta cidade habitavam grandes contingentes de evangélicos e conflitos contra católicos locais iam se intensificando. Destruição de imagens de santos e tumultos entre as duas fés aconteciam esporadicamente na cidade desde 1532. Com a fuga dos protestantes franceses para a Suíça, fugindo da perseguição católica na França, o número de evangélicos aumentava. Em um ataque à Igreja Católica, um grupo de evangélicos invade uma igreja e a destrói, tomando 50 hóstias de um padre e dando de comer a um cachorro. Muitos católicos faziam o caminho inverso dos protestantes e fugiam para a França, outros para cantões suíços católicos e outros para o sul da Alemanha, os que falavam alemão principalmente.

Em 1536 são proibidos na cidade todos os feriados, principalmente os de homenagens a santos. Calvino chega nesta cidade, já popular pelo seu livro, juntamente com um irmão e uma

irmã dele e pretende ir a Estrasburgo, cidade luterana da Alemanha, mas é convencido a ficar em Genebra. Além dos conflitos religiosos, outro conflito, de natureza familiar, ameaçava Genebra. Os mamelucos, aliados da casa de Sabóia, uma família de nobres, dona de vários feudos, pretendia transformar Genebra em uma cidade sob domínio dos Sabóia, como havia ocorrido em épocas anteriores, mas os Confederados, também chamados Eudiguenot, ou huguenotes, se opunham à idéia. Mamelucos e Confederados chegaram a guerrear em um rápido conflito em 1524, onde Karl III, duque de Sabóia tentou unificar a cidade aos domínios de sua família, mas a vitória coube aos Confederados. As tensões ainda eram grandes. Guillaume Farel, um dos líderes de Genebra, pede a Calvino que fique e este aceita. Calvino tinha 26 anos. Em outubro de 1536, Calvino e Farel vão defender a doutrina da predestinação, agora chamada calvinista, na catedral de Laussanne, cidade suíça de maioria francesa. Pierre Caroli, um católico, no debate, organizado aos moldes dos de Ulrico Zwinglio, abertas a um grande público, acusa Calvino e Farel, agora calvinista, de serem hereges e Calvino de renegar a doutrina da trindade, coisa que Calvino nunca fez. Calvino retruca e defende em público a sua doutrina da predestinação absoluta elegendo os empresários e banqueiros como a classe eleita de Deus, aquela que, com seu trabalho, traz o desenvolvimento (ideia esta que será defendida também, séculos depois, mas com argumentos seculares, pelos adeptos do liberalismo econômico). Calvino consegue a adesão de muitos à sua causa, principalmente dos grandes empresários.

Calvino e Farel voltam a Genebra e Farel se torna o líder protestante da cidade, quase toda convertida à Igreja Reformada. Farel, também líder espiritual, tem o poder de excomunhão na cidade e todos aqueles que não seguem suas idéias recebem sua carta o que praticamente era uma expulsão da cidade. Calvino se opõe à idéia de excomunhão, pois a considerava discriminatória, pois quem recebia excomunhão, no mundo católico isso era bem conhecido, era vítima de perseguição em sua sociedade. Em março de 1537 líderes anabatistas da Holanda são expulsos da cidade. Uma grande parte da Holanda também havia se tornado adepta das idéias de Lutero. Por sugestão de Calvino é criado um Syndic (síndico) um grupo ou pessoa que tem como missão ir de casa em casa catalogar a fé dos

moradores da cidade. A ação é contestada por muitos moradores que se recusam a afirmarem qual fé pertenciam, talvez temendo perseguição, mas Farel determina que todos os que se recusam a dizer qual é sua religião deveriam ser expulsos da cidade. As queixas dos moradores, que se recusam a dizer qual sua religião, chega às autoridades de Genebra e mais tarde ao poder central da Suíça que força o prefeito da cidade a expulsar de Genebra tanto Farel quando Calvino. Eles são expulsos e Calvino, finalmente, dirige-se a Estrasburgo, cidade onde a maioria da população fala alemão, idioma que Calvino não domina, mas ele vai morar em um bairro de maioria francesa. Em 1539 Pierre Caroli vai a Estrasburgo e tem outro debate público com Calvino que é assistido pela colônia francesa da cidade, já que o debate seria em francês. Os argumentos de Calvino são tão fortes que Pierre Caroli confessa estar em dúvida se o catolicismo é a verdadeira fé.

Calvino escreve um artigo, um comentário à carta de Paulo aos Romanos, base de sua doutrina, defendendo a justificação pela fé somente, base central da crença de Lutero e de quase todas as igrejas protestantes. Ele também defende a sua doutrina da predestinação absoluta. Suas idéias, conhecidas como calvinismo, avançam rapidamente na Suíça e também na Holanda, bem como no sudeste da França, apoiada pelos huguenotes, os confederados de Genebra, que se convertem em massa à nova doutrina protestante, a de Calvino e, por causa disso, os protestantes da França também serão conhecidos como huguenotes. O sudeste da França apresenta grande desenvolvimento comercial, pois as idéias de Calvino, de predestinação e glorificação do trabalho e empreendedorismo, fazem com que muitos protestantes se sintam impelidos a abrirem negócios próprios, a se tornarem empresários, coisa que eles nunca tinham pensado, pois na época a mentalidade vigente valorizava somente o trabalho rural, nos feudos, ou até o não trabalho. O sudeste da França experimentará um boom de novos negócios e crescimento das cidades, bem como a Holanda e partes da Suíça. Estas regiões vão crescer economicamente (mais detalhes sobre esse crescimento econômico ligado ao ideal calvinista no livro A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo. Dados desse livro disponíveis na bibliografia). Em 1540 Calvino se casa com uma viúva, Idellete de Bure, adepta do

anabatismo. Ela tem dois filhos e Calvino se torna padrasto deles. A cerimônia foi dirigida por Farel, que estava morando em Neuchatel e foi a Estrasburgo só para casar Calvino. Em 1541 uma epidemia de peste bubônica, a peste negra, assolou a cidade, matando dezenas de pessoas.

Esta doença sempre foi endêmica na Europa desde o Império Romano. No século 14 tinha dizimado perto de 33% da população européia, uma das maiores catástrofes epidemiológicas da história. Registros de epidemias existiam também no Oriente Médio, na China, na Índia e em partes da África. Na época não se sabia de onde vinha a peste. O médico árabe Rhases, no século 10, levantou a suspeita de que ratos ou a sujeira poderia ser a causadora da peste. Muitas medidas de saúde pública foram tomadas em portos europeus, sendo bem eficazes, onde portadores da doença eram mantidos em quarentena e navios suspeitos eram proibidos de atracarem em portos. Foi só em 1894 que o bacteriologista suíço Alexander Yersin isolou, em Hong Kong, onde uma grande epidemia de peste estava em progresso, a causadora da doença, uma bactéria, que em homenagem a ele recebeu o nome de Yersinia Pestis. Alexander Yersin descobriu que é uma pulga que habita algumas espécies de ratos, esquilos, coelhos e marmotas a transmissora da bactéria. Também, de forma independente, o bacteriologista japonês Shibasaburo Kitasato isolou a bactéria que causava a peste. Mas no século 16 a peste era um mistério e não se sabia o que a causava, só havia suspeitas. Em 1541 a epidemia de peste negra piora na cidade e a esposa de Calvino sai da região. Calvino decide ficar e acaba sofrendo outra doença: uma crise nervosa.

Na cidade de Genebra, de onde Calvino foi expulso, por influência do governo central em Berna, algumas festas católicas são restauradas, embora a população fosse quase toda protestante. Católicos continuavam a ser discriminados e muitos deles foram embora da cidade. Genebra, no entanto, tem um grande incremento populacional com a chegada protestantes vindos da França para fugirem de perseguições católicas. Na França os católicos expulsavam os protestantes, em Genebra eram os protestantes que expulsavam os católicos. A população de Genebra teve um incremento populacional de dezenas de milhares de pessoas em

poucos anos. Esse incremento de protestantes fez com que eles ganhassem mais poder de pressão junto ao governo de Genebra. Uma parte destes protestantes franceses queria que Calvino e Farel voltassem à Genebra como líderes. Uma parte da população, no entanto, era contraria a idéia. Um homem, chamado João Filipe, que se opunha abertamente a Calvino e discursava contra ele, foi assassinado. Os adeptos do retorno de Calvino, os Guillermins, ganham o poder na cidade, elegendo o prefeito. Em setembro de 1541 Calvino volta a Genebra e se torna o líder espiritual da cidade, cargo tão importante quanto o de prefeito que era líder temporal. Alguns calvinistas, querendo organizar a Igreja Reformada, propõe a criação do cargo de pastor, pregador do evangelho, em oposição ao de padre, pregador do catolicismo. O cargo de pastor, típico de igrejas evangélicas é criado aí. Calvino cria também, na cidade, o Consistório, um tribunal eclesiástico, parecido com a Inquisição, para julgar crimes contra a fé protestante. O Consistório, lembrando a Inquisição, nunca ultrapassou as fronteiras de Genebra, não sendo aceito por protestantes de outras regiões europeias.

O Consistório tinha o poder de excomungar (expulsando da cidade), de prisão e também de pena de morte a todos os que fossem contra suas determinações. Calvino chefiou o Consistório junto com pastores e leigos. O Consistório passa a proibir o culto aos santos na cidade, considerada idolatria, proíbe o jogo de cartas com baralhos, a mendicância, a dança e o teatro. Vários atores saem da cidade e teatros são fechados bem como clubes de dança. Cantores e dançarinos também abandonam a região. O Consistório regula inclusive os nomes de batismo: Jesus e Emmanuel são proibidos por serem considerados o nome de Deus. Saurie, Mama e Claude são proibidas, pois lembram idolatria. Homens e mulheres são proibidos de estarem em lugares privados juntos sem serem parentes. Vários casos foram julgados pelo Consistório, conheça-os:

Em 1542, uma mulher, Jeanne Petreman, é acusava de não participar da eucaristia evangélica, rezar o pai nosso em idioma “romano” (latim) e venerar a Virgem Maria. Ela foi excomungada e expulsa da cidade.

Em 1545 um anabatista, chamado Bellot, foi preso por pregar que só o Novo Testamento tinha valor, o Velho Testamento seria falso.

Foi torturado e expulso de Genebra.

Em 1546 um franciscano sai nas casas pedindo esmolas para si, sendo preso e levado ao Consistório que o expulsou da cidade. Em 1547 algumas mulheres organizam, escondidas, uma festa e começam a dançar. A polícia invade a casa e prende a todos. O caso ganha grande repercussão na cidade, pois uma das mulheres era esposa de um pastor, um dos julgadores do Consistório. Todas, sem exceção, amargam alguns dias de cadeia. Em protesto um homem, de nome Jacques Gruet, cola cartazes feitos por ele em vários pontos da cidade criticando o Consistório e a pessoa de João Calvino. Preso em flagrante Jacques Gruet é levado ao Consistório e condenado à pena de morte. É torturado e assassinado.

Em outro caso, em 1548, Louis de Barbier é questionado sobre sua fé. Diz que não é cristão. Em sua casa é descoberto livros de bruxaria. Ele, no entanto, não será perseguido.

Em 1542 uma pequena epidemia de peste negra matou algumas pessoas. Ela começava a se espalhar pela cidade. Para combatê-las muitos recorreram a bruxos e feiticeiras. As feiticeiras ou bruxas eram na verdade curandeiras, mas também lideres religiosas ou até médiuns que existiam na Europa e no Oriente Médio desde a antiguidade e que mesmo depois da crença cristã ser adotada na Europa sua existência, bem como suas práticas, não haviam acabado. O ar de mistério que sempre envolveu certas práticas religiosas ou ocultistas, como a alquimia, por exemplo, tidas como bruxarias, aumentava o preconceito e a desconfiança contra essas pessoas. Com o tempo várias lendas em torno das feiticeiras surgiam entre a população. Em 1487 dois frades dominicanos alemães tinham publicado o Maleus Maleficarum (O Martelo das Feiticeiras), um espesso volume de 400 páginas de caça às bruxas. A perseguição a eles se deu a partir do século 15, mas sempre foram esporádicas, nunca organizadas. Linchamentos de bruxas e também bruxos e alguns interrogatórios da Inquisição onde alguns foram queimados na fogueira fazem parte da perseguição. No entanto em uma sociedade onde a medicina não existia e os médicos eram raros e não faziam muito, pois remédios também não existiam, muitos camponeses e pobres buscavam as feiticeiras ou curandeiras para se curarem de doenças. Não foi diferente em Genebra. O Consistório proíbe a

consulta a curandeiros e bruxos.

Em 1542, o filho de Calvino, ainda bebê, morre, mas não de peste. Em 1544 outra epidemia de peste atinge a cidade. Dezenas de pessoas ficam doentes, muitas morrem. A histeria contra as bruxas começa. Em 1545 um homem chamado Freckles Dunant morre sob tortura, negando ser um bruxo, acusado de ser o culpado pela peste se espalhar. Ainda em 1545 cerca de 7 homens e 24 mulheres são condenados à prisão por serem considerados bruxos e feiticeiras. No fim de 1545 duas outras bruxas, cujos nomes se perderam na história, são queimadas na fogueira acusadas de serem responsáveis pelo avanço da peste.

Outro julgamento ocorreu em 1546 quando Pierre Armeaux injuriou publicamente Calvino, chamando-o de pregador de uma falsa fé. Acabou na cadeia.

Um outro homem, também de nome Armeaux, fabricante de jogos de baralho, e que foi à falência devido à proibição de jogo de cartas pelo Consistório foi também condenado por injuriar Calvino, mas sua condenação foi mais interessante: ele foi condenado a caminhar de uma ponta a outra de Genebra, descalço, segurando uma vela na mão.

Em 1547 François Favre é condenado à prisão por dizer que Calvino era bispo de Genebra, portanto um ditador, e que os franceses tinham tomado a cidade.

Em 1548 a esposa do irmão de Calvino foi acusada pelo próprio Calvino de adultério. Sua condenação foi se ajoelhar diante de Calvino e do marido e pedir perdão.

Em 1548, um homem chamado Nicole Bromet que pregava a expulsão dos franceses de Genebra, afirmando que eles deveriam ser colocados em um barco e enviados pelo rio Reno abaixo, também acaba preso.

Em 1551 Hieromme Bolsec, um monge carmelita, é preso por afirmar que a doutrina da predestinação de Calvino é antibíblica. Ele criticou a doutrina da predestinação, afirmando que se tudo o que ocorria já estava escrito então o pecado também era vontade de Deus. Calvino argumentou que não entendia assim, que a predestinação era na verdade algo que já estava escrito, mas sem Deus querer. Hieromme Bolsec foi julgado e expulso da cidade.

Em 1553 é condenado a ser queimado na fogueira o médico espanhol Miguel Servet. Em 1534 o médico espanhol Miguel Servet tinha escrito um texto negando a validade da doutrina da trindade. Servet divulgou suas idéias em artigos. Em um destes artigos: “De Trinitatis Erroribus” (Os Erros da Trindade) Servet afirma que Jesus não poderia ser o Filho de Deus e declarou que a palavra trindade nunca apareceu na Bíblia. Ele também publicou um livro intitulado “Christianismi restitutio” onde, baseado em seus estudos de anatomia, declarou que os pulmões humanos realizam trocas gasosas misturando sangue e ar, ou seja, ele havia descoberto a circulação sanguínea dos pulmões e sua função. Também defendeu a crença anabatista de batismo só de adultos e declarou que Jesus estava em todos os lugares do mundo. Este último ensino foi considerado panteísta e seu livro foi proibido pela Inquisição. Sua descoberta médica nem foi considerada. Perseguido pela Inquisição espanhola Servet foge para a França onde se torna médico e troca cartas com Calvino, debatendo sobre a trindade. Os argumentos de Servet eram bons e Calvino tinha dificuldade em refutá-los o que faz com que Calvino o considere perigoso. Servet manda uma carta a Calvino negando a doutrina da trindade, mas esta carta, misteriosamente, cai nas mãos da Inquisição francesa, fazendo com que Servet tenha que fugir da França. Calvino afirmou a seu amigo Farel, que se Servet fosse a Genebra seria condenado. Servet só vai a Genebra em 1553, fugindo da Inquisição francesa, achando que lá não seria perseguido, embora Calvino o tenha avisado que o Consistório poderia prendê-lo. Ele chega à cidade e é imediatamente preso (na prisão ele reclama dos maus tratos, pois recebe roupas imundas e insetos infestam sua cela), julgado pelo Consistório (julgamento esse no qual Calvino interveio pessoalmente pedindo sua condenação) e queimado na fogueira, acusado de ser herege. A condenação de Servet será, de todas, a mais divulgada.

Em 1554 um teólogo protestante, que morava em Genebra, chamado Sebastian Castellio, escandalizado com as perseguições em Genebra e com o assassinato de Servet passou a defender o fim das teocracias e a separação entre Igreja e Estado. Calvino também defendia esta idéia, mas argumentava que a Igreja era superior ao estado, embora fossem separados e um não deveria se meter nos

assuntos do outro. Castellio era mais radical e dizia que nem o estado e nem a igreja deveriam taxar alguém de herético, pois este é apenas alguém com sua própria opinião. Decepcionado com Calvino ele sai da cidade e vai morar na Basiléia.

Em 1555 Calvino é eleito para continuar liderando o Consistório. Ami Perrin, líder de uma facção protestante rival, tenta iniciar uma revolta na cidade contra a ditadura de Calvino, mas é preso em sua casa. O Consistório o condena a ter sua mão direita cortada. No entanto, avisado da sentença por amigos, Perrin foge de Genebra a cavalo, só com a roupa do corpo. Sua casa e seus bens foram todos confiscados. Dois irmãos, de sobrenome Comparet, que participaram da tentativa de revolta são assassinados e suas cabeças cortadas e penduradas em mastros. Dois outros homens, Claude Galoys e Thomas Girard, também participantes da tentativa de revolta, foram colocados em uma espécie de pelourinho para servir como execração pública. Claude Galloys ainda foi condenado a andar pela cidade segurando uma tocha e pedindo perdão.

Em abril de 1556 Jean Trolliet criticou publicamente a doutrina da predestinação de Calvino, concordando com Hieromme Bolsec de que ela fazia o pecado ser obra de Deus, mas nada lhe acontece.

Ainda em 1556 um grupo de homens e mulheres são presos por estarem juntos em uma casa não sendo parentes, o que era proibido. São condenados a andarem com colares que os estigmatizavam pela cidade.

Em dezembro de 1556 um homem, de nome Jacques Lampereur, foi preso ao fazer declarações contra a condenação por adultério, pois, segundo ele, estaríamos no tempo da graça e, portanto, condenar adúlteros a penas judiciais seria judaizante.

Algum tempo depois dois homens foram assassinados, depois de julgados pelo Consistório, acusados de praticar magia. Seus nomes sumiram da história.

Também outro homem, acusado de praticar magia, teve seus pés queimados e foi expulso de Genebra.

Estes foram, em resumo, muitos dos julgamentos feitos pelo Consistório enquanto ele durou o que valeu a Calvino, por parte de seus críticos, em outras partes da Europa, o titulo de “papa protestante”.

Apesar de tanto obscurantismo na cidade Calvino defende a criação de uma universidade em Genebra que é finalmente inaugurada em 1559, ganhando o nome de Universidade de Genebra, universidade essa que ainda existe, sendo, atualmente, a segunda maior da Suíça e uma das mais avançadas universidades da Europa principalmente no campo de estudo das Relações Internacionais, Astronomia e Biologia. Suas aulas são dadas em francês.

Em 1547 o rei da França Francisco I faleceu sendo sucedido pelo seu filho Henrique II que criou a “Chambre Ardente”, um tribunal penal que julgava crimes comuns, mas que também julgou e prendeu vários evangélicos. Com esse tribunal, que ganhou mais força em 1550, a perseguição aos protestantes piorou e muitos fugiram para Genebra aumentando sua população.

Em 1549 Calvino perde a esposa que faleceu. A partir daí se torna celibatário e se dedica cada vez mais ao trabalho e estudo, bem como ao Consistório.

Em 1553, alguns meses depois de Servet ser queimado na fogueira, a relação entre a prefeitura de Genebra e o Consistório se torna tensa. Discutia-se o poder excessivo do Consistório e o direito desta instituição de excomungar e expulsar pessoas da cidade. A discussão, no entanto, não tirou o poder do Consistório. Igrejas no sudeste da França, na Suíça e na Holanda passaram a seguir as idéias de João Calvino. As igrejas avançavam, embora perseguidas, na França.

Em 1546 Lutero morre na cidade de Eisleben, na Alemanha, aos 62 anos de doença, possivelmente de derrame cerebral. Aproveitando-se de sua morte e crendo que sem sua liderança os luteranos seriam facilmente conquistados, o Papa Paulo III (sucessor de Clemente VII) e o Imperador Carlos V montam um grande exército no sul da Alemanha e atacam o norte tentando catolicizá-lo de novo ainda em 1546. A Liga de Smalkade é acionada e os luteranos se unem para impedir a invasão de seus feudos. Soldados da Liga, em número de 10.000, são derrotados na Batalha de Mulhberg e muitos de seus líderes são presos. Os conflitos, no entanto, se tornaram esporádicos a partir desta batalha, pois as tropas luteranas eram bem armadas.

Estes pequenos conflitos só terminam de vez em 1555 com a

assinatura da Paz de Augsburgo onde é estabelecida a tolerância oficial a luteranos e católicos e determina que cada príncipe feudal, tanto luterano quanto católico, teria o direito a eleger membros ao parlamento e também eleger o próprio imperador, concordando com sua ascensão ao trono. Com a adoção do luteranismo por muitos nobres feudais estes tinham deixado de ter o direito de votar. Antes só os príncipes e nobres feudais católicos poderiam votar. O tratado de tolerância religiosa, no entanto, deixou de fora os judeus, os anabatistas e os calvinistas que podiam ser acusados de heresia por qualquer nobre luterano ou católico. O tratado também estabeleceu que se algum nobre quisesse se converter ao catolicismo ou luteranismo todos os que viviam sob seus domínios deveriam também se converter e ele não seria perseguido, ainda que este nobre morasse no norte, de maioria luterana ou no sul, de maioria católica. Por exemplo, se um nobre do sul quisesse se converter ao luteranismo, todos os católicos do seu feudo deveriam acompanhá-lo também, coisa parecida se dando no norte com algum nobre feudal se convertendo ao catolicismo. Este acordo ficou conhecido pelo nome em latim “Cujos egio, ejus religio” que significa “De quem a região, sua religião”.

As ideias de Lutero se propagam principalmente na Suécia e na Noruega, avançando também na Finlândia. Na Holanda elas já tinham se tornado maioria em 1554, embora o calvinismo avançasse mais rápido neste país. Os protestantes avançavam também na Inglaterra.

O rei inglês Henrique VIII, coroado em 1509, era protetor da Igreja Católica. Quando o movimento de Lutero arrebentou na Alemanha ele chegou a escrever um pequeno artigo defendendo os sete sacramentos católicos, condenados por Lutero, e criticando o movimento. No entanto o bom relacionamento entre o rei da Inglaterra, Henrique VIII, e o papado acabou em 1533. Henrique VIII era casado com Catarina de Aragão, tia de Carlos V, rei tanto da Espanha quando do Sacro Império Romano-Germânico. No entanto, Henrique VIII apaixonou-se por outra mulher, Ana Bolena (Ana Bolena, anos depois, seria acusada por Henrique VIII, baseado em conspirações e intrigas, de alta traição ao seu governo, sendo presa e decapitada. Um irmão dela e outros homens também), e queria separar-se de Catarina para casar com ela. O rei da Inglaterra pediu a

anulação de seu casamento junto ao Papa Clemente VII. O divórcio, condenado pelo cristianismo, só poderia ser concedido, no caso dos reis, por algum representante de Cristo, para assim o divórcio ser válido, no caso, o papa. Em condições normais o papa cederia o divórcio, mas Clemente VII foi pressionado por Carlos V a não concedê-lo. O rei da Inglaterra, querendo o divórcio, insistia em seu pedido. Clemente VII teria que escolher entre Carlos V ou Henrique VIII. Um fato inusitado, no entanto, aconteceu. Os emissários do rei da Inglaterra tinham levado com eles um pequeno cachorro que pertencia ao rei. Esse cachorro acabou mordendo a canela do papa. Enfurecido com a mordida do cachorro o papa, que estava indeciso, escolheu Carlos V e decidiu não dar divórcio nenhum ao rei da Inglaterra. Enfurecido pela atitude do papa, Henrique VIII, que protegia a Igreja Católica e era contra as idéias de Lutero, fundou em 1533 a Igreja Anglicana, separando a Inglaterra do catolicismo. Thomas Cranmer se tornou arcebispo de Canterbury e anulou seu casamento com Catarina permitindo que Henrique VIII se casasse com Ana Bolena. A nova igreja, no entanto, não se diferenciava em nada do catolicismo. Os sete sacramentos, o culto aos santos e até a vestimenta tradicional dos padres e bispos foi mantido. A diferença estava em que a autoridade do papa não era reconhecida e o Rei da Inglaterra se tornou o chefe da Igreja Anglicana, ou seja, o novo papa.

O papa respondeu à criação da nova igreja excomungando Henrique VIII ainda em 1533. As bulas e determinações papais, por ordens de Henrique VIII, não mais deveriam ser obedecidas pelos padres e bispos e todos eles deveriam jurar fidelidade ao novo papa: o Rei da Inglaterra. Estas determinações foram aprovadas no parlamento e se tornaram leis. Quem se recusasse a aceitar a liderança espiritual do Rei da Inglaterra seria considerado traidor e assassinado. Alguns monges católicos se recusaram a prestar juramento a Henrique VIII, permanecendo fiéis ao Papa, e foram torturados e assassinados. Entre os assassinados estava o pensador e advogado católico Thomas Morus, escritor da obra “Utopia” onde idealiza um reino imaginário de uma ilha com uma interpretação idealizada de Estado perfeito. Escreveu também o romance “História de Ricardo III” em que, anos depois, Shakespeare se baseará para escrever sua famosa peça de nome parecido. Morus, que se recusou

a jurar lealdade espiritual a Henrique VIII, foi preso e condenado a pena de morte, sendo decapitado. Sua cabeça foi pendurada na ponte de Londres, mas sua filha o recolheu e o sepultou. Séculos depois Morus foi considerado mártir pela Igreja Católica. Thomas Cranmer, o novo arcebispo anglicano, teve o direito de destituir bispos e padres rebeldes, criar monastérios e confiscar bens dos que não obedecessem às ordens reais. No entanto, uma lei aprovada pelo parlamento inglês em 1536 proibiu o confisco de bens. Ainda em 1536 católicos ingleses, no norte do país, organizaram uma revolta armada conhecida como “Peregrinação Gracia”. Armados, os revoltosos atacaram vilas e feudos tomando-os e declarando o catolicismo religião oficial nestas áreas (entendendo “catolicismo como religião oficial” que eles não se submeteriam às ordens espirituais do Rei da Inglaterra, mas do papa). Henrique VIII concedeu perdão real e o direito de os católicos passarem a aceitar o poder papal. Muitos rebeldes depuseram as armas, mas Henrique VIII não cumpriu a promessa de liberdade para os católicos aceitarem as ordenanças papais. Acredita-se que as promessas foram apenas uma forma de Henrique VIII ganhar tempo para armar melhor seu exército real. De novo os rebeldes se reuniram e iniciaram uma segunda revolta em 1537 contra Henrique VIII. O exército real inglês avançou na região e derrotou facilmente os revoltosos.

Em 1538 Henrique VIII determinou a destruição dos santuários católicos dedicados a santos, fechando monastérios, expulsando monges e transferindo suas terras e posses para a Coroa Real. Determinou a liberdade de culto, mas expulsou bispos católicos da Câmara dos Lordes, uma parte do parlamento inglês, com deputados não eleitos pelos nobres. Criou leis que puniam com prisão o homossexualismo e a bruxaria.

Aproveitando-se da nova liberdade de culto o livro de Calvino, “Instituições da Religião Cristã”, é publicado na Inglaterra e logo as ideias calvinistas ganham seguidores entre empresários, banqueiros e comerciantes. Estes fundam uma nova Igreja, a dos Puritanos, que tinha este nome por criticarem a nova Igreja Anglicana por não se afastar totalmente dos dogmas católicos. Os puritanos também eram moralistas sexuais, daí este nome também ser associado a moralidade sexual rígida. Este nome também se tornou um termo

pejorativo em algumas regiões inglesas, para designar igrejas protestantes. A nova fé puritana avançou rapidamente na Inglaterra, principalmente nas cidades, passando a rejeitar tanto os católicos quanto os anglicanos. Calvino, à distância, através de cartas, passou a se corresponder com os líderes da nova Igreja.

Em 1547 Henrique VIII faleceu aos 55 anos de uma trombose nas pernas, oriunda de uma queda de cavalo que ele teve uns meses antes, e foi substituído pelo seu filho Eduardo VI que, tendo como tutor, pois era muito jovem, o duque do Somerset, simpatizante dos puritanos, apoiou o avanço da nova igreja, adotando práticas calvinistas na religião anglicana, como a crença na predestinação absoluta e a justificação pela fé somente. Eduardo VI faleceu com apenas 16 anos de tuberculose em 1553.

Os conselheiros do rei, puritanos, queriam colocar a prima de Eduardo VI, Joana Grey, conhecida como Lady Jane, também com 16 anos, como rainha da Inglaterra. No entanto a meia irmã de Eduardo VI, Maria Tudor, era muito popular entre o povo de Londres que a aclamou como sucessora ao trono. O parlamento aprova Maria Tudor como rainha e destitui Lady Jane que é presa junto com o marido. John Dudley, sogro de Lady Jane e um dos conselheiros que tentou fazê-la rainha, é decapitado.

Maria Tudor assume o posto de rainha e, católica, quer restaurar o catolicismo como religião oficial da Inglaterra suprimindo a nova Igreja Anglicana. Ela anuncia que quer se casar com o herdeiro do trono espanhol Felipe II da Espanha, filho de Carlos V, o que choca alguns setores da sociedade inglesa que iniciam uma rebelião armada contra a nova rainha, tentando fazer com que Lady Jane assuma o trono. A rebelião, que contava com a participação do pai de Lady Jane é facilmente contida. Lady Jane, seu pai e seu marido são considerados traidores e decapitados. No século 20 o grupo de rock Rolling Stones compôs a música “Lady Jane” inspirada nessa história.

Em 1555 os puritanos passaram a ser perseguidos pelo novo governo. A rainha Maria Tudor manda assassinar o arcebispo Thomas Cranmer, que havia se tornado o líder da Igreja Anglicana (ele será canonizado como santo por esta igreja) depois do falecimento de Henrique VIII. Cerca de 300 puritanos são presos e assassinados e 800 deles fogem para Genebra e Frankfurt, na

Alemanha, mas Maria Tudor morre de câncer em 1558 aos 52 anos, assumindo o posto a sua meia irmã, a rainha Elizabeth I, também chamada Isabel I, que restaurou o anglicanismo como religião do Estado inglês e deu liberdade de culto aos puritanos. Esta igreja avançou na Escócia sendo conhecidos por lá como presbiterianos, pois o poder da Igreja era dado aos presbíteros, como eram conhecidos os pastores do país. Os conflitos religiosos na Inglaterra cessaram por algum tempo.

Em 1564 Calvino morreu de hemorragia pulmonar em Genebra aos 55 anos e o Consistório acabou-se, sendo os condenados por esta instituição perdoados, mas as ideias de Calvino já haviam se organizado em igrejas que agora contavam com o apoio de empresários e banqueiros para se expandirem.

O rei Carlos V tinha falecido em 1558. Antes, em 1556, ele abdicou do trono espanhol e seu filho, Felipe II, assumiu. A Espanha se tornou a grande defensora do catolicismo no continente.

Em 1580 Portugal foi anexado à Espanha, pois o exército de Felipe II atacou esta nação e a conquistou militarmente se aproveitando da falta de herdeiros do rei Dom Sebastião, seu sobrinho, que comandou um exército português contra o Marrocos com 24 anos de idade e morreu neste combate. Muito doente, mas profundamente católico Dom Sebastião tinha espírito cruzadista e queria expandir o catolicismo no norte da África conquistando territórios aos muçulmanos. Em 1578 lidera, pessoalmente, uma invasão militar de Portugal ao Marrocos. Um conflito civil no Marrocos é o pretexto para a invasão. O sultão Mulay Mohammed tinha sido deposto do trono pelo sultão Mulei Moluco apoiado pelos turcos. Dom Sebastião resolve apoiar Mulay invadindo o país. Dom Sebastião montou um exército de 15.000 homens e pediu ajuda a seu tio, Felipe II que, considerando a guerra absurda, recusou auxilio. Não que Felipe II não se envolvesse neste tipo de conflito. Em 1571 ele havia enviado navios de guerra e aproximadamente 10.000 soldados à Itália para barrar o avanço islâmico na região. Os turcos muçulmanos haviam invadido a ilha de Chipre e ameaçavam atacar a Itália. O Papa Pio V recebeu os navios e soldados espanhóis e também contou com o apoio da cidade estado de Veneza e da Ordem de Malta, uma organização militar católica que habitava a ilha de Malta.

Em outubro de 1571 os navios papais encontraram os navios muçulmanos que, embora mais numerosos, eram mal armadas. A batalha durou apenas 3 horas e os turcos muçulmanos foram derrotados. Cerca de 7.500 católicos e 20.000 muçulmanos morreram ou ficaram feridos2. Esta batalha marcou o fim da ameaça marítima islâmica na Europa Ocidental sendo conhecida como Batalha de Lepanto (Lepanto era uma cidade costeira grega que ficava perto de onde ocorreu a batalha). Embora Felipe II tenha se recusado a ajudar, Dom Sebastião recebeu armas e soldados, grande parte mercenários, da Alemanha e da Itália, e marchou contra o Marrocos. Partindo em vários navios o exército português desembarcou em território marroquino e se uniu a Mulay Mohammed e enfrentou as tropas de Mulei Moluco na Batalha de Alcácer-Quibir, também conhecida como Guerra dos 3 Reis. Mais numerosas e bem armadas as tropas de Mulei massacraram os exércitos de Dom Sebastião que morreu no conflito. Os portugueses recuaram e a invasão foi um fracasso total. Vários nobres e soldados foram feitos prisioneiros e o governo português pagou resgate para tê-los de volta, prejudicando as finanças do Estado. Surge a lenda em Portugal entre a população de que Dom Sebastião na verdade estaria vivo e que retornaria ao país para ser de novo seu rei. A lenda é conhecida como sebastianismo e terá relativa força em Portugal e também no nordeste do Brasil por séculos. O tio avô de Dom Sebastião, o cardeal Dom Henrique, assume o trono, mas morre dois anos depois. Felipe II se julga o novo rei de Portugal e com seu exército invade o país, tomando o Brasil e as colônias portuguesas na África para si, bem como o território português.

Elisabeth I, a partir do final dos anos 70, dava apoio a piratas ingleses que saqueavam o ouro carregado em navios espanhóis, vindos da América para a Espanha. Estes piratas eram em parte armados pela coroa inglesa e entregavam a ela parte do saque aos navios carregados de ouro vindos das Américas (de fato o contato entre estes piratas ingleses e navios vindos da América eram tão intensos que houve entre eles uma quase troca cultural. Ao saírem das Américas, Brasil principalmente, estes navios mercantes carregavam aves nativas, como araras e papagaios, que ficavam empoleirados nos ombros dos capitães destes navios. Os piratas

ingleses gostaram da idéia e adotaram papagaios como seus animais de estimação carregando-os nos ombros, vindo daí a idéia do pirata com um papagaio no ombro, comum na cultura inglesa). Enfurecido com a atitude de Elizabeth I que continuava apoiando os piratas ingleses em seus crescentes saques a navios espanhóis carregados com ouro americano, bem como com outros produtos, Felipe II criou uma gigantesca armada naval para invadir e destruir a Inglaterra. A “Invencível Armada” com ficou conhecida a marinha de guerra espanhola, saiu de Lisboa em 1588 para atacar os ingleses. A armada naval, a maior de toda a Europa, era composta de 130 navios de guerra fortemente armados com canhões, 8.000 marinheiros de Portugal e Espanha e 18.000 soldados fortemente armados que deveriam desembarcar na Inglaterra e conquistá-la, depondo Elizabeth I. Mais 30.000 homens aguardavam perto do Canal da Mancha no território dos Países Baixos com certo apoio francês. A armada saiu em maio, mas encontrou problemas. A falta de ventos, por um lado, bem como tempestades, separaram a armada fazendo com que muitos navios ficassem para trás. Embora separados do resto da “Invencível Armada” os navios da frente foram ao Canal da Mancha para conquistá-la. A marinha inglesa, comandada por Francis Drake, um pirata, estava atrás deles a pouca distância, seguindo-os. Outro grupo de navios ingleses partiu da costa leste da Inglaterra para interceptar os navios espanhóis no Canal da Mancha. A “Invencível Armada” esta cercada em dois lados, e os combates começaram no Canal da Mancha. A armada espanhola atirou seus canhões em cima da armada que vinha do leste inglês destruindo alguns navios, mas foram surpreendidos por trás, pelos navios comandados por Francis Drake, fortemente armados. Muitos dos navios da “Invencível Armada” que tinham ficado para trás e poderiam pegar Francis Drake em duas frentes param em portos franceses para se abastecer de alimentos. Aproveitando-se do fato, Francis Drake prepara às pressas um grupo de seis navios carregados de pólvora, e os lança sobre os navios da Armada espanhola estacionados, todos em um único porto francês. Estes navios chamados de “navios-fogo” ou “navios-bomba” são pegos por bons ventos, cada um deles sendo pilotados por um único navegador e, ao se aproximarem do porto onde os navios espanhóis estavam

ancorados estes navegadores pulam para fora, mas não sem antes, claro, acender pavios e os “navios-fogo” vão direto ao porto explodindo-se todos em quase sincronia, destruindo ou danificando dezenas de navios da “Invencível Armada” e matando algumas dezenas de marinheiros e soldados. Os outros navios da “Invencível Armada”, no entanto, que combatiam a marinha inglesa no Canal da Mancha destruíram os navios ingleses vindos do leste, mas não pararam, seguindo em frente, pois estavam sendo seguidos pela esquadra de Drake. A invasão falhara. Os 30.000 soldados espanhóis estacionados nos Países Baixos não puderam embarcar. Os navios da “Invencível Armada” deram a volta em toda a Inglaterra, passando pela Escócia, indo até a Irlanda para atacarem a Inglaterra pela Irlanda. Eles eram seguidos pelos navios de Francis Drake, que ganharam mais reforço em embarcações de guerra à medida que seguiam os navios espanhóis pela costa inglesa. Ao todo se uniram a Drake 163 navios de guerra, que alcançaram a enfrentaram os navios de guerra espanhóis na costa da Irlanda acabando com grande parte de sua esquadra. Cerca de metade dos navios espanhóis foram destruídos e o restante retornou à costa da Espanha e Portugal. A Inglaterra perdeu apenas algumas dezenas de navios. O conflito acabava com vitória inglesa. A Espanha perdeu quase 3.000 homens entre mortos, feridos e prisioneiros. A Inglaterra perdeu 500. Felipe II, ao se deparar com seus navios e soldados semi-destruídos, chorou amargamente. Com esta vitória a Inglaterra se tornou senhora dos mares e teve a possessão definitiva de um território na América do Norte, chamada de 13 colônias.

As igrejas reformadas, sobretudo a calvinista, ganharam com este conflito. Parte de suas crenças, como a doutrina da predestinação absoluta, foi adotada de vez pela Igreja Anglicana e o catolicismo foi tido como a religião do invasor espanhol, embora fosse também aceita. Fomentando os negócios no país a rainha Elisabeth I deu impulso ao empreendedorismo inglês. Os empresários e banqueiros, a maioria calvinistas, ainda que não tivessem títulos de nobreza, passaram a ser aceitos no parlamento e as suas idéias passaram a controlar, em parte, o governo de Elisabeth I que, aos poucos, foi transformando a Inglaterra em uma das maiores potências econômicas não só da Europa, mas também do planeta.

A Reforma Católica

Na metade do século 16 as igrejas saídas da reforma já tinham conquistado grande número de adeptos. O norte da Alemanha, grande parte do sudeste da França, a Dinamarca e grande parte da Suécia, Noruega, Finlândia, Holanda, Suíça, Islândia, Escócia e Inglaterra já haviam se convertido a uma ou outra das diferentes seitas ou ramos do protestantismo, nome que estas igrejas ganharam, também conhecidos por evangélicos. As igrejas também avançavam na Boêmia (atual República Tcheca) e na Hungria. Em face destes fatos o Papa Paulo III reuniu todos os cardeais e convocou o Concílio de Trento no ano 1545 para discutir a situação. As discussões foram acaloradas em face de vários problemas. Alguns cardeais defendiam a tese da tolerância e que a Igreja deveria até adotar algumas medidas da Reforma, como a justificação pela fé, mas estes consideravam as igrejas evangélicas erradas em vários fundamentos como a negação ao culto aos santos e a não obediência ao papado. No entanto a maioria esmagadora dos cardeais era mais radical, pois queria considerar todas as igrejas saídas da reforma como heréticas. Prevaleceu a vontade da maioria, mas eles concordaram com os cardeais minoritários de que a Igreja precisava de uma reforma, surgindo então a Reforma Católica, também conhecida por Contra Reforma. Depois de meses reunidos o Concílio reafirmou como verdades as crenças católicas atacadas pelos evangélicos. O Concílio concordou em vários pontos.

O papado era a representação visível de Cristo na Terra e a tradição aceita também, junto com a Bíblia, para interpretação da verdade divina (Lutero havia dito que só a Bíblia deveria ser aceita como a forma visível de Cristo na Terra).

Em oposição aos luteranos a Igreja rejeitou a justificação pela fé somente afirmando que também as obras são necessárias à salvação, baseados no Evangelho de Tiago.

O Concílio rejeitou a crença na predestinação absoluta e reafirmou

o livre-arbítrio.

Os Sete Sacramentos foram confirmados como válidos, mas foi concordado que eles deveriam ser mais bem explicados de o porquê serem válidos, os seminários católicos deveriam ser melhorados para que padres entendessem melhor, não só dos Sete Sacramentos, mas que também pudessem defender sua validade, prevalecendo, portanto, a vontade dos cardeais minoritários de que as escolas eclesiásticas e as Universidades de Teologia deveriam abordar melhor estas questões.

Foi confirmada a transubstanciação, a crença no Purgatório e o culto aos santos.

Para reforçar todas as crenças católicas o Concílio de Trento aprovou a inclusão de 7 livros na Bíblia, considerados apócrifos, mas que passaram a ser aceitos. São eles: os livros de Tobias, Judite, Baruque, Eclesiástico, Sabedoria de Salomão e I e II Macabeus. Além disso houve adições de apócrifos ao livro de Daniel como a história de Suzana, Bel e o Dragão que contém histórias de como a idolatria pode ser necessária e o cântico dos três homens que, segundo o livro de Daniel, Deus salvou da fornalha. Também houve adições ao livro de Ester que ganhou mais seis capítulos e dez versículos. Estes livros apresentam algumas crenças como mediação dos santos (Tobias e Macabeus), justificação pelas obras (Eclesiástico), intercessão pelos falecidos (Baruque) ou missa pelos falecidos (Macabeus). Estes livros não são aceitos como canônicos pelos judeus nem por nenhuma outra igreja cristã.

Em relação aos padres, conforme dito, foi determinado que sua instrução deveria ser mais elaborada melhorando as escolas para sua formação, bem como impondo o fim dos abusos de parte do clero com punições mais severas contra eles, sendo o celibato clerical confirmado e também exigido dos padres não só grande conhecimento cultural como também moral.

A cobrança de Indulgências, principal critica de Lutero à Igreja e o estopim da Reforma Protestante foi extinto, não mais sendo cobrado.

Bispos e padres foram obrigados a residir nas próprias igrejas ou perto de suas sedes, não mais em casas próprias muitas vezes longe de suas paróquias. Os padres deveriam educar os fiéis explicando melhor as crenças católicas.

Foi autorizada a criação da ordem religiosa-militar dos jesuítas. A Companhia de Jesus, cujos membros eram conhecidos por jesuítas, foi criada pelo militar espanhol Inácio de Loyola em 1534. Com rígida disciplina que lembrava o exército e total obediência ao papado a Companhia de Jesus se rogou a si própria como uma ordem missionária que pretendia recatolicizar, através da catequese, as regiões européias perdidas para as igrejas. Em 1546, com o Concílio de Trento em andamento, se apresentaram ao papa afirmando que iriam pregar o evangelho católico onde fosse que o papa ordenasse sem questionamentos. Empolgado com tanta fé o papa fez com que o Concilio aprovasse a nova ordem e determinou que eles pregassem a palavra do catolicismo na Ásia, África e principalmente no recém descoberto mundo americano. Os jesuítas ficaram também com a missão de educação de leigos em diversas regiões da Europa e também das Américas (em algumas regiões das Américas os jesuítas eram os únicos que se responsabilizavam pela escolarização dos fiéis). Muitas escolas jesuítas foram criadas na Europa e até reis foram educados nela. Nas Américas os jesuítas conseguiram converter muitos indígenas ao catolicismo e passaram a defendê-los contra a escravidão imposta a eles em algumas regiões das Américas.

O Concílio deu mais poderes ainda à Inquisição, ou tribunal do Santo Oficio, que foi autorizado a agir contra as heresias (as igrejas protestantes eram consideradas heresias) com total autonomia, ou seja, a Inquisição poderia julgar e condenar hereges à pena de morte na fogueira independente da permissão do papa ou de cardeais.

Foi criado também o Índex dos Livros Proibidos, ou seja, livros que a comunidade católica estava proibida de ler, mas as novas tecnologias, como a prensa, foram permitidas e usadas para difundir bulas ou determinações não só dos papas como também das ordens religiosas. O Índex dos Livros Proibidos seriam feitos em Roma e caberia à Inquisição condenar todos aqueles que as possuíssem.

Assim o Concílio reformou a Igreja Católica, reafirmando suas crenças contra as acusações dos protestantes e melhorando seus quadros. As decisões do Concílio afastaram ainda mais qualquer chance de reconciliação entre católicos e igrejas protestantes.

O Afastamentos Entre os Católicos e os Protestantes

O Concílio de Trento reafirmou os dogmas católicos negados pelas igrejas. Taxou o movimento protestante de herege e autorizou a Inquisição a persegui-los. A radicalização também havia ocorrido do lado das igrejas. Lutero afirmou que o papa era o anticristo e os católicos também passaram a ser perseguidos em regiões majoritariamente protestantes, com algumas exceções. Guerras abertas ocorriam, na metade do século 16 no Sacro Império Romano-Germânico e conflitos esporádicos ocorriam na Inglaterra. A Inquisição passou a tratar com vigor e força, para não dizer violência, todas as heresias, incluindo as igrejas, principalmente em Portugal e Espanha, países onde as idéias de Lutero ou Calvino nunca deram fruto, graças à atuação da Inquisição. No seu turno perseguições entre protestantes também ocorriam. Na Alemanha após a assinatura da Paz de Augsburgo em 1555 só os luteranos, bem como os católicos, foram reconhecidos. Calvinistas e anabatistas passaram a sofrer discriminação tanto de luteranos quando de católicos. No entanto o calvinismo avançava na Boêmia, região tcheca com grande população alemã.

Na França as perseguições às igrejas protestantes, principalmente ao calvinismo, recrudesceram, mas, em 1555 a coroa francesa, unida a alguns empresários calvinistas, resolveu invadir o Brasil, basicamente o Rio de Janeiro, para ali fundar uma colônia, chamada de França Antártica. O ministro católico, almirante Gaspard de Coligny (na época católico, mas que se tornará evangélico huguenote depois) havia financiado, com recursos do estado francês, a expedição. No Rio de Janeiro farão aliança com os Tupinambás, Goitacases, Aimorés e Temiminós, tribos indígenas habitantes da região que estavam reunidos na Confederação dos Tamoios, confederação essa que englobava estas tribos indígenas, que, na época, haviam se unido contra o domínio português. Os Caetés, outra tribo indígena, também se aliou aos franceses. Junto com os confederados indígenas os franceses guerrearam contra os

portugueses, tomando toda a região do Rio de Janeiro. Em 1560 uma grande expedição militar, chefiada pelos portugueses, com apoio de tribos indígenas inimigas dos confederados Tamoios, como os Guaianases, expulsaram os franceses de várias regiões do Rio de Janeiro. No entanto os Guaianases passaram para o lado dos Tamoios.

Desde 1561, na França, havia uma espécie de trégua entre católicos e calvinistas franceses após dura perseguição contra os calvinistas, chamados também huguenotes. Em 1562 o Édito de Saint Germain, escrito pela rainha regente Catarina de Médicis, dava não só liberdade de culto aos huguenotes como também lhes permitia que se armassem para fins militares. Membros católicos da nobreza, inclusive o rei da Espanha Felipe II, foram contrários às medidas do Édito de Saint Germain e pressionavam Catarina de Médicis a ser mais dura com os huguenotes. Um episódio marcou o inicio de mais conflitos no sudeste da França. O duque Francisco de Guise, católico, armou alguns homens e atacou um celeiro, no norte da França, onde estava sendo feito um culto huguenote em março de 1562, apenas algumas semanas depois de assinado o Édito de Saint German. Cerca de 60 huguenotes morreram no ataque. A chacina é conhecida como Massacre de Vassy e teve grande apoio de muitos católicos de Paris aumentando a popularidade de Francisco de Guise. A repercussão do crime gerou tumultos no sudeste da França que foram contidos pelo exército francês.

Catarina de Médicis reafirmou o Édito de Saint Germain, mas não puniu Francisco de Guise que acabou sendo assassinado a tiros em um atentado perpetrado por um huguenote de nome Jean de Poltrot de Méré (que foi torturado e assassinado por este ato) em 1563.

Pequenos conflitos entre católicos e huguenotes se tornaram comuns. Neles havia um padrão: huguenotes atacavam igrejas e destruíam imagens de santos enquanto os católicos atacavam também igrejas huguenotes. Em ambos os ataques muitas pessoas costumavam ser assassinadas. Apesar destes conflitos dentro da França huguenotes e católicos franceses se uniram no Rio de Janeiro e, em 1563, avançaram contra os portugueses conseguindo conquistar novas regiões. Com mais tropas Estácio de Sá, militar português, conseguiu expulsar os franceses destas regiões

conquistadas e, graças aos Jesuítas, os Guaianases passaram, de novo, para o lado dos portugueses, ficando somente os Tupinambás e seus aliados ainda lutando junto com a França contra Portugal. No entanto, doenças trazidas pelos europeus e aos quais os índios não tinham imunidade biológica, dizimaram grande parte dos índios membros dos Tamoios. Após várias batalhas violentas os franceses, tanto huguenotes quanto católicos, foram expulsos do Rio de Janeiro em 1567. Estácio de Sá, atingido por uma flechada de um tupinambá, morreria na guerra.

Se no Rio de Janeiro huguenotes e católicos lutaram lado a lado na França a situação era diferente. Tumultos entre católicos e huguenotes, em que morreram centenas de pessoas no sudeste e oeste da França em 1567, acirraram os ódios religiosos. A rainha interviu militarmente na região sudeste e os massacres acabaram, com a assinatura do tratado de Longjumeau, mas novos conflitos entre católicos e huguenotes aconteceram em 1570 onde também centenas de pessoas, de ambas as religiões, foram assassinadas. Mais uma vez tropas francesas intervêm e ocupam a região.

Em um destes conflitos se deu o massacre de jesuítas portugueses nas Ilhas Canárias por piratas huguenotes franceses em 1570. O jesuíta Inácio de Azevedo junto com outros 39 membros da ordem estavam indo ao Brasil quando foram abordados pelos piratas que, ao perceberem que os navegadores eram jesuítas os assassinaram a todos, incluindo a Inácio de Azevedo. Só um jesuíta foi poupado para servir como escravo, sendo cozinheiro no navio dos piratas huguenotes, mas acabou também sendo assassinado. Inácio de Azevedo foi beatificado séculos mais tarde.

Outro tratado de paz foi assinado entre católicos e huguenotes, o tratado de Saint Germain, mas apesar disso as tensões não acabavam. Em 1571 houve outro massacre em alto-mar parecido com o ocorrido contra os jesuítas. Um navio saído de Portugal com um padre chamado Pero Dias e mais 14 missionários jesuítas foram abordados, de novo, perto das Ilhas Canárias, depois de se desviarem da rota por causa de uma tempestade, por piratas huguenotes franceses, e também por um navio inglês, que pretendiam assaltar o navio, mas os piratas, percebendo o padre e os missionários assassinaram 5, incluindo o padre, e levaram outros 7

em seus navios que, um dia depois, também foram assassinados. Dois dos jesuítas foram atirados ao mar, mas acabaram sobrevivendo, resgatados por uma nau francesa. Outro jesuíta, doente, havia ficado para trás e não foi vítima da chacina.

Em 1572, em um gesto de paz, a rainha regente Catarina de Médicis (na verdade seu filho Carlos IX havia se tornado rei da França. Catarina governara antes como rainha regente porque ele era menor de idade, mas ainda governava o país devido a já ter consolidado seu poder e a ser muito respeitada pelo exército, bem como tinha a permissão do filho para governar) casa sua irmã, Marguerite de Valois, com Henrique de Navarra, um huguenote que era senhor feudal em Navarra, uma província espanhola, perto da fronteira com a França. Ainda nesse ano, 1572, no começo de agosto, um católico atirador de elite de nome Maurevert comete um atentando contra o almirante Gaspard de Coligny, que havia sido eleito líder dos huguenotes e que estava em Paris. Ele saiu apenas ferido, mas o atentado revoltou a comunidade huguenote francesa.

Membros católicos do exército, bem como da nobreza, na madrugada de 24 de agosto, dia de São Bartolomeu, já organizados e, com dezenas de homens armados, invadem casas e assassinam dezenas de huguenotes que estavam em Paris, entre eles o almirante Gaspard de Coligny. Já com ordens em mãos, membros do exército, estacionados no sudeste da França, iniciam uma grande matança de huguenotes. Eles invadem casas e bairros assassinando desenfreadamente os membros da igreja. Milhares de soldados bem armados estacionados em cidades como Toulouse, Lyon e Orleans recebem as ordens e iniciam as matanças. Os soldados privaram os huguenotes de suas armas atacando seus quartéis de surpresa e iniciando a chacina. A matança durou dias. O número de huguenotes assassinados é incerto, mas seu número é calculado entre 20.000 a 100.000. A matança ficou conhecida como a Noite de São Bartolomeu. O massacre aumentou o fosso entre as duas fés. Catarina de Médicis, ao saber do genocídio, manda cartas ordenando que os soldados parassem com as matanças, mas ela não pune ninguém. Estes, para não ocorrerem novas matanças, abandonam a região sudeste e os huguenotes resolvem constituir um exército próprio. O Papa Gregório XIII (o criador do calendário gregoriano), ao

saber da matança, comemorou com uma grande missa em Roma e chegou a mandar cunhar moedas glorificando o feito. A atitude do Papa enfureceu muitos huguenotes. Milhares deles resolveram sair da França, indo principalmente para a Suíça. Outros huguenotes mais radicais se organizaram em grupos extremistas e começaram a atacar católicos sendo respondidos com mais violência.

Em 1576 é criada a Liga Católica, uma grande organização paramilitar criada por Henrique de Guise, filho de Francisco de Guise, e que contou com a participação dos jesuítas, de Catarina de Médicis e do rei Felipe II da Espanha. A Liga Católica tem como objetivo exterminar os huguenotes do país. A família Guise aumentava seu poder na França. Embora fazendo parte da Liga Católica junto com os Guise, Catarina de Médicis era inimiga da família. Seu filho Henrique III reinou no lugar de Carlos IX, e os poderes de Catarina de Médicis foram enfraquecidos.

Um conflito militar pela posse do trono ocorreu em 1587, conhecida como Guerra dos Três Henriques. Henrique de Guise, fundador da Liga Católica organiza tropas para assumir o trono francês, mas é assassinado a mando de Henrique III. Henrique de Navarra, huguenote, conta com exércitos de sua fé, e inicia um conflito no sudeste da França. Tropas são enviadas à região e centenas de soldados, de ambos os lados, morrem. A rainha Catarina de Médicis faleceu no fim de 1588 e Henrique III foi assassinado em 1589 por um monge dominicano (que foi imediatamente assassinado pelos guardas) por ele ter mandado assassinar Henrique de Guise. Sem filhos, Henrique III não deixa sucessor e Henrique de Navarra assume o trono com o nome de Henrique IV. A Liga Católica não aceita a posse de Henrique IV e elege o Cardeal de Bourbon, tio de Henrique III, como o novo rei da França. No entanto Henrique IV seqüestra o cardeal e o mantém prisioneiro por uns tempos. Um conflito entre a Liga Católica e os exércitos de Henrique IV, de maioria huguenote, mas que contava com soldados católicos, se dá em várias regiões francesas. Ocupado com a guerra contra os ingleses o rei Felipe II da Espanha e integrante da Liga Católica, só se limita a enviar armas e indica sua filha, a Infanta Isabel Clara Eugenia, como nova rainha do país, mas muitos membros da Liga recusam a proposta de Felipe II não querendo uma espanhola como

sua rainha. As tropas de Henrique IV derrotam a Liga Católica em Paris em 1589. O conflito deixou 45.000 mortos, mas entendendo que o povo francês não o aceitaria como rei, devido a sua religião, ele então se converte ao catolicismo, o que agrada a Liga Católica e muitos dos seus súditos franceses. Assim pacifica o país e toma posse do trono.

Henrique IV publica o Édito de Nantes dando total liberdade de culto aos huguenotes em quase todo o país. Persegui-los seria crime. A medida desagrada muitos católicos, incluindo membros da Liga Católica. Henrique IV consegue cooptar a Liga lhes oferecendo muito dinheiro. Casado, ele terá várias amantes sendo considerado um dos nobres mais promíscuos do país. Em 1610 Henrique IV foi assassinado por um católico, François Ravaillac, a golpes de punhal, quando a carruagem do rei entrou em um engarrafamento (preso em flagrante, Ravaillac declarou ter tido premonições e queria comunicá-las ao rei, mas, paranóico, achou que ele queria fazer guerra ao papa, por isso resolveu assassiná-lo. Ravaillac foi torturado e executado. Seus pais foram exilados e sua família proibida de usar o sobrenome Ravaillac). Apesar da morte de Henrique IV o Édito de Nantes permaneceu válido na França por muitas décadas o que garantiu certa paz ao país.

Graças a essa paz interna os franceses pensaram, de novo, em atacar o Brasil. Em 1612 a marinha francesa atacou o Maranhão dominando o seu litoral, e também parte do Ceará e do Pará, estabelecendo a França Equinocial, fundando o forte de São Luís que seria o marco da fundação da cidade de São Luís no Maranhão. Neste empreendimento católicos franceses e alguns huguenotes se uniram. A Espanha, no entanto, não aceitou a perda da região (na época Portugal bem como o Brasil estavam dominados pela Espanha) e atacou, por terra, com soldados portugueses, a França Equinocial, expulsando os invasores franceses em 1615 que vão mais ao norte e conquistam a Guiana Francesa. Apesar da derrota os franceses conseguiram uma grande indenização da Espanha. As relações diplomáticas entre franceses e espanhóis, no entanto, ficaram um pouco abaladas.

A Guerra dos Trinta Anos

O mapa na próxima página mostra as fronteiras do Sacro Império Romano-Germânico (linha em escuro) no ano 1600. Para melhor entendimento a extensão foi feita sob um mapa da Europa moderna.



Mapa

de domínio público. Está autorizada a cópia, distribuição e a modificação deste documento segundo os termos da licença de documentação livre GNU, versão 1.2 ou qualquer outra que posteriormente seja publicada pela Fundação de Software Livre (Free Software Foundation); sem secções invariáveis (Unvariant Sections), textos de abertura (Front-Cover Texts), nem textos de conclusão (Back-Cover Texts).

O começo do século 17, os anos 1600, nasceu sob relativa paz em quase todo o continente europeu. No Sacro Império Romano-Germânico, que compreendia os feudos alemães, os ducados austríacos e o norte da Itália, bem como a Suíça e os Países Baixos, desde 1555, a Paz de Augsburgo mantinha católicos e luteranos em trégua, embora outras igrejas, como calvinistas e anabatistas, sofressem discriminação. Na Inglaterra o reinado de Elisabeth I garantia a liberdade de culto e a crença calvinista era adotada como política não só de Estado como econômica. Os negócios e empreendimentos prosperavam e levavam a Inglaterra rapidamente para o topo da Europa como uma de suas maiores economias.

Na França o Édito de Nantes garantia liberdade de culto aos huguenotes e as tensões praticamente acabaram. O avanço das igrejas protestantes era rápido, principalmente dos calvinistas, na Holanda e na Boêmia que era parte do país dos tchecos.

Na Espanha e em suas colônias a Inquisição e a ação dos jesuítas impediram o avanço protestante.

Na Itália, que na época não era um país unificado, mas um conjunto de feudos e Cidades Estado separadas entre si, a Igreja Católica, na figura pessoal do papa, impedia o avanço das igrejas. De fato, a Igreja, desde o Concilio de Trento, tratava a todos os que se opunham a suas crenças como heréticos, incluindo aí cientistas. A Igreja Católica, que havia financiado o Renascimento, após a Reforma de Lutero ficará mais radical. Seus membros, preocupados com dissidências e heresias, não mais aceitariam questionamentos. A Inquisição, nas regiões italianas, estava forte. Um dos que

experimentaram esta nova Igreja Católica, mais desconfiada, foi Giordanno Bruno, teólogo e filósofo italiano, queimado pela Inquisição católica em 1600 por defender a teoria heliocêntrica de Copérnico. Astrônomo e matemático polonês, Copérnico havia descoberto, em 1543, que a Terra na verdade, e também os outros planetas do Sistema Solar, giravam em torno do Sol. Esta tese se chocava de frente com a teoria do geocentrismo de Ptolomeu, filósofo grego do século 1 a.C., que dizia que o Sol e todos os planetas giravam em torno da Terra. Esta tese foi adotada pela Igreja Católica, séculos depois, como verdade incontestável. Ela se coadunava bem com a visão da Igreja de ser ela o centro do mundo cristão e também do Universo. Mas a descoberta de Copérnico dizia o oposto: era o Sol o centro do Universo (sabe-se atualmente que o Sol é na verdade só o centro do Sistema Solar, o Universo possui infindáveis sóis e estrelas). Giordanno Bruno, além desta idéia, também defendeu outra ideia, e foi por causa dela que foi condenado pela Inquisição, de que havia no universo outros mundos e também outros sóis, sendo o nosso Sol apenas mais um dentre muitos. Ele defendeu também a infinitude do Universo. Estas teorias foram comprovadas, séculos mais tarde, pela ciência. Bruno também defendeu a possibilidade de existência de outros seres vivos em outros planetas. As ideias de Bruno foram expostas no livro que ele escreveu: “Acerca do infinito, do universo e dos mundos”. Suas ideias, que batiam de frente com as crenças da Igreja, logo foram taxadas de heréticas. Bruno foi preso pela Inquisição em 1600 e queimado na fogueira no Campo de Fiori, uma praça no centro de Roma. A Igreja não aceitaria mais as heresias, elas que, segundo os seus membros, fizeram surgir as seitas protestantes.

Na Inglaterra as disputas entre católicos e protestantes permaneciam independentes do resto da Europa. Jaime I sucedeu a rainha Elisabeth I em 1603 ao assumir o trono. Jaime I já era rei da Escócia e fora aclamado como rei da Inglaterra, pois seria mais preparado. Em 1605 enfrentou a Conspiração da Pólvora, quando um grupo de católicos queria colocar no parlamento cerca de 36 barris de pólvora para matar Jaime I, líder da Igreja Anglicana, toda a família real e deputados calvinistas, bem como alguns empresários e banqueiros que iriam se reunir no parlamento. As bombas foram

feitas pelo especialista em explosivos, o católico Guy Fawkes. Diversos deputados católicos, que também iriam ao parlamento, foram avisados por carta para não irem. A intenção do atentando era, com a morte da família real, fazer com que católicos subissem ao trono e tomassem o poder político. No entanto uma das cartas caiu nas mãos de homens leais ao rei. Guy Fawkes foi pego em flagrante armando as bombas e preso, logo depois sendo torturado e assassinado. Outros participantes do atentando também foram presos e assassinados como traidores.

No governo de Jaime I alguns escândalos explodiram, pois ele distribuía terras, honrarias, pensões, títulos de nobreza e jóias a muitos homens jovens, o que quase esgotou o tesouro real, havendo a suspeita de que o rei fosse bissexual. Também acabou com alguns tratados de livre comércio entre Escócia e Inglaterra o que fez com que muitos empresários e calvinistas lhe fizessem oposição.

Em 1610, conforme dito, Henrique IV foi assassinado por um radical católico. Assumiu em seu lugar seu filho Luis XIII que iniciou a dinastia da família Bourbon, a família de seu pai. Na época surgia, na Inglaterra, entre calvinistas, a idéia do direito divino dos reis. Segundo esta idéia, que daria origem ao Absolutismo Monárquico, forma de governo que dominaria a Europa por séculos, o rei era não só representante de Deus na Terra como também não deveria ter sua autoridade, já que era divina, questionada por ninguém. Portanto o sistema jurídico, o parlamento, a Igreja, o papado ou qualquer outra autoridade era inferior à autoridade dos reis. Esta idéia ia contra a ideologia política defendida pela Igreja Católica desde o Papa Inocêncio III no século 12. Ao assumir o papado, em 1198, ele lutou contra os monarcas europeus, principalmente da França e Inglaterra, para impor a primazia da Igreja. A luta se deu no campo da ideologia. Inocêncio III sustentava que os reis governavam os corpos e detinham o poder temporal, já os papas governavam os espíritos, e detinham o poder espiritual. Portanto o poder dos reis, embora concedido também por Deus, era inferior ao dos papas. Inocêncio III, para ilustrar sua ideia, deu como exemplo o Sol e a Lua. O Sol governa o dia, a Lua governa a noite. O papado era como o Sol e os reis como a Lua, sendo o Sol bem superior em governo à Lua. O Sol representaria o governo espiritual e a Lua o temporal. Esta ideia cabia

bem no conceito medieval de governo e foi aceito pela ideologia vigente na época, sendo o poder da Igreja superior, portanto os reis deveriam estar submetidos à autoridade dos papas. Pensadores calvinistas, como Jean Bodin, em 1595, defendiam a tese de que os reis, sendo representantes de Deus na Terra deveriam cuidar também dos assuntos espirituais, não só temporais, já que para os calvinistas o papa não era representante de Deus na Terra, só os reis. Esta idéia foi adotada na Inglaterra pelo rei Jaime I, líder da Igreja Anglicana, no começo do século 17. Luís XIII, monarca católico, adotou em parte estas idéias para justificar seu poder e ter maior autonomia frente ao catolicismo. Isso ocorreu porque o monarca, da família dos Bourbon, se preocupava com o crescente poder de uma outra família de monarcas europeus: a dos habsburgos, muito amigos do catolicismo.

Carlos V, um habsburgo, rei da Espanha e do Sacro Império Romano-Germânico, ao falecer, foi substituído na Espanha por Felipe II e no Sacro Império Romano-Germânico foi substituído por seu irmão Fernando I. Os filhos de Carlos V, bem como outros membros da família ou aliados dela, receberam vários feudos na Áustria e no norte da Itália. Portanto a França, que tinha problemas de fronteira com o Sacro Império Romano-Germânico, entrando inclusive em uma guerra contra esta, nos tempos de Carlos V, estava, por assim dizer, cercada pela família dos habsburgos, que dominavam a Espanha, a oeste da França, e também dominavam a leste no Sacro Império e também a sudoeste com os feudos dados aos filhos de Carlos V. A Suíça, neutra, funcionava como um Estado tampão entre a França e a Áustria, mas possuía uma grande colônia de huguenotes franceses pouco confiáveis, pois eles se opunham ao Estado católico francês. O norte da Itália era praticamente parte da Áustria e sofria grande influência da família habsburgo.

O governo francês passou a pressentir perigo no crescente poder desta família. Felipe II faleceu na Espanha em 1598 e Luis XIII, saudou o novo rei, Felipe III, filho de Felipe II e também habsburgo e fizeram aliança. Luis XIII se casou com a filha de Felipe III em 1615, a infanta Ana D'Áustria, para garantir uma aliança entre os dois reinos e conter os espanhóis a oeste, mas ainda assim o poder dos habsburgos preocupava parte do exército e da nobreza francesa. No Sacro Império Romano-Germânico, desde 1555, com a assinatura da

paz de Augsburgo, conflitos militares mais graves entre luteranos e católicos não mais aconteciam. Entretanto a Igreja Calvinista, que não foi contemplada com este tratado e sofria discriminação tanto de luteranos quanto de católicos, avançava em várias regiões do império revitalizando antigas tensões.

Na Boêmia, região tcheca com grande minoria alemã o calvinismo, já em meados de 1605 se constituía como igreja majoritária na região, mas os nobres que governavam a Boêmia eram católicos e discriminavam a Igreja Calvinista, impedindo-a, por exemplo, de construir templos: os calvinistas só podiam construir igrejas mediante aprovação de nobres católicos. A ação dos jesuítas visava fortalecer a posição do catolicismo na região da Boêmia e esta ordem religiosa apoiava ativamente os habsburgos, família que dominava a política do Sacro Império Romano-Germânico e também da Espanha. Para piorar, potências estrangeiras como a Suécia e a Dinamarca declararam-se protetoras do luteranismo e ameaçavam agir militarmente se a Igreja Luterana sofresse alguma perseguição. As desconfianças entre católicos e luteranos, embora vivessem em relativa paz, ainda persistiam. Fernando I faleceu e foi substituído por Maximiliano II, profundo conhecedor das idéias de Lutero, embora católico, e bastante tolerante com os protestantes chegando a defender luteranos na Áustria que reclamavam de discriminação. Ao falecer ele foi substituído no trono, em 1576, por seu filho, Rodolfo II, da família habsburgo, que apoiava ativamente a Reforma Católica e a ação dos jesuítas no Sacro Império.

Na Hungria a Igreja Calvinista também tinha avançado muito, e se constituía em grandes minorias em algumas regiões do país. Os jesuítas resolveram concentrar forças neste país construindo diversas escolas, igrejas e até uma universidade: a Pázmani Peter, a primeira universidade húngara, mas ainda assim o calvinismo avançava. Rodolfo II, em 1604, atendendo ao apelo dos jesuítas usou de sua influência para tentar fazer com que os nobres húngaros impedissem o avanço do calvinismo. A Hungria era um Estado independente, mas Rodolfo II era também seu rei, pois herdou este título de seu avô, Fernando I, irmão de Carlos V, que se tornou rei do Sacro Império e que foi aclamado rei da Hungria por muitos nobres do país, já que o rei húngaro João Sigismundo Zápolya, convertido à Igreja Unitária,

uma igreja evangélica surgida no fim do século 16 e que negava a doutrina da trindade, tinha renunciado ao trono e não tinha deixado filhos, indo morar em seu feudo. Rodolfo II, também rei da Hungria, mantinha tropas do Sacro Império estacionadas no país e ameaçou usá-las para atacar feudos de nobres que se recusassem a proibir o calvinismo. Revoltados com a atitude de Rodolfo II um grupo de nobres iniciou uma revolta armada contra seu governo em 1604. As tropas do Sacro Império foram atacadas em diversos pontos do país com dezenas de mortes. Não querendo uma guerra, apesar de ter feito ameaças de ataques contra nobres desobedientes, Rodolfo II desiste da imposição, mas seu poder passou a ser questionado por muitos nobres húngaros. Em 1608 eles aclamam Matias, irmão de Rodolfo II, rei da Hungria e o país continua sob influência do Sacro Império Romano-Germânico. Embora grande defensor do catolicismo Rodolfo II acreditava também em astrologia e alquimia. A atitude de Rodolfo II na Hungria acirra mais ainda o medo e a desconfiança dos nobres luteranos alemães ao norte que resolvem criar em 1608 a União Protestante, também conhecida por União Evangélica, uma união militar que seguia os moldes da antiga Liga de Smalkade. Em 1609 nobres do sul da Alemanha resolvem também criar uma união militar: a Liga Católica (apesar do nome igual esta Liga não tinha nenhuma relação com a Liga Católica na França).

Rodolfo II morre em 1612 e é sucedido por seu irmão, o rei da Hungria, Matias, que apóia o catolicismo, mas se mostra mais tolerante com os evangélicos do que Rodolfo II. Na região da Boêmia, Fernando II havia se tornado rei em 1617. Educado em escolas jesuíticas Fernando II se tornou ferrenho defensor do catolicismo na região, que tinha maioria calvinista, e passou a discriminar com mais força os membros desta igreja, proibindo completamente seus cultos em lugares públicos e a construção de igrejas. Grupos de católicos radicais haviam destruído igrejas calvinistas em algumas regiões da Boêmia. Os calvinistas pediram que Fernando II interviesse em seu favor impedindo as agressões, mas não foram ouvidos. A revolta calvinista ocorreu em maio de 1618 e é considerado o estopim, o começo, da Guerra dos Trinta Anos. Revoltados com a atitude do rei alguns nobres calvinistas e também luteranos que começavam também a serem perseguidos e que eram signatários da União

Protestante foram conversar com o rei em seu palácio, mas foram recebidos por alguns de seus emissários que disseram que o rei não os ouviria. Revoltados, estes nobres calvinistas agarraram os emissários reais, algumas dezenas deles, e os jogaram do segundo andar do palácio. Alguns morreram, outros ficaram feridos. O fato é conhecido como Defenestração de Praga (Praga era a capital da Boêmia). Enfurecido com a atitude destes nobres, Fernando II começou a armar seu exército para atacá-los. Nobres luteranos e calvinistas também se armaram. Recebendo apoio da Espanha, pois Fernando II era um habsburgo, da Liga Católica e do papa, Fernando II armou seu exército e contou com mais tropas que foram mandadas para a Boêmia. Nobres calvinistas e luteranos iniciaram, em 1618, a revolta armada contra o rei e a guerra começou.

A princípio os luteranos e calvinistas obtiveram algumas vitórias contra os exércitos de Fernando II. Animados elegeram Frederico V o novo rei da Boêmia, mas as tropas dos nobres católicos do sul da Alemanha chegaram à Boêmia e iniciaram o ataque aos rebeldes. A rebelião armada já tinha se espalhado por vastas regiões da Boêmia e as tropas católicas ocuparam toda a região. Obtiveram vitórias importantes em algumas cidades da região e tropas rebeldes começavam a se render. A União Protestante, temendo a vitória católica na Boêmia, enviou soldados à região e o conflito tomou novas proporções. Com estes soldados Frederico V, que já havia se tornado líder da revolta, organizou suas tropas e atacou posições católicas em todo o reino. Em 1619 tropas da União Protestante, partindo do norte da Alemanha e entrando na Boêmia atacaram a Áustria que fazia fronteira com o reino da Boêmia e que ajudava os exércitos católicos. Vencendo destacamentos católicos na região chegaram perto de Viena, centro do poder da família habsburgo.

Enquanto isso, na Holanda, calvinistas iniciaram uma revolta contra a influência da Espanha na região. Embora independente tropas espanholas estavam estacionadas em algumas regiões do país recebendo apoio dos feudos do sul dos países baixos, que compreendiam a atual Bélgica, de religião católica. Os Flamengos e Valões, povos habitantes do sul, que formariam séculos depois a Bélgica, eram católicos enquanto os holandeses, em sua maioria, haviam se convertido ao calvinismo. Esta divisão fez com que os

Flamengos e Valões entrassem para a área de influência das potências católicas, principalmente a Espanha, que enviou soldados à região por volta de 1565. Antes do episódio da guerra marítima entre Espanha e Inglaterra, no episódio da “Invencível Armada” estas tropas, outrora na Bélgica, passaram a ocupar regiões vazias da Holanda. Revoltas contra a presença de tropas espanholas na Holanda ocorriam desde 1579, mas eram sempre reprimidas e seus líderes, muitas vezes, eram assassinados. Os países baixos viviam, desde 1560, em uma divisão religiosa. Mas a situação para os espanhóis piorava, pois o país, falido, mantinha as suas tropas na região em estado precário. Com o conflito ameaçando se espalhar nos países baixos (Holanda e Bélgica) a Espanha deixou de apoiar com armas os católicos da Boêmia. A situação ficou boa para os protestantes, mas houve problemas em suas fileiras. Muitos luteranos não queriam mais aceitar a liderança de Frederico V, que era calvinista, e um descontentamento entre os soldados luteranos não pôde ser contido. O conflito, agora transformado em guerra aberta, continuava na Boêmia e na Áustria. Senhores feudais católicos enfrentavam, na Áustria, tropas protestantes e estas ganhavam terreno.

Matias, rei do Sacro Império Romano-Germânico, não queria interferir na guerra e se manteve neutro, mas faleceu em 1619. Fernando II, rei da Boêmia e primo de Matias foi eleito pelos nobres católicos do sul como novo rei do Sacro Império Romano-Germânico. A União Protestante não o aceitou como rei e apoiou com mais força os calvinistas da Boêmia e os seus soldados que atacavam a Áustria. Fernando II, agora rei do Sacro Império, rompeu a neutralidade de Matias e mandou soldados à Boêmia e Áustria, sem contar com o apoio da Espanha, ocupado na Holanda e com suas finanças em ruínas. Milhares de soldados católicos marcharam para a Áustria e outros milhares para a Boêmia. Na Áustria as tropas católicas venceram os protestantes que acabaram debandando de volta à Boêmia. Esta derrota na Áustria, no entanto, fortaleceu o exército protestante da Boêmia com o incremento de mais alguns milhares de soldados. No entanto, nobres austríacos também mandaram soldados para lutar contra os protestantes na Boêmia, que acabou cercada por dois lados: a oeste pelas tropas da Alemanha do Sul e ao sul com as

tropas austríacas. Os combates continuaram encarniçados na Boêmia em todo o ano de 1619 gerando centenas de milhares de refugiados, muitos deles calvinistas, que fugiram para a Holanda e para o norte da Alemanha. Outras dezenas de milhares de pessoas morreram nos combates. Aos poucos as tropas católicas iam ocupando terreno na Boêmia e com a fuga em massa de protestantes para outras regiões, católicos alemães eram instados a ir morar nestas áreas abandonadas.

Em 1620 Fernando II enviou dezenas de milhares de soldados para a Boêmia. Com este incremento de tropas os protestantes na região iam perdendo mais terreno. Temendo uma possível derrota para os católicos, calvinistas da Boêmia pediram ajuda ao príncipe da Transilvânia (a Transilvânia na época era um país independente. Atualmente faz parte da Romênia) Gabriel Bethlen, também calvinista. O príncipe enviou rapidamente emissários ao sultão turco Osman II. A Turquia, na época, dominava grande parte dos Bálcãs e da Grécia e queria estender seus domínios para a Moldávia que na época apoiava a Polônia. Os poloneses apoiavam os católicos do Sacro Império Romano-Germânico contra os calvinistas da Boêmia e tinham desavenças territoriais com a Transilvânia. O sultão ofereceu 60.000 soldados aos calvinistas boêmios e, em troca a Transilvânia apoiaria o sultão na sua conquista da Moldávia. Soldados turcos saíram de Constantinopla, atual Istambul, em direção à Polônia, mas esta conseguiu rechaçar a invasão do exército turco em outubro de 1620. O conflito é conhecido como a Primeira Guerra Polaco-Otomana. A derrota fez com que o sultão deixasse de enviar grande parte dos soldados prometidos aos calvinistas da Boêmia. A guerra entre os calvinistas e as tropas católicas de Fernando II continuava, mas os calvinistas iam sendo derrotados. Os calvinistas então concentraram suas forças em uma região conhecida como Montanha Branca perto de Praga. Os calvinistas, que não mais tinham os exércitos turcos passaram a contar coma a ajuda de soldados luteranos da Alemanha, membros da União Protestante, e calvinistas da Hungria. O agrupamento protestante na Montanha Branca chegava a 20.000 homens, mas os exércitos católicos de Fernando II tinham 25.000 homens, muitos deles membros da Liga Católica, e passaram a contar com a ajuda militar da Polônia que enviou 2.000

soldados, cercando os protestantes em dois lados. Os primeiros combates se iniciaram em novembro de 1620 com os protestantes levando vantagem. Tilly, um dos comandantes católicos, teve a idéia de dividir o exército em dois para atacar as tropas protestantes em dois lados. As tropas imperiais de Fernando II atacaram de um lado enquanto os soldados da Liga Católica atacaram de outro, tendo os poloneses atacando em uma terceira frente. Cercados, os protestantes resistiram por poucos dias e estes recuaram até a cidade de Praga, mas não conseguiram chegar na cidade, sendo massacrados. Derrotados perto de Praga, capital da Boêmia, que havia sido ocupada por eles em 1619 com a saída de Fernando II, milhares de protestantes fugiram. Comandados pelo general João T'Serklaes von Tilly os soldados católicos ocuparam Praga. Nesta batalha cerca de 5.000 protestantes e 2.000 católicos morreram. Nobres calvinistas perderam suas terras e a Boêmia se tornou, de vez, parte do Sacro Império Romano-Germânico. As igrejas protestantes foram proibidas completamente na região. Parecia ser uma vitória final do catolicismo.

O ano de 1621 transcorreu em relativa calma, embora batalhas esporádicas ocorressem entre as tropas católicas e rebeldes protestantes. A derrota na Boêmia fez com que dezenas de milhares de soldados calvinistas fugissem da região e fossem se instalar na Holanda. Este país, embora pertencente ao Sacro Império Romano-Germânico era autônomo, praticamente independente. Na região, atualmente conhecida como Bélgica, habitavam os povos católicos chamados Flamengos e Valões que sofriam influência cultural da Espanha e dezenas de milhares de soldados espanhóis habitavam a região, uma herança do tempo em que Carlos V era regente não só da Espanha como também do Sacro Império. Como os dois reinos eram governados pela mesma família as tropas espanholas continuaram estacionadas na região. A Holanda, no entanto, reivindicava partes do território ocupadas por estas tropas e reclamava que parte de seu país era dominado pela Espanha. Conflitos entre holandeses e tropas espanholas eram relativamente comuns. Um dos territórios que os holandeses reclamavam como pertencente a si era a região de Fleurus, região ainda existente na Bélgica, habitado por uma grande população de Valões. A chegada

de dezenas de milhares de soldados calvinistas fugidos da Boêmia foi vista como uma oportunidade por muitos holandeses, pois estes soldados tinham experiência em combate e, na Holanda, estavam desempregados. Generais holandeses passaram a recrutar esses soldados para seus exércitos e iniciaram os planos de invadir Fleurus para anexar o território à Holanda. Em agosto de 1622 a invasão começou. Os holandeses possuíam 14.000 soldados que se aproximaram da região de Fleurus pela província holandesa de Brabante do Norte. As tropas calvinistas entraram em confronto com tropas espanholas estacionadas na fronteira. Após uma grande tiroteiro e disparos de canhões os poucos soldados espanhóis fugiram, fazendo com que os soldados calvinistas entrassem em Fleurus. No entanto os Valões habitantes do lugar não deram apoio a estes soldados, pois eram católicos e preferiam a influência da Espanha. As tropas espanholas em um total de 8.000 soldados marcharam rapidamente para Fleurus para reconquistá-la e encontraram as tropas calvinistas. No começo os espanhóis abriram várias lacunas no exército calvinista que, mal posicionado, chegou a perder um batalhão inteiro. A cavalaria calvinista estava no flanco esquerdo e foi enviada para ajudar o restante das tropas, mas em sua primeira tentativa foi repelida pelo exército espanhol. Reagrupando-se rapidamente a cavalaria calvinista avançou, desta vez com força total e conseguiu abrir lacunas no exército espanhol. No entanto o restante dos soldados calvinistas foram impotentes para ajudar a cavalaria que passou a sofrer reveses. Mosqueteiros espanhóis abriram fogo de uma só vez na cavalaria que sofreu grande massacre. Muitos fugiram, mas encontraram no caminho mais soldados espanhóis, escondidos em árvores que terminaram de massacrar a cavalaria calvinista. Os calvinistas resolveram abandonar a região de Fleurus e fugiram de volta à Holanda, mas foram seguidos pelos espanhóis que demoraram alguns dias para alcançá-los. Os combates reiniciaram, mas os soldados calvinistas tinham pouca força para resistir e sofreram outro massacre. Finalmente o que restou dos invasores calvinistas voltou para a Holanda. Dos 14.000 soldados enviados a Fleurus cerca de 5.000 morreram. Os espanhóis perderam apenas 300 soldados e a Holanda desistiu de atacar Fleurus que permanece, ainda na atualidade, como uma província belga. O conflito é

conhecido como Batalha de Fleurus.

Enquanto calvinistas e católicos lutavam em Fleurus, na Boêmia, o conflito que parecia terminado recomeçou no seu interior onde alguns milhares de soldados calvinistas se reuniram e atacaram, em 1622, os exércitos católicos estacionados em várias áreas da Boêmia, derrotando-os em Wiesloch. Os calvinistas começaram a ganhar terreno expulsando as tropas católicas de diversas cidades e vilas. Em 1623, no entanto, a Espanha enviou mais armas e Fernando II conseguiu, com seus exércitos, reconquistar várias cidades e vilas outrora perdidas aos rebeldes calvinistas. Frederico V e milhares de calvinistas abandonaram a Boêmia e se dirigiram à Holanda e, em 1623, os católicos conquistaram toda a Boêmia, tornando a religião católica majoritária, já que dezenas de milhares de calvinistas e luteranos fugiram da região e outros milhares morreram na tentativa frustrada de rebelião e reconquista da Boêmia. Parecia que a guerra ia acabar aí, mas a vitória de Fernando II, bem como sua aliança com a Espanha, gerou desconfianças ainda maiores na França. Embora aliada do país a Espanha não era tida como de extrema confiança pelos franceses, pois os governantes da Espanha e do Sacro Império Romano-Germânico eram da mesma família. Para piorar, os habsburgos haviam conquistado a Boêmia e colocado familiares seus no comando da região. Os luteranos do norte da Alemanha também temiam o poder do sul católico agora que estes eram donos da Boêmia.

Em 1624 o rei da Dinamarca, Cristiano IV, que também era rei da Noruega, recebeu pedidos de ajuda de nobres luteranos alemães que temiam serem os próximos a serem conquistados. Os holandeses, em 1624, querendo se livrar do domínio que a Espanha detinha de pequena parte de seu território também fizeram alianças com nobres luteranos da Alemanha do norte. No fim de 1624, Cristiano IV armou seus soldados e, contando com o apoio de parte dos nobres da Alemanha do norte e dos holandeses, invadiu, de surpresa, a Alemanha do norte com o intuito de anexar a região à Dinamarca, construindo um grande Estado luterano na região. O primeiro Estado a ser anexado foi a Saxônia, no começo de 1625 e os exércitos dinamarqueses, contando com o apoio da nobreza luterana, iam anexando vastas regiões ao norte do país. Fernando II enviou o

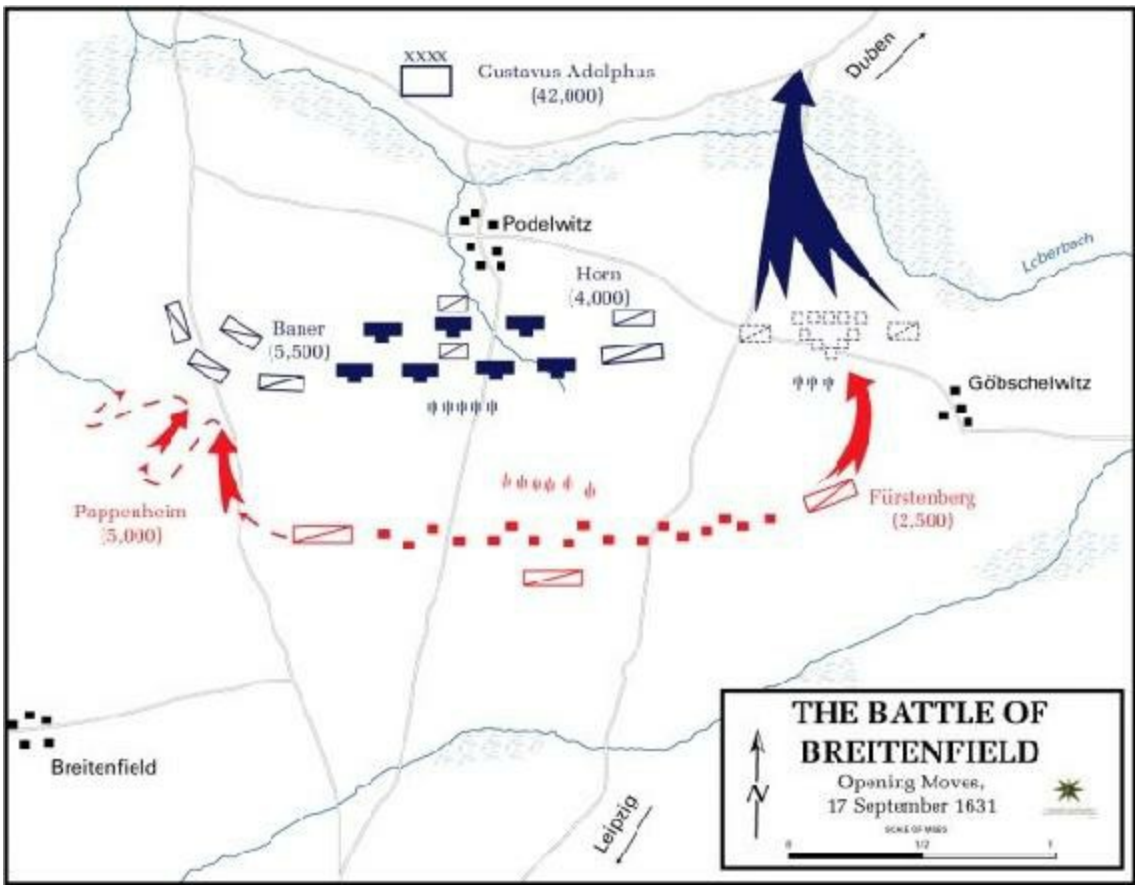
general Tilly, que tinha seus soldados estacionados na Boêmia, para combater os exércitos dinamarqueses ao norte. Albrecht von Wallenstein, duque de Friedland, nobre tcheco, tinha a seus serviços algumas dezenas de milhares de mercenários. Albrecht ofereceu seus soldados para Fernando II que aceitou.

Este exército de mercenários atacou as tropas dinamarquesas em Dessau, cidade da Alemanha do Norte, perto da fronteira com a Boêmia, tomada pela Dinamarca. No entanto o exército dinamarquês já contava com o apoio de milhares de soldados evangélicos que estavam estacionados em Dessau, pois as tropas dinamarquesas haviam recuado. Antevendo a chegada dos mercenários de Albrecht os protestantes de Dessau dirigiram-se a uma ponte que ficava perto da cidade, no rio Elba, encontrando as tropas de Albrecht em abril de 1626. As tropas protestantes eram comandados por Ernest Von Mansfeld, que havia lutado na Boêmia. O encontro dos dois exércitos se deu na ponte. Usando um estratagema, Mansfeld fez com que seu exército de 12.000 soldados parecesse menor do que era, colocando a artilharia e a infantaria à frente, para fazer com que os mercenários de Albrecht acreditassem que a batalha seria facilmente ganha e relaxassem. Albrecht chegou à ponte com 20.000 soldados e o conflito começou. Ao contrário do que acreditava Mansfeld os soldados de Albrecht lutaram aguerridamente. Mansfeld tentou então fazer com que os soldados que estavam atrás avançassem todos, mas sua tática falhou, pois foram bombardeados pelos canhões dos mercenários de Albrecht. A batalha durou dias e os soldados protestantes recuaram, sendo derrotados. O número de mortos entre eles foi de 4.000. Entre os soldados de Albrecht não há fontes que indiquem quantos morreram. Os mercenários, no entanto, pilharam completamente a cidade de Dessau. O fato é conhecido como a Batalha da Ponte Dessau.

A derrota protestante em Dessau fez com que os católicos avançassem mais ao norte encontrando-se com o grosso das tropas dinamarquesas estacionadas no entorno da cidade de Lutter Bem Barenberge. Soldados da Liga Católica, bem como do exército imperial de Fernando II encontraram-se frente a frente com o exército dinamarquês nesta cidade ainda em 1626. Tilly foi escalado para ser o líder dos soldados. O próprio rei Cristiano IV, em pessoa, foi liderar

as tropas na cidade. Ele saiu da Dinamarca logo depois da derrota dos protestantes em Dessau para se encontrar com seu exército. Tilly fez com que o exército dinamarquês, que contava mais ou menos com 20.000 soldados, saísse da cidade para enfrentar os exércitos da Liga Católica em campo aberto, que também contava com mais ou menos 20.000 soldados. A infantaria católica avançou rompendo o avanço dinamarquês em três ocasiões, mas o avanço católico foi rechaçado pela cavalaria dinamarquesa. No entanto a cavalaria foi perdendo força e a artilharia avançou sobre o exército católico que conseguiu uma grande vitória. Os soldados dinamarqueses entraram em pânico e recuaram, coisa parecida fazendo Cristiano IV que voltou à Dinamarca. Cerca de 6.000 protestantes dinamarqueses morreram enquanto outros 2.500 foram capturados. Entre os católicos não há fontes que indiquem as baixas. Este confronto é conhecido como a Batalha de Lutter (mais detalhes sobre as batalhas envolvendo o exército dinamarquês no Sacro Império, número de soldados, mortos ou feridos, no livro “Encyclopedia of Battles” na bibliografia

A próxima imagem, de época, retrata a Batalha de Lutter em que as tropas católicas (à esquerda) atacam as tropas dinamarquesas (à direita):



Fonte: Schlacht bei Lutter, zeitgenössische Darstellung 17. Jahrhundert (obra de domínio público, pode ser copiada livremente desde que citada a fonte).

Por ordens de Cristiano IV os soldados dinamarqueses debandaram de volta à Dinamarca. Muitos nobres luteranos também haviam passado para o lado de Fernando II, pois não queriam que a Dinamarca anexasse a região norte da Alemanha a seu território. As tropas católicas dominaram a região em 1627. Aproveitando-se do domínio católico na região norte Fernando II exigiu que parte das terras católicas, tomadas por nobres luteranos depois de 1555, fossem devolvidas à Igreja. Desde a paz de Augsburgo de 1555, nenhuma terra pertencente à Igreja Católica poderia ser tomada. No entanto, ao norte da Alemanha, alguns feudos católicos foram anexados por alguns nobres alemães depois do tratado,

principalmente fazendas e terrenos dos arcebispados de Bremen e Magdeburgo. O domínio católico do norte da Alemanha aumentou em 1628 fazendo parecer que a guerra havia acabado, mas alguns nobres luteranos organizaram uma reação armada à ocupação católica. Ainda em 1627 Cristiano IV contactou alguns oficiais escoceses, presbiterianos, para que esses viessem à Dinamarca comandarem seu exército. Esses oficiais prometeram a Cristiano IV cerca de 11.000 mercenários vindos da Escócia que chegaram ao país em 1628. A Pomerânia, região ao extremo norte e nordeste alemão estava sob ocupação católica, mas uma cidade portuária, Stralsund, de 20.000 habitantes, se recusava a obedecer ao imperador católico Fernando II. Essa cidade tinha, em sua maioria, luteranos e calvinistas e estes, temendo uma invasão dos exércitos da Liga Católica que dominavam o norte alemão pediram ajuda à Dinamarca e à Suécia, dois países luteranos. Em maio de 1628 tropas comandadas por Albrecht, sob ordens de Fernando II, fizeram um cerco à cidade de Stralsund, com alguns milhares de soldados, exigindo que a cidade passasse a obedecer ao imperador. Ao saber do cerco Cristiano IV manda centenas de mercenários escoceses à cidade de navio que passam a organizar a resistência. A Suécia também mandou algumas centenas de soldados para ajudar. O cerco feito pelos soldados de Albrecht durou até junho, mas adiantava pouco, pois a Dinamarca mandava ajuda por mar e também, mais alguns milhares de soldados escoceses. Albrecht resolveu, então, atacar a cidade ainda em junho. As tropas escocesas defendiam a cidade e se encontraram com as tropas de Albrecht em seus muros. O conflito se deu no distrito de Franken onde as tropas católicas tentaram entrar. Elas foram rechaçadas, mas cerca de 900 escoceses morreram. A cidade não se rendia. Albrecht resolveu bombardear a cidade com seus canhões no começo de julho para forçar uma rendição. No entanto a cidade, apesar dos bombardeiros intensos que a destruíam, não se rendia. No fim de julho chuvas torrenciais atingiram a região transformando o campo de batalha em um grande pântano. Albrecht resolveu interromper o cerco. A população da cidade comemorou sua vitória com uma grande festa. Ainda, atualmente, na cidade de Stralsund se comemora esta vitória com um festival anual chamado Wallensteintage, ou Dia de Wallenstein

(Wallenstein é um dos sobrenomes de Albrecht). Este fato é conhecido como a Batalha de Stralsund ou o Cerco de Stralsund. No começo de agosto de 1628 tropas dinamarquesas invadiram a cidade litorânea de Wolgast, tomando a ilha de Usedom. Albrecht dirige-se com seus soldados, em número de 8.000, para lá para retomar a cidade. As tropas dinamarquesas, que contavam com 7.000 soldados, entre eles algumas centenas de escoceses, resistem ao ataque, mas, em um dia, perdem 1.000 soldados que morrem na invasão de Albrecht à cidade. O fato é conhecido como Batalha de Wolgast. Os dinamarqueses fugiram para seus navios e voltaram a seu país.

Enquanto católicos e protestantes guerreavam na Alemanha, na França um outro conflito entre estes dois ramos cristãos se intensificava no fato conhecido como o Cerco de La Rochelle. Desde a publicação do Édito de Nantes os huguenotes (calvinistas franceses) e outras igrejas evangélicas, tinham total liberdade de culto, mas muitos deles, em algumas cidades, ainda enfrentavam discriminação. Muitos fugiam para a Suíça ou Holanda, mas outros acabaram por se mudar para uma cidade litorânea, na costa oeste da França, conhecida por La Rochelle. Com o tempo esta cidade foi se tornando majoritariamente habitada por huguenotes. Em 1627 já contava com perto de 28.000 habitantes e tinha um grande afluxo comercial com a Inglaterra. A cidade comerciava basicamente com esse país e quase nada com o resto da França. O governo francês, preocupado com o poder da família habsburgo apoiava discretamente os luteranos do norte alemão, mas começava também a se preocupar com o poder crescente de La Rochelle e a considerava muito ligada à Inglaterra. A desconfiança se tornou maior quando o duque George Villiers desembarca em navios com 6.000 ingleses na Ilha de Ré próxima de La Rochelle e esta constrói muralhas fortificadas cercando a cidade. O governo francês resolve atacar a cidade. O cardeal Richelieu, um dos conselheiros reais, é indicado como líder da expedição militar contra a cidade. Com cerca de 20.000 soldados Richelieu ordena o cerco a La Rochelle que se inicia em setembro de 1627. George Villiers e seus soldados são expulsos pelos franceses da ilha de Ré onde haviam desembarcado. Navios ingleses são impedidos de chegar até a cidade de La Rochelle pelos franceses que constroem inclusive diques para impedir a chegada destes navios. O

filósofo e matemático católico francês René Descartes, criador, mais tarde, da Geometria Analítica e do Método Cartesiano, chegou a visitar a região do cerco. O cerco aumentava a fome dentro da cidade entre os seus habitantes, mas a cidade não se rendia. Sem muitas armas ela também não atacava o exército francês que cercava a cidade, mas também o exército francês não atacava, acreditando que o cerco seria mais eficaz. La Rochelle acabou por se render ao exército francês em outubro de 1628. Dos 28.000 habitantes só restaram perto de 6.000 dentro da cidade. O restante ou havia se rendido ou havia morrido de fome, sede ou doenças. Os habitantes de La Rochelle receberam o perdão real e a cidade saiu da órbita de influência inglesa.

Com o norte do Sacro Império pacificado em 1629 Fernando II lançou o Édito da Restituição determinando que as terras de vários bispados, casas religiosas e monastérios fossem devolvidas à Igreja Católica. Sem condições de reagir os nobres luteranos, que haviam tomado estas terras, as devolveram. Nesta altura as tropas mercenárias de Albrecht já haviam chegado a 134.000 homens, todos pagos por ele e também por Fernando II. O nordeste da Alemanha foi também ocupado e recatolicizado pelo poder imperial. Ainda em 1629, Albrecht assinou um tratado, o tratado de Lubeck, com Cristiano IV, no qual o rei dinamarquês se comprometia a não mais se envolver e nem ajudar qualquer nobre luterano do norte da Alemanha. Querendo que seu filho fosse eleito para ser o novo imperador Fernando II fez um acordo com muitos nobres luteranos em 1630. Estes apoiariam o seu filho como novo imperador e em troca Albrecht seria dispensado e seus exércitos mercenários desocupariam o nordeste e partes do norte alemão e voltariam para a Boêmia. Os nobres luteranos aceitaram a proposta.

O norte da Alemanha, ainda possuindo em seus territórios tropas imperiais católicas, estava sob poder dos habsburgos. A França resolveu agir, pois agora até o norte alemão estava sob o domínio desta família. Richelieu, cardeal católico, que desde 1628 era ministro de confiança de Luis XIII, e que analisava de longe o conflito entre católicos e protestantes na Alemanha resolveu, para espanto dos católicos, apoiar a Suécia, luterana, em uma guerra contra a Polônia, católica, em 1629. Por disputas marítimas a Suécia havia tido

problemas políticos com a Polônia que descambaram em guerra aberta em 1629. Considerado o introdutor de peças de artilharia em navios e em terra mais ligeiras que qualquer outra que havia sido inventada, onde o soldado ou o marinheiro em vez dos 150 passos originais para recarregar um canhão dava 90 passos, a marinha de Gustavo Adolfo, rei da Suécia, venceu os poloneses no mar em uma rápida batalha e conseguiram a apropriação de grandes extensões de mar navegável. Richelieu, apesar de cardeal, firmou várias alianças com alguns nobres luteranos no norte da Alemanha. A região era dominada por exércitos católicos e eles se ressentiam com a dominação direta de Fernando II em seus feudos. Gustavo Adolfo também firmou várias alianças com outros nobres luteranos alemães. Em 1630 o Cardeal Richelieu e Gustavo Adolfo firmaram uma aliança secreta para combater Fernando II.

Os motivos da aliança entre estes homens eram diferentes. Richelieu era um cardeal católico, mas antes de tudo era ministro da França. Não que Richelieu fosse um traidor do catolicismo, longe disso, mas como ministro ele sabia separar questões temporais de religiosas. Ele sabia que a França tinha problemas de fronteira com o Sacro Império Romano-Germânico ainda não resolvidos. Com a Espanha dominando os Países Baixos e com Fernando II dominando o norte da Alemanha a França que antes já estava cercada, agora estava mais cercada ainda. Richelieu, portanto, conhecia bem os problemas políticos de seu país e sabia que uma aliança com os luteranos era a única saída para conter o poder da família habsburgo, governantes da Espanha, do Sacro Império e da Boêmia e ainda contando com a aliança de flamengos, valões e húngaros. A França estava em uma posição delicada, por isso Richelieu teve que fazer alianças que contrariavam suas convicções religiosas. Ele sabia separar convicções religiosas de assuntos de Estado. Maquiavélico e grande político Richelieu será, no século 19, o grande vilão de um romance escrito por Alexandre Dumas: “Os Três Mosqueteiros”, romance que conta a estória de D’artagan, um jovem que vai a Paris disposto a ingressar no corpo de elite da guarda do rei Luís XIII, Os Mosqueteiros, conhecendo três deles: Athos, Porthos e Aramis. Richelieu será um dos vilões da estória, encarnando a política, e tudo o que ela tem de nefasto, em seu lado mais puro.

Já Gustavo Adolfo, ao contrário de Richelieu, era mais religioso que político. Luterano convicto ele sabia que uma aliança com os franceses católicos faria com que a Suécia vencesse na Alemanha e aumentasse a força do luteranismo, levando esta religião a ser majoritária no Sacro Império. Ele montou um grande exército de camponeses suecos e mercenários bem instruídos em suas novas e ótimas táticas de guerra. A disciplina dos soldados era forte e violências contra civis, de qualquer tipo, bem como contra prisioneiros de guerra, eram proibidos. Gustavo Adolfo forçava também seus soldados a cantarem hinos evangélicos e o treinamento das tropas era constante e seus soldos nunca eram atrasados. Os castigos físicos contra a indisciplina eram severos. Além de tudo isso Gustavo Adolfo era um grande estrategista militar. Enquanto Richelieu encarnava bem a política e as suas alianças, às vezes contraditórias, pois ingenuidade e política dificilmente andam juntas, Gustavo Adolfo encarnava bem a genialidade militar. Para firmarem a aliança, franceses e suecos assinaram o Tratado de Barwalde. Neste tratado a França se comprometia a financiar em parte a invasão sueca no norte e possíveis tratados de paz só seriam assinados por franceses e suecos mutuamente.

Sentindo-se preparado, Gustavo Adolfo atacou de surpresa o norte da Alemanha no final de 1630. Com dezenas de navios, que partiram da Suécia, a marinha real sueca bombardeou de surpresa portos do norte da Alemanha, dominando-os rapidamente. Assim, outras dezenas de navios já em alto-mar, com dezenas de milhares de soldados, desembarcaram nestes portos dominados e marcharam rumo à conquista do norte alemão. Seus exércitos contaram com o apoio maciço de muitos luteranos alemães e nobres que atacaram tropas católicas estacionadas no norte. Os suecos precisavam de uma base fortificada para iniciarem a invasão do norte da Alemanha e escolheram a cidade de Frankfurt para seu centro de operações. Gustavo, que já havia desembarcado junto com seus soldados, enfrentou algumas poucas resistências de tropas católicas até chegar a Frankfurt em abril de 1631. Soldados mercenários escoceses (o número aproximado deles é incerto) também haviam se incorporado ao exército sueco, chefiados pelo general escocês Jhon Hepburn que era católico. Sem os mercenários de Albrecht, que estavam na

Boêmia, a resistência católica continuava fraca, mas muitas tropas católicas estavam estacionadas em Frankfurt. O exército sueco chegou às portas da cidade, cercando-a e iniciando o bombardeio de canhões contra ela. Às pressas tropas imperiais saíram do sul da Alemanha e da Boêmia para interceptar os suecos, que, em dois dias, entraram na cidade e a tomaram. As tropas imperiais chegaram à cidade e enfrentaram as tropas suecas do lado de fora, mas foram facilmente rechaçadas recuando em poucos dias. Cerca de 800 suecos e escoceses e 3.000 católicos morreram nesta batalha conhecida como Batalha de Frankfurt.

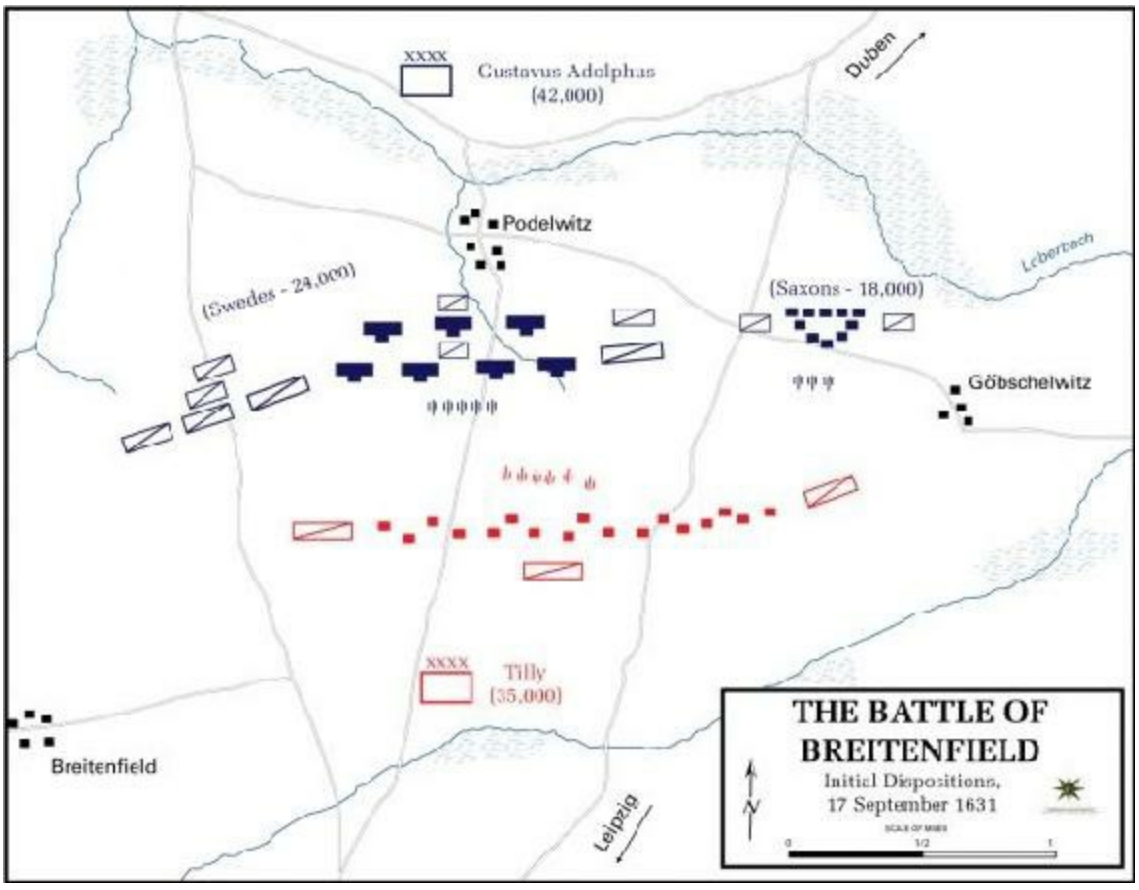
Com a conquista da cidade as tropas suecas foram descendo ao sul da Alemanha conquistando aldeias e povoados, bem como outras cidades. O general Tilly que também tinha um exército de mercenários foi chamado para interceptar o avanço sueco. Ele encontrou com o exército da Suécia por volta de julho de 1631 na cidade de Werben, conquistada pelos suecos. A Suécia, no entanto, havia perdido seus soldados escoceses depois que Gustavo Adolfo fez um comentário desrespeitoso contra o catolicismo o que desagradou Jhon Hepburn que tirou seus soldados do batalhão sueco. Os suecos tiveram que contratar mercenários saxões. Os soldados de Tilly partiram para Werben saindo dos arredores de Magdeburgo. A cidade havia sido arrasada pelos soldados de Tilly em maio de 1631. Magdeburgo era uma cidade de maioria luterana e onde o próprio Lutero tinha pregado em 1624. Precisando de comida para seu exército Tilly resolveu atacar os armazéns da cidade, que possuía cerca de 30.000 habitantes. Os habitantes recusaram-se a entregar sua comida aos soldados de Tilly e este resolveu cercar e invadir a cidade. No entanto seus soldados saíram de seu controle e passaram a saquear as casas assassinando quem encontrassem pela frente. Milhares fugiram para perto da grande catedral de Magdeburgo, uma catedral gótica, uma das mais antigas da Alemanha, construída por volta do século 10 e que ainda existe na cidade, que fora católica, mas havia se tornado uma igreja luterana à medida que a população foi se convertendo à esta fé e o número de católicos decrescia. O bispo luterano Reinhard Bakes suplicou a Tilly pela vida dos que estavam no entorno da catedral. Tilly, que havia retomado o controle dos soldados, concordou, mas só se a catedral

voltasse a ser católica. O bispo acabou aceitando. Tilly fez com que os seus soldados saíssem da cidade, mas algumas centenas deles invadiram a catedral e roubaram tudo o que encontraram. Só 4.000 moradores da cidade sobreviveram à matança, cerca de 26.000 morreram. O fato é conhecido como o Saque de Magdeburgo.

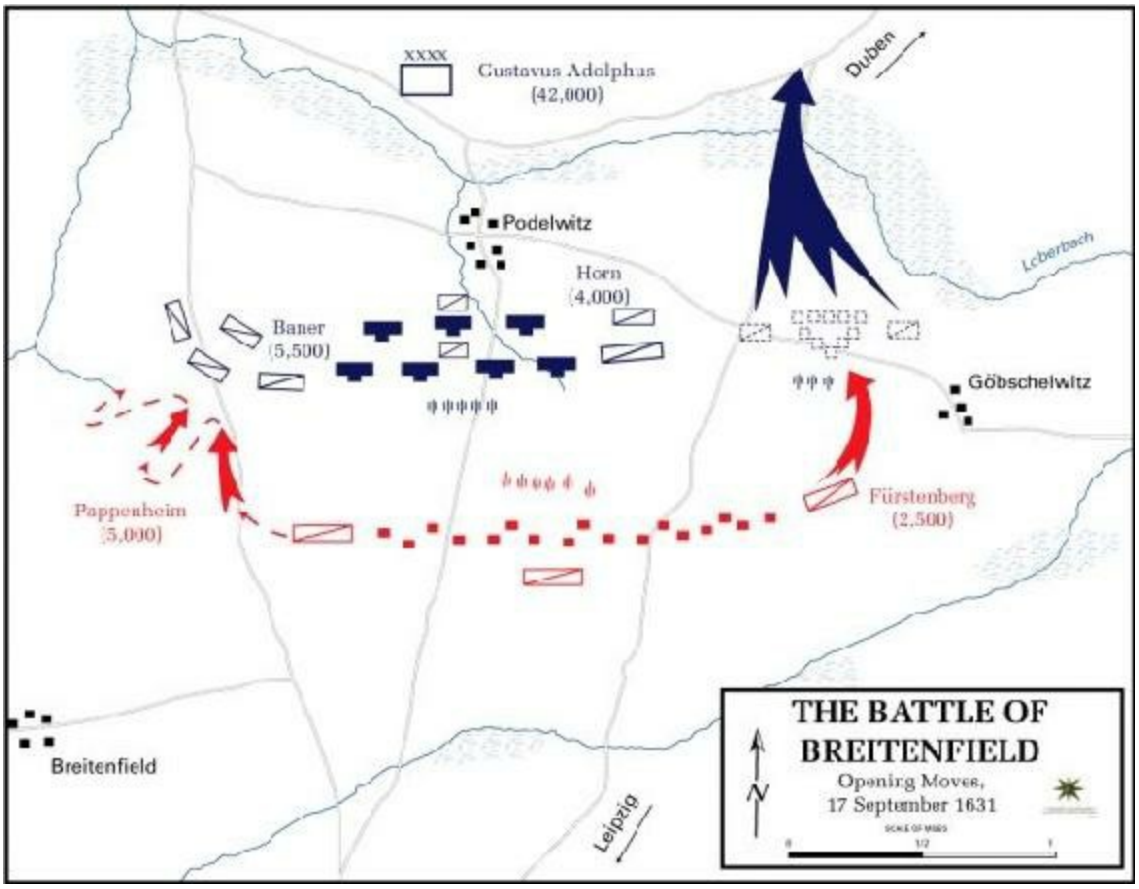
A batalha entre os suecos e os soldados de Tilly ocorreu em julho de 1631. Gustavo Adolfo estava na cidade conquistada. As tropas de Tilly, em número de mais ou menos 23.000 chegaram à cidade e a cercaram. Gustavo Adolfo estava dentro da cidade com 16.000 soldados e parte destes saíram da cidade para enfrentar as tropas de Tilly perto do rio Elbe, próxima à cidade. Canhões foram posicionados pelos suecos nas muralhas de Werben e, ao avistarem os soldados de Tilly, os suecos começaram a disparar. O canhonaço impediu que as tropas imperiais chegassem perto das muralhas fazendo-os recuarem e se esconderem em uma floresta próxima. Dias depois as tropas de Tilly renovaram o ataque, mas desta vez, usaram canhões para bombardear a cidade. Parte de suas tropas enfrentou e derrotou os suecos perto do rio Elbe. Temendo a derrota os suecos fogem da cidade, entre eles Gustavo Adolfto e Tilly a conquista. Cerca de 6.000 suecos morreram nesta batalha. Não há fontes que indiquem o número de soldados de Tilly mortos. O fato é conhecido como Batanha de Werben.

Os suecos se reagruparam em Frankfurt e resolveram atacar com grande contingente de soldados a cidade de Breintenfeld mais ao sul. Tilly, sabendo do ataque, foi interceptá-los. Os suecos com 24.000 soldados e que contavam com a ajuda de 18.000 soldados mercenários saxões (habitantes da Saxônia, povo germânico que habitava o norte da Alemanha) atacaram os soldados católicos sob o comando de Tilly, com 35.000 soldados, 5.000 dos quais eram soldados particulares de um senhor feudal e diplomata chamado Gottfried Heinrich Graf Zu Pappenheim, um católico fervoroso que se ofereceu como voluntário para ajudar na guerra contra os luteranos. Os esquemas abaixo explicarão bem a batalha que se deu em setembro de 1631.

Os esquemas a seguir, cedidos gratuitamente pela Academia Militar dos Estados Unidos de West Point, mostram o encontro das tropas suecas e a dos católicos na Batalha de Breintenfeld, as tropas suecas (representadas na parte de cima pelos retângulos brancos) e dos saxões (os retângulos quadriculados do lado) encontrando frente a frente com os católicos (representados pelos retângulos de baixo):

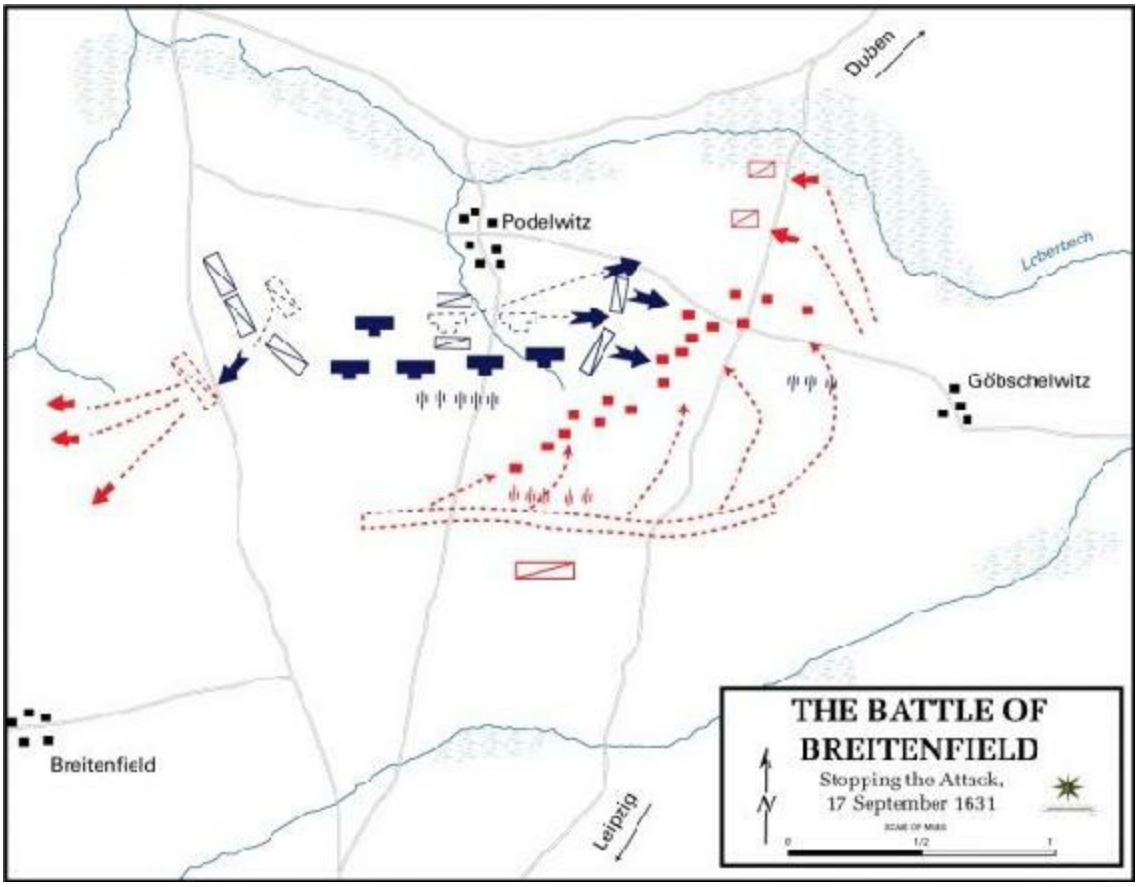


O combate começa com os católicos atacando os saxões pela direita enquanto os soldados de Gottfried atacam os suecos pelo flanco esquerdo. No começo os católicos obtiveram uma vitória quando os soldados saxões da direita recuaram frente aos católicos comandados por Furstenberg, um general bávaro:

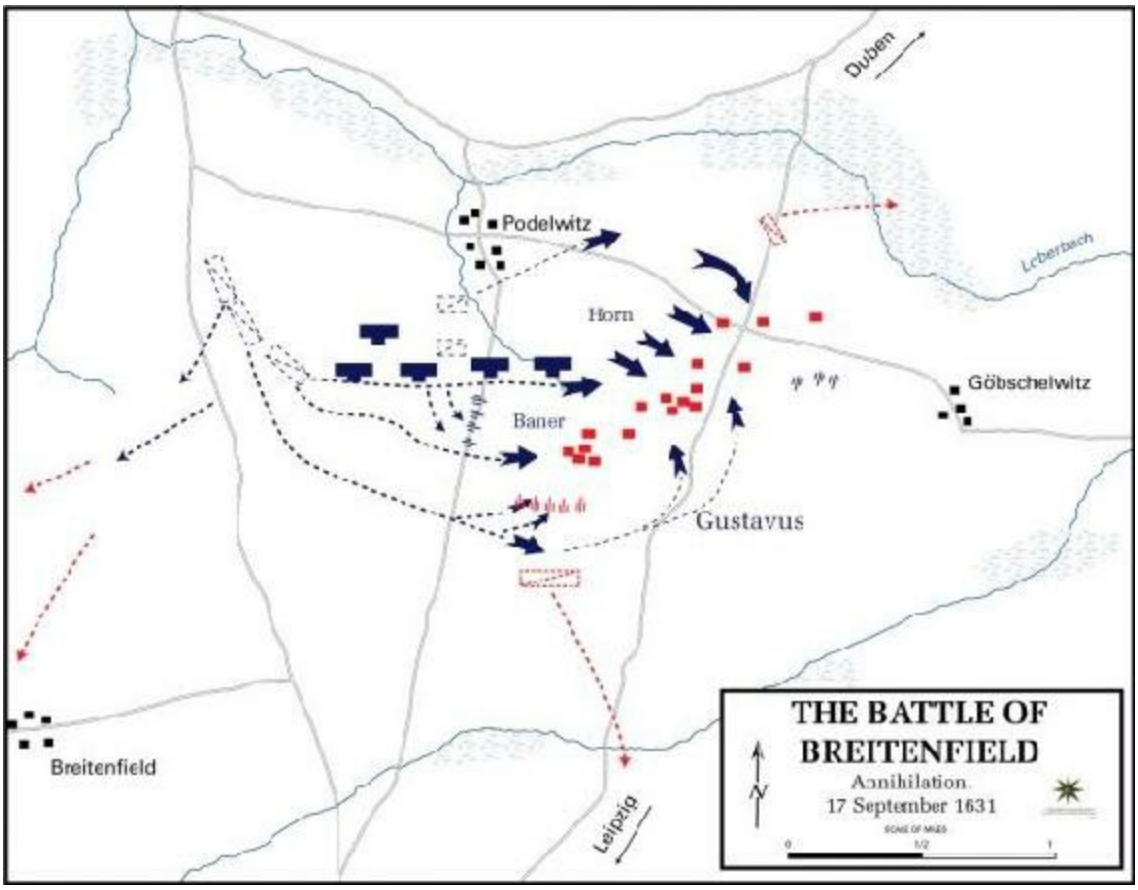


Com a derrota dos saxões os católicos cercaram as tropas suecas

pelo flanco direito, mas as tropas de Gottfried foram derrotadas no flanco esquerdo e debandaram, fazendo com que Gottfried recuasse e abandonasse a batalha:



Com a derrota dos católicos no flanco esquerdo todas as tropas suecas foram ao encontro dos católicos no flanco direito, inclusive com Gustavo Adolfo atacando por trás cercando os católicos:



Fonte: The Department of History, United States Military Academy, West Point (obra de domínio público, pode ser copiada livremente desde que citada a fonte).

Com canhões mais modernos e leves, portanto mais fáceis de manobrar, os exércitos católicos foram destruídos quase que por completo. Ao se enfrentaram no campo de batalha a artilharia tanto da extrema esquerda quando da extrema direita atingiu toda a formação católica gerando pânico entre os soldados que foram chacinados. O general Tilly fugiu com algumas centenas de soldados. A batalha durou apenas 7 horas deixando mais ou menos 3.500 suecos, 2.000 saxões e 7.600 soldados católicos mortos. Os suecos venceram e avançaram mais ainda para dentro da Alemanha, ocupando também o nordeste do país. Em um destes avanços encontraram, em abril de 1632, perto da cidade de Rain, os soldados do general Tilly que tiveram um grande incremento de tropas vindos

da Liga Católica. As tropas suecas contavam com 40.000 soldados enquanto Tilly tinha 25.000. Os suecos estavam na margem do rio Lech enquanto os católicos encontravam-se em um morro perto da outra margem. Para atravessar o rio, os canhões suecos dispararam sobre os soldados católicos. Os tiros de canhão afastavam os soldados católicos que não chegavam à margem, fazendo com que centenas de soldados suecos pudessem atravessar o rio. Os católicos avançaram sobre as centenas de soldados suecos que tinham atravessado o rio para impedir a travessia do resto do exército sueco, mas estes soldados que tinham o incremento de centenas de soldados vindos da Finlândia, conseguiram rechaçar o avanço dos soldados católicos dando tempo para que o resto do exército sueco atravessasse o rio. Neste combate o general Tilly foi atingido por estilhaços e teve que ser socorrido. Os combates se tornaram encarniçados no leito do rio, mas as tropas suecas contaram com um reforço inesperado para os católicos. Alguns dias antes, de madrugada, alguns milhares de soldados suecos, sob as ordens de Gustavo Adolfo, desceram cerca de 10 km longe da margem do rio, à esquerda das tropas católicas, e atravessaram para o outro lado, avançando pelo lado oposto e cercando as tropas da Liga Católica em dois lados. Surpreendidos, os católicos sofreram grande derrota. Milhares fugiram ou foram capturados. Tilly morreu algumas semanas depois de tétano aos 73 anos. Cerca de 3.000 católicos e 2.000 suecos morreram neste confronto conhecido como Batalha de Rain ou Batalha do Rio Lech.

A gravura da próxima página, feita por um artista anônimo, mostra o inicio da Batalha de Rain. As tropas suecas se concentram na margem esquerda do rio enquando os católicos estão na direita, descendo o morro. A gravura mostra o inicio da travessia sueca do rio:

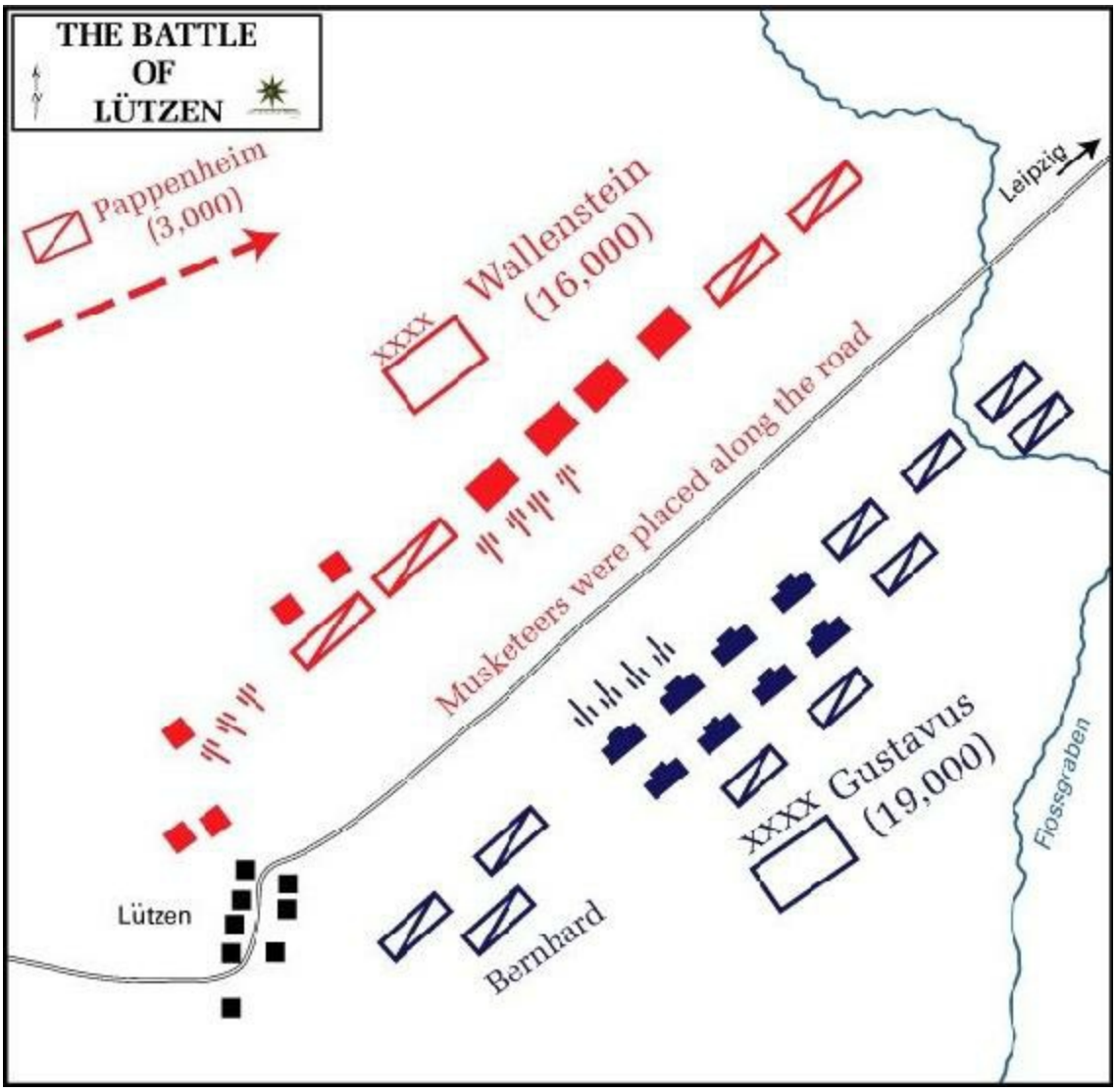


Fonte: National Archives and the regional state archives of Sweden (obra de domínio público, pode ser copiada livremente desde que citada a fonte).

Sem seu principal general e com quase todo o norte, nordeste e parte do sul da Alemanha dominado pelos suecos e suas novas táticas de guerra, Fernando II chamou, às pressas, Albrecht e suas tropas mercenárias estacionadas na Boêmia. Parte do exército sueco atacou a Pomerânia, região que ficava no noroeste da Polônia e nordeste da Alemanha, anexando-a aos novos domínios suecos, enquanto a outra parte avançou para o sul da Alemanha, chegando até a cidade de Nuremberg, onde o exército sueco já estava estacionado desde o final de 1631. Na metade de 1632 Albrecht e seu exército atacaram a Saxônia, dominada pelos suecos e resolveram cercar Gustavo Adolfo que dominara a cidade de Nuremberg. Albrecht, com cerca de 50.000 homens marchou até a cidade, recebendo reforço de senhores feudais e das tropas imperiais, chegando a ter 120.000 soldados sob o seu comando, embora tivesse poucas armas. Com esse exército ele cercou Nuremberg impedindo que alimentos entrassem na cidade, esperando que o rei Gustavo Adolfo se rendesse. No entanto Albrecht teve problemas com suas tropas que enfrentaram fome e epidemias de tifo e escorbuto. Gustavo Adolfo resolveu sair da cidade de Nuremberg com seus soldados, estimados em 36.000, e enfrentou as tropas de Albrecht em campo aberto na batalha de Alte Veste, mas não conseguiu passar. Problemas dos dois lados fizeram com que Albrecht e Gustavo Adolfo chegassem a um acordo. As tropas suecas sairiam de Nuremberg e não seriam atacadas na retirada e Nuremberg voltaria a ficar independente. Albrecht aceitou os termos e as tropas suecas marcharam para o norte. Em uma combinação de doenças, fome e mortes da Batalha de Alte Veste cerca de 10.000 a 20.000 habitantes de Nuremberg, de soldados suecos e soldados de Albrecht morreram neste fato, conhecido como o Cerco de Nuremberg.

As tropas de Gustavo Adolfo marcharam para Lutzen para encontrarem-se com o resto do exército da Suécia. Temendo o encontro Albrecht resolveu seguir o exército de Gustavo Adolfo, que já estava estacionado em Lutzen, mas dezenas de milhares de seus soldados acabaram por abandonar seu exército voltando para seus feudos. O encontro entre os dois exércitos ocorreu no fim de 1632. As tropas de Albrecht, que contavam com apenas 16.000 soldados,

foram reforçadas pelas de Gottfried Heinrich Graf Zu Pappenheim que depois da derrota em Breintenfeld ficou de fora do conflito, mas com o avanço dos suecos luteranos em Nuremberg resolveu ajudar. Ele já havia lutado em algumas batalhas na Boêmia e tinha 3.000 soldados sob o seu comando, estacionados na Boêmia. O plano de Albrecht era atacar Gustavo Adolfo em dois lados, tendo seu exército de um lado e o de Gottfried em outro. Avisado da chegada dos dois exércitos Gustavo Adolfo marchou com seus soldados, cerca de 19.000, para encontrar Albrecht. Os suecos contaram com mais ajuda vinda de Bernhard, um senhor feudal luterano que havia se unido aos suecos, como mostra o esquema:



Fonte: The Department of History, United States Military Academy, West Point (obra de domínio público, pode ser copiada livremente desde que citada a fonte).

No inicio as tropas suecas e de Bernhard venceram alguns combates embora fossem menos numerosas, mas com a chegada de Gottfried a situação se inverteu. Parecia que as tropas suecas seriam derrotadas, mas com a morte de Gottfried, atingido por estilhaços de uma bala de canhão, aos 38 anos, seus soldados desistiram do combate e voltaram para a Boêmia. Assim os suecos puderam se concentrar melhor contra Albrecht, mas Gustavo Adolfo, ao guiar uma

peça de artilharia sofre um acidente e acaba morrendo, aos 37 anos, mas apesar desse ocorrido as tropas suecas, que acabaram tendo o comando de Bernhard, venceram os soldados de Albrecht Wallenstein que acabou fugindo. A Batalha de Lutzen deixou 3.400 suecos e outros 3.000 soldados de Albrecht e Gottfried mortos. Sabendo da morte de Gustavo Adolfo o primeiro-ministro sueco, Oxenstierna, financiou uma liga de luteranos alemães, a Liga Heilbronn, do qual Bernhard fazia parte, que atacou posições de Albrecht, mas foram derrotados em 1633. A filha mais velha de Gustavo Adolfo, Catarina I, assumiu o trono sueco, mas a liderança na guerra continuou com o exército e com Oxenstierna (em 1654 Catarina converteu-se ao catolicismo e renunciou ao trono sueco, indo morar em Roma. A história dessa rainha virou filme no século 20, chamado Rainha Cristina, estrelado por Greta Garbo, também sueca, que fez o papel de Cristina).

Ainda em 1633, em junho, os espanhóis enviaram uma expedição marítima até a Ilha de San Martin, no Caribe, para expulsar os holandeses dela. Era uma tentativa dos espanhóis de enfraquecer economicamente a Holanda, já que San Martin produzia produtos tropicais vendidos pela Holanda na Europa. Os navios espanhóis tentaram atacar a ilha de frente, mas foram rechaçados por canhões vindos das fortificações da ilha. Cerca de sete espanhóis morreram nesta tentativa. Os navios foram mais para longe dos canhões, ao norte, e conseguiram dar a volta na ilha e embarcaram 1300 homens que marcharam sob as fortificações holandesas tentando pegá-la pela retaguarda. No entanto a marcha na selva e o forte calor mataram seis espanhóis antes que estes chegassem ao seu destino. Pegos de surpresa os holandeses ainda resistiram, mas acabaram se rendendo e foram expulsos da ilha que passou ao controle espanhol até 1648 quando foi devolvida à Holanda que repartiu a ilha com a França (mais detalhes sobre esta batalha no livro Wars of the Americas: A Chronology of Armed Conflict in the New World, 1492 to the Present disponível na bibliografia).

Ainda em 1633, no Sacro Império, Albrecht ajudou a Polônia contra soldados suecos que dominavam a Pomerânia, vencendo-os com dificuldade e libertando a região. Os suecos então vão para a região de Oldendorf. O exército imperial viu na concentração de

soldados suecos a chance para destruí-los. Em julho de 1633 três senhores feudais católicos (Jobst Maximiliam, Lotharr Freiherr e Johan Merole) unem os seus exércitos e atacam os suecos concentrados na região de Oldendorf no norte da Alemanha. Jobst tinha 2000 soldados de infantaria e 600 de cavalaria, Lotharr tinha 4475 de infantaria e 2060 de cavalaria e Johan tinha 4450 e 1245 respectivamente. Não há fontes que indiquem o número aproximado de soldados suecos em Oldendorf. Os três senhores feudais, no entanto, cometeram o erro de concentrarem seus exércitos unidos, em um único ponto, facilitando o ataque dos suecos que também estavam concentrados em um único ponto e puderam enfrentar essas tropas de frente, não sendo cercados. O ataque se deu por iniciativa dos suecos que avançaram sobre os soldados dos três senhores feudais em um confronto que durou dias. Os suecos conseguiram uma grande vitória destruindo os exércitos unidos dos senhores feudais. Jobst, junto com cerca de 1000 soldados foram feitos prisioneiros, sendo libertados muitos meses depois. Os outros dois fugiram. Cerca de 3000 soldados dos três senhores morreram. Os suecos tiveram 700 soldados mortos. O fato é conhecido como Batalha de Oldendorf (detalhes nos livros Dictionary of Battles and Sieges e Battles of Thirty Years Wars disponíveis na bibliografia).

Com algumas dezenas de milhares de soldados, mercenários de Albrecht, a Polônia surpreende e, em fins de 1633, em vez de continuar a atacar os suecos, ataca de surpresa a Rússia, chegando perto de Moscou. Os russos reagiram e expulsaram os soldados da Polônia de seu território em 1634. O motivo do ataque foram as ambições territoriais dos poloneses em algumas regiões ricas da Rússia. Os poloneses então atacaram navios suecos no mar báltico para recuperar as rotas marítimas que haviam perdido para a Suécia, mas a marinha sueca reagiu e conseguiu rechaçar os navios de guerra poloneses. Em setembro de 1634 suecos e luteranos do norte, comandados por Bernhard, bem como soldados da Liga Heilbronn haviam chegado perto da cidade de Nordlingen, no sul da Alemanha e ameaçavam a Áustria. Suas forças chegavam a 16.300 homens de cavalaria e 9.300 de infantaria. Essas tropas contavam ainda com centenas de escoceses e finlandeses. Para rechaçar este exército o imperador contou com a ajuda de soldados italianos vindos do norte

da Itália, que fazia parte do Sacro Império e que ainda não havia entrado firme na guerra. A Liga Bávara, uma união de senhores feudais da região, temendo o exército invasor, também mandou soldados para ajudar. As tropas imperiais passavam dos 21.000 homens de cavalaria e 13.000 de infantaria. O encontro dos dois exércitos se deu nas cercanias da cidade de Nordlingen. As tropas imperiais avançaram em dois flancos. Mais numerosas cercaram os exércitos luteranos e suecos que não puderam suportar, recuando para o norte. O fato é conhecido como Batalha de Nordlingen e foi considerada uma grande vitória das tropas católicas que retiraram da Áustria uma ameaça de invasão. Perto de 8.000 soldados suecos e luteranos do norte morreram. As tropas imperiais perderam 2.400 soldados. A Liga Heilbronn, depois dessa derrota, foi extinta. Apesar desta vitória das tropas imperiais, Albrecht, de forma independente, tentou negociações de paz com o exército sueco que havia sido expulso de algumas regiões alemãs, mas ainda dominava grande parte do norte e nordeste alemão e já começava a avançar de novo para o sul. A atitude de Albrecht, de pedir a paz com os suecos, foi considerada traição por alguns oficiais católicos alemães e ele foi assassinado por três deles a golpes de lança no fim de 1634. Albrecht tinha 50 anos. Suas tropas de mercenários passaram para o lado ou de Fernando II ou dos poloneses.

Nesse meio tempo epidemias de fome e peste bubônica começavam a se espalhar pelo norte alemão. Tantos anos de guerra, bem como a saída de milhares de camponeses do campo, pois foram transformados em soldados, fizeram a produção agrícola cair em toda a região. Tumultos por falta de alimentos começaram a pipocar em alguns feudos. Soldados suecos também sentiam a fome, e passaram a saquear os armazéns e silos de muitos feudos. Sem a força moral de Gustavo Adolfo os soldados suecos passaram a saquear todo o norte alemão, levando o que podiam carregar. Os ataques suecos e suas pilhagens fazem com que a população alemã os apelide de "Schrecken des Krieges", pois eles temiam a pilhagem dos suecos mais do que as dos exércitos mercenários. A fome e também as epidemias de peste bubônica mataram centenas de milhares de pessoas, incluindo outros milhares de soldados da Suécia.

Tropas de Fernando II passaram a conseguir sucessivas vitórias

sobre os suecos que iam recuando até os portos. Em uma tentativa de deter o avanço das tropas imperiais católicas o duque Bernhard comandou um grande exército de 50.000 homens, mas foi derrotado na Baviera no começo de 1635. Os luteranos perderam parte de seus aliados suecos quando muitos destes resolveram abandonar o norte alemão e voltar para seu país.

A dominação católica do norte alemão ia sendo confirmada aos poucos, mas quando parecia que a guerra iria acabar a França intervém militarmente em favor dos suecos e dos nobres luteranos que começavam a ser derrotados.

Enquanto a guerra ocorria no norte alemão a Holanda, ainda tendo em seu território tropas espanholas, resolveu atacar o Brasil, na época colônia espanhola (Portugal estava anexado à Espanha). Na Holanda, graças ao calvinismo, o comércio expandiu-se rapidamente até mais do que na Inglaterra. Em poucos anos o país já era mais desenvolvido que o resto dos países baixos, notadamente os territórios dos Flamengos e Valões, ainda feudais e católicos. Graças ao avanço do comércio os holandeses vendiam açúcar a vários países europeus, mas não detinham o processo de produção, só o de revenda, ainda nas mãos de portugueses e espanhóis. A Holanda comprava o açúcar ainda semifaturado da cana de portugueses e espanhóis e o transformava em açúcar comercial ganhando muito com isso. Portugueses e espanhóis não detinham esta tecnologia tão bem quanto os holandeses, mas os conflitos com os espanhóis fizeram com que os holandeses desejassem obter o processo de produção desde o começo, ou seja, não só comprar, mas também plantar a cana de açúcar. Armando uma grande marinha os holandeses partiram para o Brasil e atacaram de surpresa os portos de Olinda e Recife em 1630 obtendo uma vitória esmagadora. Soldados holandeses desceram em terra e tomaram fazendas e grandes propriedades. Os holandeses, em 1624, já haviam feito uma tentativa de dominar o nordeste do Brasil, mas haviam sido rechaçados pelos portugueses em Salvador. Em 1630 a vitória foi completa. A Holanda dominou muitas fazendas em Pernambuco e assim teve todos os processos de produção em suas mãos, enriquecendo o país (em 1654 tropas portuguesas, compostas em sua grande parte de índios e africanos conseguirão expulsar os

holandeses de Pernambuco). Com mais dinheiro os holandeses investiram em armas para combater os soldados espanhóis e também ajudar os luteranos e calvinistas em sua guerra contra as tropas imperiais de Fernando II.

Na Itália o papado apoiava o Sacro Império em sua luta contra os protestantes e mantinha pulso firme contra todos os que questionassem sua autoridade. Em 1632 o físico Galileu publica o artigo: “Diário sobre os dois grandes sistemas do mundo” em que defendeu a teoria heliocêntrica de Copérnico e, também afirmou que a Terra não só gira ao redor do Sol como também gira em torno de si. Com estas explicações Galileu explicou bem como funcionam as marés. Embora católico as idéias de Galileu foram consideradas heréticas e ele, em 1633, foi levado ao tribunal da Inquisição em Roma e obrigado a abjurar em público de suas idéias. Foram mostrados a ele os instrumentos de tortura que seriam usados caso ele não o fizesse. Galileu abjurou de suas ideias, mas foi condenado à prisão domiciliar para sempre.

A Suécia havia perdido a quase totalidade do norte da Alemanha em 1635, mas ainda mantinha posições importantes no nordeste e extremo nordeste do país. A França temeu mais ainda o poder da família habsburgo que avançava para conquistar, de novo, o norte alemão e resolveu agir. Richelieu ajudou com armas as tropas remanescentes suecas que ainda estavam ocupando algumas partes do norte alemão. Além disso, também forneceu armamentos a muitos dos nobres luteranos que ainda se opunham a Fernando II. Os franceses resolveram se aliar aos holandeses e atacar as tropas espanholas que estavam estacionadas em Flandres, na região atualmente conhecida como Bélgica, que a França considerava uma ameaça. Em junho de 1635 franceses e holandeses resolveram atacar a cidade de Lovaina, que ficava no centro da região, por dois lados. Os holandeses viriam do norte e os franceses do sul. A partir desta cidade franceses e holandeses atacariam os espanhóis. O número dos soldados franceses e holandeses, combinados, chegava a 50.000. A invasão começou. Pelo sul os franceses invadiam vilas e iam conquistando territórios da região enquanto os holandeses ao norte também avançavam. No inicio o plano dos dois países deu certo. A resistência espanhola em muitas vilas foi massacrada e

muitos soldados recuavam. Os dois exércitos chegaram a Lovaina onde 4.000 soldados espanhóis estavam em prontidão. Parecia que a vitória estava próxima, mas os povos da região, flamengos e valões, ajudavam os espanhóis. Além disso cerca de 8.000 soldados espanhóis vindos do sul chegavam para ajudar a cidade cercada, mas antes que essas tropas chegassem fome e doenças se propagaram entre as tropas francesas enfraquecendo-as. Quando os soldados espanhóis chegaram encontraram grande confusão entre as tropas francesas que foram rapidamente derrotadas. Os holandeses também tinham dificuldades, pois enfrentavam a hostilidade dos povos da região e os espanhóis também os atacaram expulsando suas tropas. Tanto franceses quando holandeses recuaram. Cerca de 12.000 entre eles morreram. Entre os espanhóis não há fontes do número de mortos. O fato é conhecido como Cerco de Lovaina.

Derrotados em Flandres os franceses resolveram então atacar o sul da Espanha, mas enfrentaram forte resistência dos espanhóis. No começo de 1636 a Espanha virou o jogo e atacou o território francês. No norte alemão os suecos derrotaram tropas de Fernando II avançando para o sul. No norte da Alemanha o imperador Fernando II pretendeu expulsar os suecos que começavam a tomar conta da região. Com milhares de mercenários saxões (muitos deles haviam guerreado antes pela Suécia) e mais outros milhares de soldados imperiais católicos, Fernando II resolveu começar seu avanço pela cidade de Wittstock que fica a 95 km a noroeste de Berlim, no nordeste da Alemanha. Seus soldados já somavam 18.000. O plano era, a partir de Wittstock, partindo da Boêmia, avançar rumo oeste, perto da costa, expulsando os suecos de feudos dominados. No entanto os suecos ficaram sabendo da movimentação de tropas e avançaram para esta cidade com também cerca de 18.000 soldados. O encontro dos dois exércitos se deu nas proximidades do Wittstock. As tropas imperiais católicas resolveram esperar os suecos, mas estes passaram a avançar no flanco esquerdo o que fez com que os católicos saíssem de sua posição e os encontrassem mais ao sul da cidade de Wittstock. A saída de posição desorganizou o exército católico, mas os suecos tiveram problemas movendo-se em terreno pantanoso. Os dois exércitos encontraram-se em outubro de 1636 e os combates começaram. No começo os católicos levaram a melhor

sobre os suecos, mas aos poucos a artilharia sueca vencia os exércitos católicos. Percebendo a possível derrota cerca de 2.000 soldados saxões desertaram e passaram para o lado dos suecos, o que piorou a situação das tropas imperiais católicas. A Batalha de Wittstock, como ficou conhecido este conflito, terminou em poucos dias. Cerca de 3.100 suecos e 5.000 católicos morreram nessa batalha. As tropas imperiais católicas recuaram e os suecos mantiveram seu controle parcial sobre o norte e nordeste alemães.

Na França o Príncipe de Condé, Luis II, foi designado como comandante em chefe do exército, mas os espanhóis conseguiram avançar no sul francês. Em 1637 os exércitos franceses iniciaram uma contra ofensiva e venceram os espanhóis em várias partes do sul francês e avançaram, retomando partes de seu território. No Sacro Império os luteranos do norte e os suecos ocuparam, de novo, todo o norte da Alemanha que, com mais esta parte da guerra, ficou devastada. Em várias regiões do norte a fome, a peste bubônica e a própria guerra exterminaram grandes contingentes da população. Temendo o poder da Suécia a Dinamarca surpreendeu, saiu de seu isolamento e atacou o norte alemão para derrotar os suecos, mas o exército dinamarquês foi derrotado e recuou a seu próprio território.

Em 1637 Fernando II morreu de doença aos 59 anos o que piorou a situação de seu exército, mas graças à intervenção da Dinamarca as tropas luteranas do norte alemão e suecas perderam algumas batalhas no sul e o exército imperial católico avançou, mas pouco, pois com a derrota do exército dinamarquês as tropas luteranas concentraram fogo de novo no sul. Para piorar, em 1638, a Holanda também enviou suprimentos, armas e munições aos luteranos. A França avançava sob o exército espanhol ainda em seu território.

Os nobres católicos do sul do Sacro Império deram a coroa do império a Fernando III, um dos filhos de Fernando II, que era o rei da Croácia e grande senhor feudal da região. Católico, embora menos radical que seu pai, Fernando III tentou acordos de paz com os luteranos do norte que venciam várias batalhas e já haviam tomado conta do norte do império. Em 1638, temendo que os luteranos tomassem a Áustria, os nobres da região ofereceram apoio militar a Fernando III. Este aceitou e as forças do imperador ganharam mais reforço. As tropas luteranas já tinham avançado para perto da cidade

de Breisach, no sul da Alemanha, perto da fronteira da França e Suíça. Em agosto de 1638, comandadas por Bernhard, estas tropas luteranas pretenderam tomar a cidade de aproximadamente 16.000 habitantes. Seus soldados cercaram a cidade que, sem ajuda, se rendeu facilmente. Tropas francesas se uniram à dos luteranos na ocupação da cidade. A França deu pouca assistência a Bernhard, pois estava ocupada tentando invadir a Espanha pelo norte espanhol. Desde junho de 1638 navios de guerra franceses já estavam em preparação e estes finalmente saíram da França em julho para atacar a cidade fortificada de Honarribia, também chamada Fuenterrabía, na costa norte da Espanha. Cerca de 27.000 soldados e marinheiros franceses em navios de guerra bombardearam a cidade costeira com tiros de canhão, matando centenas de pessoas na cidade que não se rendeu. Tropas espanholas perto da região correram à cidade para evitar a invasão francesa. Os franceses tentaram invadir a cidade de Honarribia no começo de setembro, mas tiveram que enfrentar os soldados e a população da cidade. As fortificações da cidade estavam destruídas o que facilitou a entrada dos franceses, mas a resistência dos espanhóis foi forte ao ponto de impedir a consumação da invasão. Os franceses acabaram sendo derrotados e, através de uma trégua, voltaram a seus navios e à França. Cerca de 4.000 franceses foram mortos nessa tentativa de invasão. Entre os espanhóis não há fontes que indiquem o número de falecidos. A cidade de Honarribia comemorou a derrota francesa com uma grande festa religiosa, que se tornou anual e ainda é celebrada, conhecida como Alarde de Honarribia ou Alarde de Fuenterrabía. Parte das muralhas da cidade, as que sobraram do ataque, ainda estão na cidade como lembrança. Essa derrota fez com que a França voltasse sua atenção contra o Sacro Império e apoiasse Bernhard.

Com Breisach já conquistada e mantida pela França, as tropas luteranas partiram para atacar a cidade de Neuenburg am Rhein, mais ao sul da Alemanha. As tropas luteranas estacionaram perto da cidade, mas uma epidemia de peste bubônica se abateu entre as tropas luteranas, matando vários soldados inclusive o próprio Bernhard, que faleceu aos 34 anos. Sem seu general os luteranos desistiram de atacar a cidade e voltaram a Breinsach.

Batalhas violentas ocorreram em todo o centro da Alemanha no

ano de 1639 com vitórias pequenas do exército imperial de Fernando III. Na França a situação continuava inusitada. O exército francês ainda enfrentava o exército espanhol em seu território, mas ia, aos poucos, ganhando terreno. A Espanha, temendo perder o controle dos Países Baixos, na época também conhecida como Flandres, decide aumentar seus efetivos naquele território. No fim de 1639 envia à região 77 navios com 24.000 soldados e marinheiros espanhóis e portugueses. Sabendo da invasão a Holanda envia 13 navios fortemente armados que logo são auxiliados por outros 16 navios de guerra. A batalha se dá em automar com os navios holandeses concentrando poder de fogo em cima dos maiores navios da esquadra espanhola que são destruídos, fazendo com que o restante da esquadra recuasse até um porto inglês conhecido como As Dunas. Os navios espanhóis saem do porto e são recebidos pelos navios holandeses em automar. A batalha se iniciou, com o maior navio espanhol, o Santa Teresa, destruído por completo, inclusive por um navio-fogo. Os holandeses conseguem deter os espanhóis, mas alguns navios da esquadra espanhola furam o bloqueio e chegam até Flandres, fazendo com que milhares de soldados desembarcassem. Dos 77 navios espanhóis 43 foram destruídos. Os holandeses perderam 10 navios. Cerca de 6.000 espanhóis e portugueses morreram enquanto a Holanda perdeu 1.000 de seus combatentes. Esta batalha ficou conhecida como a Batalha das Dunas, a maior batalha naval da Guerra dos Trinta Anos.

Em 1640 Portugal, dominada pela Espanha, iniciou uma revolta armada contra o domínio espanhol de seu território. Com duas frentes de batalha e com mais medo da França, a Espanha mandou pouca ajuda às tropas espanholas estacionadas em Portugal que foram vencidas pelos revoltosos. Portugal reconquistou sua independência em 1640 e também suas colônias na África (Angola, Moçambique e Guiné Bissau) e também o Brasil que ainda tinha parte de seu território dominado pelos holandeses, principalmente Pernambuco.

Livre de Portugal, a Espanha concentrou suas forças contra os franceses no sul do país. A França recebeu ajuda militar da Holanda. Com esta ajuda a França avançou mais velozmente sobre os espanhóis. Em 1640 a guerra continuava no centro da Alemanha sem nenhum avanço significativo nem de luteranos e suecos e nem de

católicos.

Em 1640 ocorreu um fato que ajudou em muito a campanha francesa contra os espanhóis. A Catalunha, região ao sul da Espanha que faz divisa com o sul da França, onde fica Barcelona, desde o começo do conflito recebeu uma grande entrada de soldados vindos do resto da Espanha para atacar o sul da França. O governo espanhol cobrava altos impostos de senhores feudais da região para manter estas tropas, bem como dos camponeses que habitavam os feudos. Os impostos eram tão altos que grande parte da população da região nutria raiva pela presença de tropas espanholas estacionadas havia anos em seu território para combater os franceses. Pedidos para que estas tropas deixassem a Catalunha foram feitos, mas o exército recusou a saída, pois precisava permanecer na região, pois vinha sofrendo derrotas dos franceses. Pau Claris, um senhor feudal, reuniu um exército e iniciou uma revolta em maio de 1640 contra as tropas espanholas estacionadas na Catalunha. A população apoiou os revoltosos e passaram a atacar os soldados. Os rebeldes venceram vários combates expulsando as tropas espanholas de várias regiões catalãs. Muitos deles já falavam em separar a Catalunha do resto da Espanha. Ocupados na França, mas não podendo perder a Catalunha, tropas espanholas avançaram sobre os rebeldes o que favoreceu o exército francês que agora combatia um exército espanhol dividido. Pau Claris morreu em uma batalha e foi substituído por Luis I, conde de Barcelona, que se auto-proclamou rei da Catalunha. A Espanha teve que enfrentar também estes rebeldes.

Na metade de 1640 a França, percebendo que Fernando III ainda combatia os luteranos e o exército espanhol já não tinha tanta força, atacou a Alsácia, uma região do oeste alemão. Fernando III agora enfrentava duas frentes de combate, mas a França também. Os conflitos continuaram acirrados em todo o resto do ano de 1640 e começo de 1641. Em julho de 1641 Fréderic d'Auvergne, príncipe de Sedan, uma região que atualmente pertence à França, perto da fronteira com a atual Bélgica, mas que na época estava anexado ao Sacro Império, ofereceu ajuda a Fernando III. Para por fim à ajuda a França enviou aproximadamente 11.000 soldados para invadir Sedan. Fréderic, pessoalmente, comandou a resistência que se compunha de

4.000 soldados de Sedan e 7.000 soldados espanhóis (estes estacionados em Flandres e que foram ajudar Sedan) e do Sacro Império. A invasão francesa começou em julho, mas foi rechaçada pelas tropas comandadas pro Fréderic. O papa Urbano VIII condenou a França por tentar invadir Sedan. Os combates foram encarniçados e duraram vários meses. Cerca de 3.000 franceses morreram no conflito conhecido como Batalha de La Marfée. Entre os soldados de Fréderic não há fontes que indiquem quantos morreram. A derrota nesta batalha, no entanto, não significou o fim das tentativas de invasão de Sedan pela França. Mais e mais soldados foram enviados para invadir o principado até que em 1642 Fréderic aceitou anexar Sedan ao reino da França.

No fim de 1641 a Espanha já estava quase fora do território francês e a França apoiava, com armas e munições, os separatistas da Catalunha. Fernando III contou com o apoio militar da Boêmia que atacou, no nordeste alemão, as tropas suecas que também passaram a enfrentar duas frentes de combate, aliviando seu exército, ocupado contra os franceses.

O começo de 1642 tinha a França combatendo os espanhóis, desta vez na fronteira, com ajuda dos catalães, e combatendo os soldados de Fernando III na Alsácia. Fernando III combatia a França nesta região e os luteranos no centro e norte do país que, por conseguinte, combatiam os boêmios no nordeste e também as tropas imperiais de Fernando III no centro e no norte. Os suecos apoiavam militarmente os luteranos e os austríacos apoiavam militarmente a Fernando III.

Enquanto a Guerra dos Trinta Anos prosseguia, outro conflito, também envolvendo católicos e protestantes, sobretudo calvinistas, explodiu na Inglaterra: a chamada Revolução Puritana ou Revolução Inglesa. O governo inglês de Jaime I havia tido uma espécie de neutralidade embora apoiasse levemente os luteranos, mas nunca se intrometeu no conflito. Jaime I morreu em 1625 e foi substituído por seu filho Carlos I. Líder da Igreja Anglicana ele se casou com uma católica, de nome Henrietta, e sofreu muito de sua influência. Tentou levar o anglicanismo para mais perto do catolicismo acabando com crenças calvinistas nele. Isto lhe causou a oposição de parte do parlamento, dominado pelos calvinistas, que acabou dividido em dois

grupos políticos principais: o grupo político dos Cavaleiros, composto por nobres feudais, pela Igreja Católica e tendo o apoio discreto de Carlos I e o grupo político dos Cabeças Redondas (eles tinham este nome, pois os puritanos, calvinistas ingleses, acreditavam que homens de cabelo grande não agradavam a Deus e cortavam o cabelo de forma muito curta, sendo quase carecas, daí o nome) composto por puritanos, presbiterianos, empresários e banqueiros. Neste meio tempo a Guerra dos Trinta Anos já explodia na Europa continental. A Irlanda, de maioria católica e dominada pela Inglaterra tentou uma rebelião armada pela sua independência em 1641, mas tropas inglesas, estacionadas no país, reprimiram a rebelião. Carlos I foi acusado de apoiar esta rebelião. Os Cabeças Redondas passaram a conseguir mais poder e já falavam abertamente em depor Carlos I do trono. Oliver Cromwell, um deputado puritano, se tornou o líder deles. O rei, percebendo que poderia ser deposto, sai de Londres e tenta armar um exército para acabar com os Cabeças Redondas, que também tinham seus próprios exércitos. Sua esposa foi a responsável por conseguir financiar um possível exército e conversar com os católicos para que estes apoiassem o rei. Carlos I conseguiu o apoio de católicos e marchou com suas tropas em direção ao parlamento que o declarou traidor. O confronto virou guerra civil aberta em 1642. De um lado Carlos I e seu exército católico, de outro Oliver Cromwell e seu exército puritano, apoiado pelo parlamento. As tropas de Cromwell, mais numerosas e bem armadas, conseguiram uma série de vitórias contra as tropas realistas de Carlos I que, para conseguir mais apoio, fez um acordo com os presbiterianos escoceses. Ele prometeu que se vencesse o conflito o presbiterianismo seria a religião oficial da Escócia. Em 1647 os escoceses invadem a Inglaterra, mas são rechaçados em apenas alguns meses pelo exército puritano. Os próprios presbiterianos resolvem então entregar Carlos I ao parlamento. Cromwell, com seu exército, assume o poder, proclama a república e manda prender Carlos I. Julgado e acusado de ser traidor ele é condenado à pena de morte e é decapitado em 1648. Irlandeses católicos se recusaram a obedecer ao novo governo e Cromwell determinou que tropas inglesas estacionadas no país acabassem com qualquer revolta. Em 1649 monarquistas católicos iniciam uma rebelião na cidade de Drogheda, mas foram reprimidos

pelo exército inglês e 3.500 deles foram assassinados, incluindo muitos padres. Terras na Irlanda do Norte são dadas a colonos puritanos e de outras igrejas protestantes gerando tensões religiosas que se arrastariam até o século 20, quando a Irlanda se torna totalmente independente da Inglaterra, mas a Irlanda do Norte, de maioria protestante, prefere ficar sob governo inglês, gerando conflitos e atentados dos dois lados com os católicos do IRA (Exército Republicano Irlandês) promovendo ataques e atentados terroristas, inclusive na Inglaterra. No fim do século 20 acordos de paz acabaram com os atentados. Guerras marcarão o governo de Cromwell como um conflito naval contra a Holanda em 1654 que resultará no domínio inglês dos mares. As reformas econômicas de Cromwell, baseadas no calvinismo, acabam praticamente com o sistema feudal de produção e instalam, no país, o sistema capitalista. A Inglaterra se tornará o primeiro país no mundo a adotar como política econômica de Estado este sistema econômico. Em 1658 Cromwell morre de malária e o país volta a ser uma monarquia absoluta, mas o capitalismo como sistema econômico já se encontrava consolidado.

Na França, em pleno andamento da Guerra dos Trinta Anos, Richelieu morreu de doença (ele tinha problemas graves no intestino) em 1642 aos 57 anos sendo substituído pelo cardeal Mazzarino. Em outubro de 1642 ocorre a Segunda Batalha de Breintenfeld, uma das mais decisivas do conflito, onde as tropas luteranas alemãs e suecas vencem as tropas de Fernando III. Fernando III manda 25.000 soldados para combater os luteranos e suecos, que dominavam a região, mas eles são facilmente vencidos. Cerca de 15.000 de seus soldados morrem nesta batalha contra 4.000 mortos entre os suecos e os luteranos do norte alemão. A vitória nesta batalha faz com que os suecos avancem mais ao sul da Alemanha e ameacem a Áustria que entra de vez na guerra para combater os luteranos e os suecos. O conflito agora se estendia por praticamente todo o Sacro Império Romano-Germânico. Só o norte da Itália ficou de fora embora muitos dos seus soldados partissem para as guerras e também sofresse incursões militares francesas. Na França a morte de Richelieu não significou nada para o exército francês que agora combatia as tropas espanholas dentro da Espanha. No Sacro Império o caos reinava. Com a Áustria enfrentando os luteranos diretamente, Fernando III

mandou mais alguns milhares de soldados para combater os franceses na Alsácia. A França sofreu derrotas na Alsácia, mas continuou dentro do território alemão. Dentro do Sacro Império alguns nobres luteranos e senhores feudais austríacos depuseram as armas, desistindo do conflito, diminuindo em muito a intensidade da guerra no sul do império. A Boêmia não consegue conquistar o nordeste da Alemanha dominado pelos suecos e seus soldados retornam à região que tem milhares deles sendo recrutados para lutar contra os franceses na Alsácia. O nordeste da Alemanha fica pacificado e tropas suecas marcham mais ao sul para apoiar os luteranos. Em fins de 1642 as posições luterano-suecas e austríacas praticamente não se alteram, com os luteranos ocupando uma parte do centro da Alemanha. Em 1643 os espanhóis que combatiam os rebeldes separatistas da Catalunha e também os franceses em seu território ao sul, resolvem atacar a França pelo norte. Em maio, milhares de soldados espanhóis, estacionados nos Países Baixos, invadem a fortaleza de Rocroi e ocupam uma pequena região no norte francês. A França age rápido e envia 22.000 soldados para a região que enfrentam as tropas espanholas na Batalha de Rocroi que durou 6 horas e deixou 4.500 franceses e 7.500 espanhóis mortos. A França avançou em território espanhol ao norte a partir desta batalha, mas Luís XIII, o rei do país, morre de doença aos 41 anos e é substituído pelo cardeal Mazzarino, pois seu filho Luís XIV era criança.

Na Alemanha os franceses sofreram derrotas militares para Fernando III e poderiam ter seu território invadido militarmente. A França então desiste de invadir feudos espanhóis ao norte recuando suas tropas e levando-as para a fronteira com a Alemanha. No centro alemão tropas luteranas e suecas são agora comandadas por um único general, Lennart Torstensonn, um sueco, que reorganizou os exércitos luteranos e que passou a atacar as tropas austríacas no sul da Alemanha, com apoio dos calvinistas holandeses. A Suíça foi chamada a ajudar, mas preferiu continuar neutra na disputa. Exércitos bávaros foram derrotados pelos franceses na Alsácia e o exército da França avançou mais ainda dentro do território alemão, invadindo agora também o centro-oeste do país. A França também invadiu de vez o norte da Itália, região pertencente ao Sacro Império. Alguns milhares de soldados austríacos foram mandados para combater os

franceses. As tropas imperiais, combinadas com as dos austríacos, foram derrotadas em várias pequenas batalhas pelos franceses que já ocupavam toda a Alsácia e também a Lorena, bem como partes do centro-oeste alemão e norte italiano. Após estas vitórias a França pretendeu ter a supremacia naval no Mar Mediterrâneo ao norte, supremacia que pertencia à Espanha. Em setembro de 1643 vários navios franceses partiram da costa sul do país para se encontrar com navios espanhóis de guerra que faziam a rota entre o sul da Itália, que sofria influência econômica e cultural da Espanha, e o sul da Espanha, dominando esta rota. Os navios franceses, 29 galeões, 12 navios-fogo e duas fragatas se encontraram com 29 galeões dos espanhóis que saiam do sul da Itália. Os combates foram encarniçados e difíceis, mas os franceses conseguiram afundar dois galeões espanhóis e capturar outros dois. Os galeões espanhóis restantes reagiram e dispararam contra os navios franceses, mas 10 deles foram destruídos pelos franceses. O restante fugiu para o porto de Cartagena. Cerca de 3.000 espanhóis morreram neste conflito, conhecido como Batalha de Cartagena. Não há fontes que indiquem o número de mortos entre os franceses nem quantos navios eles perderam. Com esta derrota o Mediterrâneo ao norte ficou sob o domínio da marinha francesa por quase um ano, até que os espanhóis retomassem parte de sua supremacia.

No Sacro Império os luteranos avançavam pelo sudeste, tendo já o norte sob seu poder, mas não invadindo o nordeste, que continuou terra neutra, para que os boêmios não interviessem e não se sentissem ameaçados. O sudeste da Alemanha seria atacado pela primeira vez neste conflito pelos suecos, embora desde o começo tivesse ajudado o poder central do Sacro Império.

Em 1644 disputas de fronteira entre Portugal e Espanha fizeram estes dois reinos entrarem em guerra pela disputa da província de Badajoz, na batalha de Montijo. A Espanha, que já enfrentava os catalães e os franceses agora tem que enfrentar os portugueses a oeste. A notícia foi bem recebida pela França que agora poderia concentrar mais poder de fogo contra os alemães. O conflito entre Portugal e Espanha durou meses na região de Badajoz tendo a vitória cabido aos espanhóis que tiveram perto de 4.000 de seus soldados mortos. Embora derrotada Portugal teve 900 soldados mortos. Apesar

da vitória a Espanha saiu prejudicada, pois teve que levar suprimentos, soldados e armas para o outro lado do país prejudicando sua campanha contra os rebeldes catalães e os franceses.

Em junho de 1644 os exércitos franceses derrotam os exércitos imperiais e austríacos em Freiburg dominando mais territórios no centro-oeste alemão. Tropas luteranas e suecas enfrentavam os austríacos no sul e bávaros no sudeste, vencendo-os e anexando territórios. As anexações suecas já somavam um grande território perto da fronteira com a Boêmia. A fim de recuperar pelo menos esse território o imperador enviou, no começo de 1645, cerca de 16.000 soldados vindos da Bavária, da Áustria e também da Hungria à região para expulsar os suecos de feudos conquistados perto da fronteira da Boêmia. O imperador Fernando III chegou a pedir auxilio militar ao papa Inocêncio X (sucessor de Urbano VIII), mas este recusou-se a enviar soldados. Os suecos, sabendo do ataque, se prepararam e chamaram o general Lennart Torstensonn que passou a comandar perto de 15.000 soldados. O enfrentamento entre os soldados católicos do imperador e os suecos se deu perto da fronteira com a Boêmia. Com melhor armamento os suecos venceram com certa facilidade as tropas católicas do imperador no fato conhecido como Batalha de Junkau. Cerca de 5.000 católicos e 1.500 suecos morreram nesta batalha. As tropas católicas, derrotadas, recuaram e os suecos continuaram tomando conta da região fronteiriça à Boêmia.

O norte e partes do sudeste, centro e sul da Alemanha e uma parte do norte da Áustria haviam caído e sido dominados pelos luteranos. Estes destruíram feudos de senhores feudais católicos e os expulsaram, mas manter estas conquistas era difícil, pois havia poucos soldados para tanto território embora em armas os luteranos fossem superiores.

Em 1645 os luteranos fizeram um acordo com senhores feudais do sudeste da Alemanha. Estes sairiam da guerra retirando seu apoio ao poder central do Sacro Império e em troca soldados luteranos abandonariam a região. Livres do sudeste os luteranos se concentraram em enfrentar os austríacos no sul da Alemanha que, por conseguinte, junto com as tropas imperiais, ainda tinham que enfrentar os franceses a sudoeste. Em 1645 ocorre a maior batalha

entre franceses e tropas imperiais e austríacas: a Segunda Batalha de Nordlingen. O general Von Mercy, das tropas imperiais, organiza um grande ataque, com cerca de 12.000 homens fortemente armados, contra soldados franceses estacionados no centro-oeste da Alemanha. Von Mercy consegue sucessivas vitórias expulsando os franceses de várias localidades, mas o exército francês se reorganiza e ataca o exército de Von Mercy ganhando terreno. Tropas austríacas, aos milhares, são enviadas para ajudar, mas os franceses avançam e chegam próximos à Baviera, na cidade de Nordlingen onde as tropas de Von Mercy, junto com os austríacos, barram o avanço francês. Cerca de 12.000 soldados franceses são enviados à região. As tropas de Von Mercy resistem e ganham terreno expulsando os franceses da região de Nordlingen. No auge do combate o general Von Mercy leva um tiro e morre e as suas tropas se desorganizam, mas conseguem barrar os franceses. Só nesta batalha morreram 5.000 soldados do exército imperial e das tropas austríacas. Do lado francês 3.000 soldados morreram. Outra parte do exército austríaco ainda enfrentava os luteranos que ameaçavam, agora, atacar Viena, capital austríaca.

Em 1646 os luteranos e tropas suecas invadem a Boêmia para impedi-la de enviar soldados e armas às tropas imperiais. Ainda neste ano os franceses conseguem vencer as tropas austríacas e chegam de novo à Baviera. As tropas de Fernando III só dominam parte do centro e do oeste da Alemanha. A cidade de Praga, na Boêmia, é sitiada pelos luteranos e suecos, mas resiste e as tropas católicas boêmias conseguem expulsar os luteranos e suecos de várias regiões. Acordos de paz começam a ser assinados. Os franceses se comprometem a não invadir a Baviera e em troca este Estado não mais ajuda os austríacos contra eles. A reorganização das tropas espanholas que passam a atacar com mais ferocidade os franceses na fronteira sul da França faz com que os franceses recuem na Alemanha. Os espanhóis conseguiram sucessivas vitórias contra o exército francês e ameaçavam, de novo, tomar conta do sul da França. Temendo uma nova invasão dos espanhóis os franceses assinam diversos acordos de paz com os austríacos em 1647 e recuam. Livres dos franceses os austríacos aumentam suas forças contra os luteranos e os expulsam do território da Áustria bem como

de partes do sul da Alemanha. As tropas imperiais, no entanto, eram derrotadas no centro do país. Na Boêmia, tropas luteranas e suecas foram expulsas do território no fato conhecido como Batalha de Praga em que os suecos, no começo de 1648, conseguiram conquistar o castelo de Praga e ameaçavam atacar a cidade velha do outro lado do rio Vltava, mas os boêmios conseguiram rechaçar a invasão das tropas suecas na ponte Carlos, ponte essa que dava acesso ao resto da cidade de Praga. Repelidos na invasão os suecos resolveram sair do castelo de Praga, desistindo da invasão ao resto da cidade, mas antes o saqueou, levando muitos objetos de valor, inclusive objetos históricos, como o Codex Argenteus, uma bíblia do século 6, escrita em idioma gótico, que foi levado à Suécia tornando-se parte da biblioteca da rainha Cristina I (após sua conversão ao catolicismo e a sua saída da Suécia o Codex foi levado do país pelo bibliotecário da rainha, Isaac Vossius, para os Países Baixos, até que a Suécia o comprasse de volta. O Codex ainda está na Suécia até hoje na Universidade de Upssala. Uma página do Codex, que se julgava perdida, foi achada em 1970 na Alemanha). Os boêmios fizeram um acordo de paz com os luteranos e com os suecos prometendo não mais apoiar as tropas imperiais se aqueles não mais invadissem a região.

A guerra agora se concentrou no centro e sul da Alemanha com luteranos enfrentando as tropas imperiais e austríacas. Um senhor feudal católico, Maximiliano I, da Baviera, entrou no conflito contra os luteranos em 1648 e os atacou pelo sudeste o que poderia abrir outra linha de combate contra os luteranos e beneficiar os austríacos, mas as tropas de Maximiliano I foram facilmente derrotadas. Franceses e suecos invadem a Baviera o que faz com que Maximiliano I assine a chamada Trégua de Ulm no qual ele se comprometeu a não mais se envolver no conflito. No entanto, meses depois, ele rompeu a trégua e passou a ajudar as tropas imperiais. Fernando III recusou propostas de paz, mas perdeu algumas batalhas contra as tropas suecas no centro do país. Assim em 1648 assinou com eles um tratado de paz bem como com os luteranos. Fernando III então se concentrou em expulsar os franceses que ainda ocupavam o centro-oeste do país e partes da Alsácia. Para entrar em território francês a sudeste ele atacou o cantão suíço de Lens, de maioria francesa, mas os exércitos

franceses, estacionados na fronteira, rechaçaram a invasão de Fernando III e venceram suas tropas em 1648 ameaçando invadir o centro alemão. Com esta ameaça Fernando III firmou um acordo de paz com os franceses. Tropas austríacas e luteranas agora lutavam sozinhas no sul do país. Com o acordo de paz entre a França e Fernando III os franceses se concentraram em acabar com a ameaça espanhola, vinda dos Países Baixos, ao norte. Luis II comandou 16.000 soldados franceses para entrar na cidade de Lens que, embora tivesse o controle francês, estava sob a ameaça de soldados espanhóis. Ao chegar perto da cidade receberam apoio dos suecos, que dominavam mais ao norte, na Alemanha. O exército francês entrou na cidade de Lens, ameaçando o exército espanhol que se concentrava perto da cidade. Os espanhóis se encontravam em campo aberto e decidiram tomar a cidade de vez. Concentraram suas forças para tomar Lens. O exército espanhol contava com 18.000 soldados, mas os franceses tinham o apoio da população. Os espanhóis tentaram cercar a cidade, mas Luis II decidiu sair com seus soldados da cidade e enfrentar os espanhóis fora dela. No começo os espanhóis venceram, fazendo com que os franceses recuassem para dentro da cidade, mas com o reforço e o apoio de parte da população da cidade, os franceses retomaram o controle do conflito, avançando sobre os espanhóis. O confronto é conhecido como a Batalha de Lens, a última da Guerra dos Trinta Anos. A batalha se encerrou em poucos dias com a vitória francesa que acabou definitivamente com a ameaça espanhola vinda dos Países Baixos. Cerca de 3.500 franceses e 3.000 espanhóis morreram na batalha.

Neste meio tempo na cidade de Munster e em Osnabruck representantes franceses, de Fernando III, dos suecos, dos austríacos e dos luteranos do norte alemão se reuniram para firmar um acordo de paz conhecido como Tratado De Westfália ou Paz de Westfália que finalmente poria fim ao conflito. Representantes espanhóis e da Holanda foram convidados e também compareceram embora a guerra entre franceses e espanhóis ainda continuasse. Os assinantes do tratado de paz concordaram com as seguintes propostas:

o calvinismo também seria aceito no Sacro Império Romano-Germânico e teria total liberdade de culto, assim como os luteranos e

católicos (os anabatistas ficaram de fora, pois não foram convidados a participar do tratado);

os territórios da Alsácia e partes da Lorena foram incorporadas ao território da França bem como três bispados na fronteira: Metx, Verdun e Toul;

os suecos se comprometeram a sair dos territórios conquistados por eles no centro e no nordeste da Alemanha e receberam portos e águas marítimas para navegação, mas a Suécia queria continuar controlando a Pomêrania Ocidental, detentora de grandes portos, com o quê os alemães concordaram;

a Espanha retirou suas pretensões de domínio nos Países Baixos e se comprometeu a retirar seus soldados e a não mais mandar soldados para a região, os holandeses passaram a dominar todos os Países Baixos incluindo as partes católicas habitadas por Valões e Flamengos, mas sua religião católica teria liberdade de culto (muitas décadas depois Flamengos e Valões formariam o Estado da Bélgica) e saíram da área de influência do Sacro Império Romano-Germânico; os senhores feudais alemães ganharam mais autonomia ainda em seu território incluindo o direito de fazer alianças com países estrangeiros; a Suíça (que não participou do tratado, pois não entrou na guerra) teve sua independência garantida, também saindo da área de influência do Sacro Império Romano-Germânico;

tropas luteranas sairiam do centro e sul da Alemanha e sua independência religiosa seria garantida sendo que o norte ganhou mais autonomia, principalmente os feudos luteranos de Brandemburgo (décadas depois o norte luterano se unirá em torno dos feudos de Brandemburgo em um grande Estado autônomo chamado Prússia que se tornará o mais capitalista e industrial da Alemanha);

o poder central do imperador do Sacro Império foi diminuído, tendo a Suécia e França direito de também opinar em sua eleição, bem como a entrada de novos senhores feudais com direito de voto para eleger o imperador.

A Paz de Westfália foi benéfica para a França, Suécia e Holanda, considerados os grandes vitoriosos da guerra. A França, no entanto, teve ainda que enfrentar tropas espanholas, mas em solo espanhol, contando com o apoio dos catalães e também dos portugueses que

se aliaram aos franceses. Em 1649 a guerra entre França e Espanha tem uma trégua com assinaturas de paz, mas o conflito só termina oficialmente com o tratado de paz dos Pireneus em 1659. A Espanha ainda enfrentará os rebeldes catalães em um conflito militar até 1652 quando os catalães assinam tratados de paz e conseguem mais autonomia na região, mas não a independência, bem como a retirada de soldados espanhóis de seu território. Os franceses ainda vão enfrentar um conflito civil em 1648, conhecido como Fronda. O sul da França foi arrasado por causa da ocupação espanhola e do conflito militar que ocorreu na região para expulsar os exércitos espanhóis. Mazzarino, cardeal católico e ministro do país, decidiu reconstruir a região cobrando mais impostos dos nobres e senhores feudais de toda a França. Muitos deles não aceitaram a proposta e foram presos. A fome aumentava no sul da França e camponeses pobres iniciaram uma revolta armada contra o governo central francês. Exércitos franceses estacionados na região reprimiram duramente os camponeses revoltosos que combatiam o exército com armas parecidas com estilingues, daí o nome Fronda para o conflito, pois fronda era o nome dado ao estilingue na França, mas senhores feudais de outras partes da França também se revoltaram contra o Estado central francês que queria aumentar os impostos sobre eles. O conflito armado se espalhou por muitas regiões do país e os rebeldes exigiram o fim do aumento de impostos e a deposição de Mazzarino do seu cargo. Tropas comandadas por Luis II entram do lado dos revoltosos e marcham sob Paris, mas foram derrotados pelo exército imperial francês. Em 1650 Mazzarino renuncia, mas os altos impostos continuam sendo cobrados. O parlamento elege Luis XIV maior de idade e o coloca no trono. O conflito termina em 1653. Mazzarino é reconduzido ao cargo de ministro. A Espanha, acreditando que a França se enfraquecera no conflito, rompe a trégua e ataca o país, mas é rechaçado em uma série de batalhas nas fronteiras sudoeste e oeste francês em 1654.

As Consequências da Guerra dos Trinta Anos

As conseqüências da Guerra dos Trinta Anos são enormes. Ela marca a decadência da família habsburgo, principalmente na Alemanha, bem como a dissolução do poder central do imperador do Sacro Império Romano-Germânico o que beneficia a França que entrou na guerra justamente para acabar com o poder dos habsburgos que cercavam o país, o grande temor francês. A Alemanha, principal palco do conflito, foi o país que mais sofreu. No norte, as guerras bem como epidemias de fome e peste mataram milhões de pessoas, cerca de metade da população da região. No sul e centro da Alemanha, bem como na Boêmia, morreram milhões por causas parecidas, cerca de 20% da população. Calcula-se que a guerra em si, bem como as epidemias de fome e doenças que dela surgiram tenham matado entre 4 a 8 milhões de pessoas em toda a Europa, basicamente na Alemanha.

Assim como os judeus, que pagaram um alto preço em perseguições por ser o povo que manteve as tradições do judaísmo e se manteve fiel à sua missão de povo escolhido de Deus, os alemães também pagaram o seu preço por terem sido os iniciadores e grandes defensores da Reforma Protestante.

O preço que os alemães pagaram por ser a pátria da Reforma foi alto, mas os Estados no norte alemão iniciarão, assim como a Inglaterra com o fim da Revolução Puritana e a Holanda, a entrada ao sistema capitalista de produção. No começo do século 18 a Prússia é criada como Estado autônomo e se torna o mais desenvolvido da Alemanha e um dos mais desenvolvidos da Europa adotando o capitalismo enquanto o sul e centro, católicos, ficam no feudalismo ainda por muito tempo e com sua economia basicamente agrário-pastoril, enquanto a Prússia se industrializa.

A Áustria também conseguirá certa independência do poder central do Sacro Império e, anexada ao norte da Itália, formará o Império Austríaco.

A França saiu como grande vencedora, mas teve o sul do seu país destruído o que iniciou a revolta da Fronda, que vai arrasar com grande parte do país. Luis XIV vai revogar o Édito de Nantes o que faz com que os huguenotes, que lutaram pela França, temendo perseguições, abandonem o país principalmente para a Suíça que terá o oeste todo ocupado por franceses e assim vai permanecer até o século 21. Em resultado o protestantismo praticamente se extingue como religião na França e o catolicismo se torna religião da maioria absoluta do povo francês com o governo de Luis XIV adotando o Absolutismo Monárquico como forma de governo, que lhe garantirá certa independência do papado. O Absolutismo, como modelo de governo, se espalhará da França para praticamente toda a Europa, com exceção da Inglaterra que em 1688 derrubará o absolutismo, através da Revolução Gloriosa, uma revolução pacífica, e instaurará a forma de governo parlamentarista, embora ainda mantenha a monarquia. Com o Absolutismo a Igreja Católica perderá muito do seu poder temporal, pois ficará submetida ao poder dos reis. Os papas terão apenas poder simbólico, embora os absolutistas, nos países católicos, apóiem firmemente a Igreja.

A Espanha continuará com suas colônias, mas perde Portugal (conseqüentemente o Brasil e colônias na África). Os espanhóis também perderão sua área de influência cultural e política em Flandres, principalmente entre os valões que passarão a sofrer influência cultural e política da França. Em 1700 o último rei habsburgo da Espanha morre sem herdeiros o que faz com que os franceses apóiem a subida de Felipe V, um Bourbon, ao trono espanhol, afastando de vez a família habsburgo do poder na Espanha. O sul da Itália também deixará a órbita de influência espanhola. Espanha e Portugal não se industrializam e, apesar de suas colônias, no final do século 17 serão mais pobres que Inglaterra e Holanda que se tornarão as grandes potências capitalistas do continente, seguidas, no século 18, pela Prússia. A Suécia passará também por um período de decadência, ficando dependente economicamente de holandeses e prussianos.

O catolicismo se expande pela América portuguesa e espanhola enquanto os protestantes avançarão na América do Norte, principalmente com os batistas, seita calvinista que surgiu na

Inglaterra e que copiou a crença anabatista de batismo só de adultos. São de cisões dentro da igreja Batista que, no século 20, surgiram as igrejas pentecostais, tendo a Assembléia de Deus como a sua representante primeira.

Conclusão

O maior conflito religioso da Europa, talvez do mundo, ensinou muita coisa aos europeus e nos ensina muito atualmente. Em primeiro lugar a crença de que a Igreja deve ser separada do Estado ficou latente neste conflito. Quando a religião, ou qualquer outra crença, é imposta, a perseguição e, também a guerra, acaba sendo inevitável. Os evangélicos serão os grandes defensores da separação entre Igreja e Estado. Em segundo lugar ficou claro que a cultura influi sim no desenvolvimento econômico de um país. Graças ao calvinismo o capitalismo se fortaleceu em muitos países da Europa se revelando uma força que o feudalismo não conseguiu debelar. Os países que mais resistiram ao seu avanço ficaram atrasados em relação àqueles que adotaram este novo sistema econômico. As idéias de Calvino (livre iniciativa, empreendedorismo, libertação da usura e do dinheiro das idéias pecaminosas que eles representavam) se constituiriam na base do capitalismo ocidental e do desenvolvimento de Inglaterra, Holanda, Prússia e Estados Unidos. A França e a Itália adotarão o capitalismo plenamente só no fim do século 18, se tornando potências industriais no século 19 (o norte da Itália se tornará plenamente independente do poder austríaco no século 19 e a partir dela a Itália será unificada com a Igreja Católica perdendo seu poder temporal no país. A França precisará de uma revolução armada, a chamada Revolução Francesa, ocorrida em 1789, para derrubar o Absolutismo bem como o feudalismo em seu país e entrar firme no capitalismo, embora continue católica). O Japão, no extremo oriente, também adotará as políticas econômicas do capitalismo ocidental na metade do século 19. Em terceiro lugar o conflito revelou o que a política tem de aparentemente contraditório, embora o mundo real seja mais feio do que o mundo das idéias. Richelieu provou isto ao salvar a França e transformá-la em grande nação quando se opôs aos católicos da

família habsburgo apoiando os luteranos ainda que fosse cardeal de uma Igreja que combatia esta religião. Às vezes, na política, as alianças nem sempre atendem ao entendimento superficial das pessoas e são contraditórias porque a realidade é assim. Em suma, a Guerra dos Trinta Anos revelou a natureza humana em sua forma mais realista.

Bibliografia

Asch, Ronald. The Thirty Years War: The Holy Roman Empire and Europe, 1618-48, Palgrave Macmillan, 1997.

Barbosa, Elaine Senise. A Encruzilhada das Civilizações: católicos, ortodoxos e muçulmanos no velho mundo. São Paulo, Ed. Moderna, 1997.

Benecke, Gerhard. Germany in the Thirty Years War. London, St. Martin's Press, 1978.

Bonney, Richard. The Thirty Years' War 1618-1648. Osprey Publishing, 2002.

Cantu, Césare. História Universal. Volumes III à XI. São Paulo, Ed. Das Américas.

Chamberlain, John. The Roots of Capitalism. Liberty Fund. Inc., 2ª ed., 1977.

Cottret, Bernard. Calvin: A Biography. Eerdmans Publishing Company, 2000.

Dodge, Theodore Ayrault. Gustavus Adolphus. Boston, Houghton, Mifflin Co., 1890.

Domini, Ambrogio. História do cristianismo: das origens a Justiniano, Lisboa, Edições 70, 1988.

Dunn, Richard. The age of religious wars: 1559-1648, New York, W. W. Norton and Company, 1970.

Durant, Will. A Idade Da Fé; tradução de Mamede de Souza Freitas, Rio de Janeiro, Record, 1985.

Durant, Will. A Reforma; tradução de Mamede de Souza Freitas, Rio de Janeiro, Record, 1986.

Eggenberger, David. An Encyclopedia of Battles. New York, Dover Publications, 1985.

Estep, William R. Renaissance Reformation. Grand Rapid, Eerdmans, 1986.

Gindely, Anthony. History of the Thirty Years' War, Volume II. BiblioBazaar, 2009.

Gaarder, Jostein. O livro das religiões. Jostein Gaarder; Victor Hellern; Henry Notaker; tradução de Iara Maria Lando. Companhia das Letras, 2000.

Guthrie, William P. Battles of the Thirty Years War: from White Mountain to Nordlingen, 1618- 1635. Greenwood Publishing Group, 2002, págs. 250-256.

Guthrie, William P. The later Thirty Years War: from the Battle of Wittstock to the Treaty of Westphalia. Greenwood Publishing Group, 2003, págs. 43-239.

Graham, W. Fred. The Constructive Revolutionary: John Calvin and his Socio-Economic Impact, Richmond, John Knox Press, 1971.

Grimberg, Carl. História Universal. Publicações Europa-América, 1940.

Hodges, C. Walter. The Puritan Revolution: The Story of Britain. Coward, McCann Geoghegan, 1972.

Jaques, Tony. Dictionary of Battles and Sieges. Volume 2 of Dictionary of Battles and Sieges: A Guide to 8,500 Battles from Antiquity Through the Twenty-first Century. Greenwood Publishing Group, 2007.

Jorge, Fernando. Lutero e a Igreja do Pecado. Osasco, Ed. Novo Século, 2007.

Kamen, Henry. The Economic and Social Consequences of the Thirty Years' War. Past and Present, 1968, págs. 44–61.

Langer, Herbert. The Thirty Year's War. England, Blandford Press, 1980.

Marley. David F. Wars of the Americas: A Chronology of Armed Conflict in the New World, 1492 to the Present, págs. 120-125.

Micelli, Paulo. As Revoluções Burguesas, São Paulo, Editora Atual, 27ª edição, 2007.

Morais, Vamberto. Pequena história do anti-semitismo. São Paulo, Difusão Europeia do Livro, 1972.

Ozment, Steven. The Age of Reform, 1250-1550: An Intellectual and Religious History of Late Medieval and Reformation Europe. Yale University Press, 2001.

Parker, T. H. L. John Calvin: A Biography. Oxford, Lion Hudson, 2006.

Pelikan, Jaroslav. Reformation of Church and Dogma (1300-1700). Chicago, University of Chicago Press, 1984.

Peters, Edward. Inquisition. New York, The Free Press, 1988

Ringmar, Erik. Identity, interest and action: A cultural explanation of Sweden's intervention in the Thirty Years War. Cambridge

University Press, 1996.

Roberts, Knecht. The French Religious Wars 1562-1598. Osprey Publishing, 2002.

Rosay, Jean Mathieux. La véritable histoire des papes, Paris, Jacques Grancher, 1991.

Spitz, Lewis Williams. The Protestant Reformation, 1517-1559. Concordia College, 2003.

Tawnwy, Richard H. Religion and the rise of capitalism. New York, Mentor, 1952.

Trocmé, André. Jesus Cristo e a revolução não-violenta. Petrópolis, Vozes, 1973.

Torbet, Robert G. The Protestant Reformation. Judson Press, 1961.

Wallace, Peter G. The Long European Reformation: Religion, Political Conflict and the Search for Conformity, 1350-1750. Palgrave Macmillan, 2003.

Weber, Max. A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo. São Paulo, Martin Claret, 2002.

Wedgwood, Cicely Veronica. The Thirty Years War, Later Printing edition, 2005.

Wilson, Peter H. Europe's Tragedy: A History of the Thirty Years War. Allen Lane, 2009.

Zamora, José Maria Jóver. História Universal. Madrid, España-Calpe, 1968.

Publisher:
BookRix GmbH & Co. KG
Sonnenstraße 23
81669 Munich
Germany

Publication Date: May 31st 2016

http://www.bookrix.com/-rpaa995f9df4275

ISBN: 978-3-7396-5631-1

BookRix-Edition, publishing information
We thank you for choosing to purchase this book from BookRix.com. We want to invite you back to BookRix.com in order to evaluate the book. Here you can discuss with other readers, discover more books and even become an author yourself.

Thank you again for supporting our BookRix-community.